

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

CAMILA SOUZA NERIS

**AS VOZES DO DISCURSO POLÍTICO: UMA
ABORDAGEM MODULAR**

VITÓRIA
2012

CAMILA SOUZA NERIS

**AS VOZES DO DISCURSO POLÍTICO: UMA
ABORDAGEM MODULAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos PPGEL, do departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de concentração: Estudos sobre Texto e Discurso.

Orientadora: Professora Dr^a. Micheline Mattedi Tomazi

VITÓRIA
2012

CAMILA SOUZA NERIS

**AS VOZES DO DISCURSO POLÍTICO: UMA
ABORDAGEM MODULAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de concentração: Estudos sobre Texto e Discurso.

Aprovada em ____ de 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Micheline Mattedi Tomazi
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Janice Helena Chaves Marinho
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof^ª. Dr^ª. Adrete Terezinha Matias Grenfell
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

À minha mãe amada, minha fonte eterna de
inspiração e razão de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado força em todos os momentos, sobretudo naqueles em que os ventos pareciam contrários à minha trajetória, por ter me conduzido até aqui e permitido mais essa vitória em minha vida.

À minha querida orientadora, Micheline pelo trabalho sério, competente, pelo amparo, pela ajuda inestimável, pela postura ética e por mais que orientadora, por ter sido minha amiga e companheira nesta longa trajetória.

À Regina Vago, pelo carinho, atenção e gentileza com que me recebeu e discutiu comigo algumas partes desta dissertação.

À minha amiga Clecy, por ter colaborado tanto e por ter sido tão especial para mim.

À minha amiga Silênia, pela acolhida fraterna, por todo apoio e carinho.

A todos os amigos e pessoas que torceram e oraram por mim durante esta caminhada.

À professora Janice, pela tão valorosa e generosa ajuda no exame de qualificação que me permitiu o aprimoramento deste trabalho.

“Valeu a pena? Tudo vale a pena quando a alma
não é pequena”.

Fernando Pessoa.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma descrição e uma análise do discurso de pronunciamento do pré-candidato do PSDB, José Serra, à presidência da República nas eleições de 2010. A dissertação propõe analisar como o funcionamento discursivo do fenômeno da autofonia e do fenômeno da polifonia presentes no discurso de José Serra ajudam o candidato a legitimar sua candidatura na tentativa de chegar à Presidência do país. O suporte teórico-metodológico adotado é o Modelo de Análise Modular (doravante MAM), apresentado pela Escola de Genebra, e amplamente detalhado por Roulet e seus pesquisadores (1999, 2001). Propomos, diante do objetivo e do suporte teórico-metodológico escolhido, analisar o discurso de José Serra nos atendo às dimensões referencial, interacional e hierárquica e às formas de organização relacional, enunciativa e polifônica. A adoção das citadas dimensões e formas de organização nos permitiu detectar os fenômenos da autofonia e da polifonia como estratégias discursivas usadas pelo pré-candidato para persuadir os eleitores e legitimar o seu discurso.

PALAVRAS CHAVE: Discurso Político; Modelo de Análise Modular; Autofonia; Polifonia;

RÉSUMÉ

Ce présent travail a comme objectif présenter une description et une analyse du discours de prononcement du pré-candidat du PSBD, José Serra, à la présidence de la République aux élections de 2010. La dissertation propose d'analyser comment le fonctionnement discursive du le phénomène d'autophonie et le phénomène du polyphonie présents dans le discours de José Serra aident le candidat à légitimer leur candidature aux tentative d'arriver à la présidence du pays. Le support théorique et méthodologique adoptée est le Modèle d'Analyse Modulaire (dorénavant MAM) présenté par l'École de Genève, et amplement détaillé par Roulet et ses investigateurs (1999, 2001). Nous proposons, devant l'objectif et du support théorique et méthodologique choisi, d'analyser le discours de José Serra en focalisant notre attention sur les dimensions référentielle, interactionnelle et hiérarchique et la formes d'organisation relationnelle, énonciative et polyphonique. L'adoption des référees dimensions et de ces formes d'organisation nous permettra de détecter les phénomènes d'autophonie et de la polyphonie comme stratégies discursives utilisées par une pré-candidat pour convaincre les électeurs et légitimer leur discours.

MOTS CLÉ: Discours Politique; Modèle d'Analyse Modulaire; Autophonie; Polyphonie.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Representação conceitual do discurso político.....	58
Figura 2- Estrutura conceitual do discurso político de José Serra.....	59
Figura 3- Estrutura praxeológica do discurso político de José Serra.....	61
Figura 4- Representação do silogismo.....	62
Figura 5- Representação praxeológica de um discurso expositivo narrativo.....	63
Figura 6- Estrutura praxeológica do início do discurso de Serra.....	64
Figura 7- Estrutura Praxeológica dos objetivos de José Serra.....	65
Figura 8- Estrutura Praxeológica dos argumentos de José Serra.....	66
Figura 9- Representação do processo de negociação.....	78
Figura 10- Representação reproduzida do processo de negociação.....	79
Figura 11- Representação do processo de negociação no discurso de José Serra.....	79
Figura 12- Macroestrutura hierárquico-relacional da 1ª parte do discurso de José Serra em Brasília.....	88
Figura 13- Microestrutura hierárquico-relacional do início do discurso de José Serra.....	92
Figura 14- Microestrutura hierárquico-relacional dos objetivos de José Serra.....	96
Figura 15- Microestrutura hierárquico-relacional dos argumentos de José Serra.....	98
Figura 16- Microestrutura hierárquico-relacional do valor educacional para José Serra.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Representação gráfica do Modelo de Análise Modular.....	39
Quadro 2- Representação gráfica do percurso de análise no discurso de José Serra.....	40
Quadro 3- Categorias da dimensão referencial, segundo Rufino.....	58
Quadro 4- Proposta do quadro acional 1.....	68
Quadro 5- Proposta do quadro acional 2.....	70
Quadro 6- Enquadres interacionais da produção escrita do discurso de José Serra para o pronunciamento.....	73
Quadro 7- Enquadres interacionais do discurso de José Serra em Brasília.....	74
Quadro 8- Enquadres interacionais do discurso de José Serra na Internet.....	75
Quadro 9- Relações interativas possíveis em um discurso	84
Quadro 10- Relações interativas no discurso de José Serra.....	86

SUMÁRIO

RESUMO	06
RÉSUMÉ	07
LISTA DE FIGURAS	08
LISTA DE QUADROS	09
APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO I — O FENÔMENO DA POLIFONIA NA PERSPECTIVA LINGUÍSTICO DISCURSIVA: AS VOZES DOS TEÓRICOS	16
1.1- Bakhtin: dialogismo ou dialogização interna do discurso.....	17
1.2- Ducrot: a teoria polifônica da enunciação.....	20
1.3- Authier-Revuz: heterogeneidade mostrada e constitutiva.....	23
1.4- Charaudeau: a <i>mise en scène</i> enunciativo-polifônica	25
1.5- A polifonia na análise modular do discurso.....	28
CAPÍTULO II — O MODELO E O INSTRUMENTO DE ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO: UMA VISÃO GLOBAL DA COMPLEXIDADE DISCURSIVA E O PERCURSO MODULAR PARA A ANÁLISE DO DISCURSO DE JOSÉ SERRA	31
2.1- O modelo de análise modular: a origem, os conceitos e a organização.....	32
2.2- O percurso de análise no discurso de José Serra.....	39
2.3- O discurso político e seus fundamentos.....	41
2.4- Caracterização e aspectos determinantes do discurso político-eleitoral.....	44
2.5- Os argumentos de José Serra.....	48
2.6- A construção da identidade de José Serra no discurso.....	51
CAPÍTULO III — O DISCURSO DE PRÉ-CANDIDATURA DE JOSÉ SERRA E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: PRIMEIROS CAMINHOS PARA A ANÁLISE DAS VOZES AUTOFÔNICAS E POLIFÔNICAS	55
3.1- A construção das estratégias discursivas de José Serra: o módulo referencial.....	56
3.1.1- O discurso de José Serra: a representação praxeológica e a estrutura praxeológica.....	60
3.1.2- O discurso de José Serra e o quadro acional.....	67
3.2- A complexidade das interações do Discurso de José Serra: o módulo interacional.....	71
3.3- O Módulo hierárquico e a forma de organização relacional.....	77
3.4- A dimensão hierárquico-relacional e o início do discurso de José Serra.....	91
3.5- A dimensão hierárquico-relacional e os objetivos de José Serra.....	95
3.6- A dimensão hierárquico-relacional e os argumentos de José Serra.....	97
3.7- A dimensão hierárquico-relacional e o valor educacional para José Serra.....	100

CAPÍTULO IV- O DISURSO DE PRÉ-CANDIDATURA DE JOSÉ SERRA: ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DAS VOZES	
.....	105
4.1- A forma de organização enunciativa: a presença das vozes.....	106
4.2- A forma de organização polifônica: o funcionamento das vozes.....	108
4.3- As vozes que introduzem a campanha e os objetivos de José Serra.....	109
4.4- A voz que anuncia as propostas, as metas e as ações de um bom governante.....	118
CONCLUSÕES.....	128
REFERÊNCIAS.....	134
ANEXO.....	138

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de dissertação tem por objetivo analisar, no discurso da pré-candidatura do ex-governador de São Paulo, José Serra, à presidência da República, nas eleições de 2010, o funcionamento discursivo da autofonia e da polifonia como estratégia usada pelo pré-candidato para legitimar sua candidatura, convencer os eleitores a elegê-lo e contextualizar o momento histórico-político.

O discurso do pré-candidato que, num primeiro momento, pareceu-nos “coisa de político” ou, simplesmente, “discurso para ganhar a campanha”, chamou-nos a atenção pela sua estrutura expositivo-narrativa e pela presença de vozes encenadas, características que nos fizeram pensar em um estudo mais refinado desse discurso como contribuição para a pesquisa linguístico-discursiva.

No proferimento de José Serra, tanto a presença das vozes alheias, quanto a presença de sua própria voz, no presente ou no passado, levou-nos a considerar que seu discurso fora utilizado para legitimar seu objetivo de ser eleito presidente da nação. Assim, acreditamos que, por meio dessas vozes, o pré-candidato procura mostrar as razões pelas quais ele é o mais indicado para assumir tal cargo. O uso do *slogan* o “Brasil pode mais” possibilita entender que José Serra quer governar junto ao povo, assim como falar de suas crenças e valores, evidenciando que tem muito a fazer pelo Brasil, sendo, desse modo, o candidato ideal.

Segundo a mídia, o discurso de Serra dividiu opiniões e incomodou a coordenação da campanha adversária. Há, por outro lado, críticas de que Serra teria copiado o modelo de Barak Obama, ao proferir um discurso histórico como o primeiro candidato presidencial negro de um grande partido americano. Obama insistiu em um *slogan* de mudança, criticou seu rival John McCain e pela primeira vez especificou suas propostas para a presidência. Aqui no Brasil, parece que Serra segue a mesma linha do candidato americano: adotou o *slogan* político “O Brasil pode mais”; criticou o atual governo de Lula; e expôs seus projetos, seus objetivos e planos para a nação brasileira. Barak Obama fala de sua vida pessoal, seus sonhos, suas lutas, suas conquistas e cita exemplos pessoais de honestidade e caráter, usando seus familiares. O que nos parece, embora não seja nossa intenção fazer uma análise comparativa, é que Serra faz a mesma coisa. Ele dá exemplos de sua trajetória pessoal e política, conta histórias de sua infância e de sua juventude, expõe suas lutas e conquistas, e também cita seu próprio pai como exemplo de um homem trabalhador.

Além disso, gostaríamos de ressaltar a eficácia do *slogan* “O Brasil pode mais”, considerando nele a inserção do verbo poder. Acreditamos que o uso do referido verbo no *slogan* do pré-candidato revela uma força ideológica, que confere ao seu discurso autoridade e o ajuda na construção de uma identidade política fidedigna, crível e legítima. Ao mesmo tempo, o *slogan* em questão, criado na tentativa de persuadir o eleitorado, ganha importância pelo fato de transmitir um “efeito de verdade”, ou seja, baseia-se na intenção do candidato de tentar ser verdadeiro, fazendo com que o público acredite nele a ponto de escolhê-lo como presidente da nação.

Dessa forma, para analisar a complexidade do discurso de José Serra e as vozes presentes no mesmo, escolhemos como suporte teórico-metodológico o Modelo de Análise Modular (MAM) apresentado pela Escola de Genebra, e amplamente detalhado por Roulet e seus pesquisadores (1999 – 2001), por julgarmos tal modelo como um instrumento de análise composto de um quadro teórico, descritivo, explicativo e metodológico que permite a compreensão das atividades discursivas do pré-candidato, assim como da heterogeneidade de tais atividades.

O MAM apresenta módulos que definem cinco tipos de informação: os módulos lexical e sintático, responsáveis pela dimensão linguística; o módulo hierárquico, responsável pela dimensão textual; e os módulos referencial e interacional, responsáveis pela dimensão situacional. O objeto de estudo do modelo é o discurso em suas dimensões linguística, textual e situacional, o que permite que se investiguem todos os aspectos relacionados a uma interação verbal. Há, ainda, as informações resultantes dos módulos, que se combinam e se inter-relacionam na produção e na interpretação do discurso. À combinação dessas informações damos o nome de formas de organização do discurso, cuja descrição depende da acoplagem entre as informações modulares ou outras informações derivadas das mesmas.

Pretende-se, demonstrar que o Modelo de Análise Modular é um instrumento teórico-metodológico eficaz, que serve para a análise de discursos mais complexos e, como tal, nos ajudará a entender a organização do discurso de José Serra.

Nesse sentido, temos a intenção de evidenciar com essa pesquisa que a autofonia e a polifonia, considerando os procedimentos linguísticos e discursivos para sua instauração, uma vez engendradas nas estruturas expositivo-narrativas do discurso político de José Serra, simbolizam não só a voz do pré-candidato ou a retomada da voz do outro ou das vozes alheias, mas, sobretudo, corroboram na construção da identidade de um candidato que reflete o poder e a legitimidade da palavra política. Temos, ainda, a intenção de evidenciar que o uso

da polifonia no discurso político é um recurso utilizado para a construção de efeitos de verdade e ajuda no trabalho de persuasão e legitimação do discurso que escolhemos para análise.

Nossa proposta é mostrar como e por que as vozes inseridas no discurso de José Serra são acionadas no processamento discursivo, para a legitimação de ideais políticos, e na persuasão dos ouvintes/interlocutores/eleitores. Do mesmo modo, queremos mostrar que a origem e a função dessas vozes são essenciais para que se descubra quem fala, e por que se fala em um determinado contexto de produção.

Assim sendo, para atender o objetivo de nossa pesquisa, propomo-nos a analisar o discurso do pré-candidato, José Serra, iniciando pela descrição e análise dos módulos referencial e interacional, tendo em vista que esses irão nos fornecer dados e informações imprescindíveis às análises enunciativo-polifônicas. Depois, faremos a descrição e as análises hierárquico-relacionais, que nos permitirão compreender a organização do discurso do pré-candidato, assim como o tipo de relação existente entre seus argumentos. Por último, trabalharemos as formas de organização enunciativa e polifônica, explicitando, assim, o fenômeno da autofonia e o fenômeno da polifonia e suas funções ao longo do discurso.

Este trabalho é constituído de quatro capítulos e da conclusão.

O primeiro capítulo traz à baila uma abordagem sobre o fenômeno da polifonia na perspectiva linguístico-discursiva, assim como sua visão na linguagem de diversos teóricos como: Bakhtin (2002, 2003, 2006), Ducrot (1987), Authier-Revuz (2004), e Charaudeau (1983, 2001, 2008). Em seguida, ainda no primeiro capítulo, começamos a abordar a polifonia, sob o olhar da análise modular do discurso.

O segundo capítulo apresentará o MAM, considerando sua origem, seus conceitos e sua organização. Nesse capítulo, propomos um percurso de análise no discurso de pré-candidatura de José Serra, assim como propomos uma descrição do discurso político, mostrando seus fundamentos, sua caracterização e seus aspectos determinantes. Ainda no segundo capítulo será abordada a caracterização e os aspectos determinantes do discurso político eleitoral, bem como os argumentos de José Serra e a construção de sua identidade.

O terceiro capítulo tratará das condições de produção que envolvem o discurso de José Serra, fazendo um estudo dos módulos referencial e interacional, que estão ligados à dimensão situacional. O primeiro módulo descreverá as representações conceituais e praxeológicas das atividades desenvolvidas por José Serra em seu pronunciamento, traçará a diferença entre a representação praxeológica e a estrutura praxeológica e mostrará a

construção do quadro acional que representa as propriedades e as ações da interação efetiva do discurso do pré-candidato.

O módulo interacional definirá as propriedades materiais da situação de interação do discurso e das situações de interação que ele representa em diferentes níveis. Além disso, o capítulo tratará, ainda, da dimensão hierárquica e da forma de organização relacional que nos permitem enxergar a organização do discurso do pré-candidato, bem como as relações existentes entre os argumentos usados por ele.

O quarto capítulo nos falará das formas de organização enunciativa e polifônica, que são responsáveis por explicitar a origem e a função das vozes, que se apresentam no discurso do pré-candidato.

A conclusão apresentará as considerações feitas, por meio da pesquisa, apontando seus possíveis resultados.

CAPÍTULO I:

O fenômeno da polifonia na perspectiva linguístico discursiva: as vozes dos teóricos

Neste capítulo, procuramos discorrer sobre o fenômeno da polifonia no âmbito da linguística discursiva. Partimos do conceito do termo polifonia e seu surgimento entre os estudiosos da filosofia, da linguística e da análise do discurso. Para tanto, recorreremos às vozes de alguns teóricos que abordam a polifonia e que contribuem, de alguma forma, para a noção de polifonia que será abordada em nosso trabalho.

Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 385) afirmam que a polifonia é um termo emprestado da música, “que alude ao fato de que os textos veiculam, na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes: o autor pode fazer falar várias vozes ao longo de seu texto”.

Considerando o uso do termo polifonia, na linguística, sabemos que ele foi cunhado por Bakhtin (2002), quando o filósofo analisou a obra literária em “*Problemas da poética de Dostoiévski*” e percebeu o espetáculo de vozes presentes nas prosas romanescas.

Desde os anos 80, o termo polifonia passou a fazer parte do interesse da linguística que, ao se preocupar com o texto, integrou em seus estudos a questão das vozes. A polifonia, depois de ocupar um lugar privilegiado entre os estudiosos da literatura que desenvolveram abordagens polifônicas a partir da obra de Bakhtin, passa, então, a ocupar um lugar de destaque entre os linguistas que também buscaram o contato com a obra bakhtiniana.

A partir do trabalho desenvolvido por Ducrot (1987), que introduziu a noção de polifonia na Linguística, ao apresentar a distinção entre o locutor e o enunciador, muitos pesquisadores passaram a se ocupar da polifonia a partir de uma visão mais ampla que não se limita à análise de enunciados ou de breves segmentos isolados, mas à análise das diversas formas de manifestação de diferentes vozes no texto. Dessa forma, se encontramos o termo polifonia em diferentes contextos é porque a maleabilidade da noção permite que ela seja pensada em todos os seus estados, seja na linguística, tomando-a como uma noção abstrata da língua, seja na análise do discurso, tomando-a como um fenômeno concreto de fala.

Assim sendo, alguns autores desenvolveram a noção de polifonia por ângulos diferentes, considerando-se as várias leituras que se pode fazer desse termo. Hoje, em pleno

século XXI, a questão da polifonia na linguística e na análise do discurso é ainda tema de interesse para diversos estudiosos. Daí a importância de se resgatar a noção de polifonia, desde a tradição bakhtiniana, para chegarmos aos pesquisadores que se dedicaram a esse fenômeno na atualidade.

Nossa intenção é, portanto, discorrer sobre o fenômeno da polifonia em trabalhos de diferentes estudiosos, cujas pesquisas representam uma contribuição significativa para a noção de polifonia. Para tanto, partimos da tradição bakhtiniana da polifonia, passamos pelo trabalho de Ducrot (1987), apresentamos a contribuição de Authier-Revuz (2004) e de Charaudeau (1983, 2001 e 2008) e, em seguida, mostramos a acepção genebrina da polifonia com base em Roulet, Filliettaz e Grobet (2001). Ressaltamos que nosso desejo é apresentar a questão da polifonia no âmbito da linguística-discursiva, enfocando alguns teóricos que contribuíram de alguma forma para essa questão, podendo, portanto, faltar em nosso trabalho um estudo detalhado da forma como outros pesquisadores abordam o mesmo fenômeno, tanto na linguística quanto na análise do discurso.

1.1 - Bakhtin: dialogismo ou dialogização interna do discurso

A polifonia, em Bakhtin, desenvolveu-se no meio literário, quando o teórico estudou a obra de Dostoiévski e caracterizou o romance do autor de plurivocal, por apresentar uma multiplicidade de vozes. Estudando Dostoiévski, Bakhtin (2002, p. 4) diz que: “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski”.

Para Bakhtin (2002, p. 5), “Dostoiévski é o criador do romance polifônico” e as vozes de seus personagens apresentam uma independência excepcional na estrutura da obra. Nos romances de Dostoiévski, a voz da personagem se estrutura da mesma forma como se estrutura a voz do próprio autor. Como diz Bakhtin (2002, p. 5), é como “se soasse ao lado da palavra do autor”. Assim, estudando Dostoiévski, Bakhtin (2002) compreende que a essência polifônica consiste, exatamente, no fato de as vozes permanecerem independentes e, como tais, combinarem-se numa unidade de ordem superior à da homofonia.

O que ganha destaque para Bakhtin no estudo sobre a obra de Dostoiévski é essa multiplicidade de vozes e consciências que povoam os romances do autor, dando a eles um

caráter dialógico que permite aos sujeitos do discurso se constituírem por meio de uma completa interação.

Ao falar em polifonia, Bakhtin diz que

aquilo de que nós falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. (...) Mas, o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, ‘em pessoa’, como uma unidade integral da construção (BAKHTIN, 2006, p. 147).

Dessa maneira, o autor define a polifonia como sendo as várias vozes sociais que se cruzam, se entrelaçam e se defrontam para dar um significado ao discurso.

O princípio dialógico na obra bakhtiniana apresenta uma visão de linguagem impregnada pela presença do outro, tendo em vista que nossas palavras não são propriamente nossas, mas são o resultado da interação com o outro, que será sempre aquele para quem se planeja, se ajusta a fala.

Ainda, nessa visão:

a palavra dirige-se a um a interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (BAKHTIN, 2006, p. 114, grifos do autor).

Na realidade, para Bakhtin (2003), o termo polifonia pode referir-se à multiplicidade de vozes, à variedade de línguas, de estilos ou até à pluralidade de vozes no interior de um discurso. Para o filósofo russo, somente o Adão mítico teria uma linguagem original; assim sendo, todas as outras linguagens são sempre e inevitavelmente constituídas pelas vozes alheias. É o processo de interação com o outro que constitui a nossa linguagem em uso. Daí se dizer que o princípio unificador da obra bakhtiniana está centrado na sua concepção dialógica da linguagem. Isso equivale a dizer que, para constituir o seu discurso, um enunciador levará sempre em conta o discurso do outro, que estará presente no seu.

Na verdade, em Bakhtin (2003), o que se chama de dialogismo é essa “polifonia” interna de vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo um diálogo infinito com outros textos.

Podemos dizer que Bakhtin teve grande preocupação na análise do “eu” e do “outro”. Ele parte sempre do princípio de que “eu”, primeira pessoa, só me constituo a partir do “outro”, segunda pessoa, e, esse outro me é dado no mundo exterior a mim. Em Bakhtin (2006, p. 115), “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”.

Os trabalhos de Bakhtin são de suma importância no estudo da polifonia, porque nos ajudam na compreensão do tema com uma visão de mundo ligada à construção do sentido que as várias vozes podem ter no discurso. Podemos dizer que esse sentido é aquele decorrente de procedimentos discursivos que se utilizam em textos que apresentam um caráter dialógico, ou seja, é o sentido gerado em decorrência das estratégias discursivas acionadas.

De forma geral, para fim de nossa pesquisa, o trabalho do autor também ganha enorme significação, uma vez que o princípio bakhtiniano de polifonia foi indispensável para que tanto a linguística quanto a análise do discurso desenvolvessem abordagens polifônicas. Assim sendo, Roulet, Fillietaz e Grobet (2001) incorporaram em seu quadro teórico/metodológico, que constitui o Modelo de Análise Modular (doravante MAM), a perspectiva interacionista e dialógica de Bakhtin.

Dès les années trente, a mis en évidence la nécessité de dépasser une approche grammaticale de ce qu'on appelle traditionnellement le discours rapporté au profit d'une approche discursive: "Le discours rapporté, c'est le *discours dans le discours*, l'*énonciation dans l'énonciation*, mais c'est, en même temps, un *discours sur le discours*, une *énonciation sur l'énonciation*"¹ (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 277, grifos do autor).²

Dessa maneira, Roulet, Fillietaz e Grobet (2001) entendem que Bakhtin dirige a atenção sobre a necessidade de descrever a maneira pela qual o locutor/escritor, na interação verbal, seleciona, retrata e subordina o seu próprio discurso ao discurso alheio, portanto, sobre a maneira pela qual ele antecipa em seu próprio discurso as reações do outro.

Roulet, Fillietaz e Grobet (2001) defendem a importância do trabalho desenvolvido pelo pensador russo ao pressupor que a verdadeira essência da linguagem é o evento social que consiste na interação verbal. Por isso, na abordagem modular do discurso, baseados nas ideias bakhtinianas, os pesquisadores genebrinos incluem a dimensão situacional, que consiste no enfoque das condições de produção e interpretação do discurso, tendo em vista os aspectos referenciais (que tratam das relações que o discurso tem com o mundo, no qual ele é produzido e o mundo que ele representa) e interacionais (que tratam da materialidade de uma situação de interação entre dois ou mais interlocutores). É, pois, nesse sentido que os estudos bakhtinianos orientam, atravessam e inspiram as reflexões de Roulet, Fillietaz e Grobet (2001) na composição do MAM.

¹ Desde os anos trinta, colocou em evidência a necessidade de ultrapassar uma visão gramatical do que se chama tradicionalmente o discurso relatado em proveito de uma visão discursiva: "o *discurso citado*, é o *discurso no discurso*, a *enunciação na enunciação*, mas é ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso*, uma *enunciação sobre a enunciação*" (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 277, grifos do autor).

² Gostaríamos de ressaltar que todas as traduções feitas neste trabalho são de nossa inteira responsabilidade.

1.2 - Ducrot: a teoria polifônica da enunciação

Ducrot (1987, p. 161) estuda a polifonia tendo como base os postulados de Bakhtin. Para o autor, a teoria de Bakhtin “sempre foi aplicada a textos, ou seja, a sequências de enunciados, jamais aos enunciados de que estes textos são constituídos”. Sendo assim, essa teoria bakhtiniana não chegou a colocar em dúvida o postulado de acordo com o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz. É essa concepção bakhtiniana da unicidade do sujeito que Ducrot e alguns de seus contemporâneos defendem, contestam, questionam, criticam e substituem, procurando mostrar que um enunciado comporta mais de um sujeito.

Ducrot (1987) apresenta a polifonia como uma multiplicidade de pontos de vista expressos em um enunciado único. Ou seja, o locutor pode se exprimir através de outras vozes que não a sua, criando certos efeitos em sua enunciação. Segundo Ducrot (1987), em um mesmo discurso, em um mesmo enunciado, pode-se exprimir uma pluralidade de vozes dos enunciadores, isto é: uma polifonia. Ele postula que as palavras, organizadoras do discurso, dizem muito mais do que parecem estar dizendo. Isto é, a superfície textual, o que está explícito através das formas linguísticas, é um dos componentes da construção do sentido do texto, não é, pois, o único componente. Assim sendo, em nosso papel de co-produtores dos textos veiculados pelo sujeito, temos que nos remeter aos elementos que circundam os atos de linguagem, para compreender a profusão de informações, efeitos de sentido que o uso da linguagem é capaz de produzir.

Em contraposição à teoria da unicidade do sujeito, Ducrot (1987) entendeu que é possível haver mais de um sujeito em um discurso e, mais do que isso, afirmou ser perfeitamente possível estarem presentes, em um único enunciado, vários sujeitos, e esses sujeitos são responsáveis pelas atividades psicológicas e fisiológicas ligadas à enunciação. Por isso:

dizer que um certo X é o sujeito do enunciado “o tempo está bom” dito em um certo momento, num certo lugar, é atribuir a X o trabalho muscular que permitiu tornar audíveis as palavras: *o tempo está bom*; e é atribuir-lhe também a atividade intelectual subjacente- formação de um julgamento, escolha das palavras, utilização de regras gramaticais (DUCROT, 1987, p. 178, grifos do autor).

Em Ducrot (1987) temos dois tipos de sujeito: o locutor e os enunciadores. O primeiro, o locutor, é entendido como o responsável pelo que é dito, já os enunciadores são vistos como correspondentes aos pontos de vista, às perspectivas diferentes dentro do enunciado. Dentro dessa teoria, o sujeito é aquele que dita uma ordem, faz um questionamento, afirma etc. Dessa

forma, no enunciado tomado da citação acima, “o tempo está bom”, o mesmo X que elaborou esse período é o mesmo que afirmou a boa condição do tempo.

Dentro da figura do locutor, Ducrot (1987) vê a necessidade de distinguir, ou seja, desdobrar a figura do locutor em **L**, que tem exclusivamente a propriedade de ser responsável pela enunciação, e **Y**, uma pessoa completa, que possui, entre outras propriedades, a de ser origem do enunciado. Para o autor, **L** e **Y** têm em comum a característica de serem seres do discurso e, assim sendo, constituem-se no sentido do enunciado e seu estatuto metodológico é, pois, totalmente diferente daquele do sujeito empírico.

Ducrot (1987) ignora as propriedades do autor empírico, uma vez que prefere analisar os enunciados enquanto construções linguísticas. Ele analisa os sujeitos da enunciação, tais como se apresentam no sentido dos enunciados. Entre os sujeitos, Ducrot (1987, p. 192) distingue, ainda, a figura dos **enunciadores** e postula que estes são “seres considerados como aqueles que se expressam através da enunciação, sem que para tanto lhes sejam atribuídas palavras precisas”. Em outras palavras, podemos afirmar que os enunciadores não expressam palavras, mas são vozes implícitas, que expressam pontos de vista, os quais são organizados pelo locutor, para identificar-se com os mesmos, ou mesmo para se opor a eles.

A existência dos enunciadores é decorrente da imagem que deles oferece a enunciação produzida por **L**. Eles falam, mas somente no sentido em que a enunciação expressa seu ponto de vista, sua posição, mas não no sentido material do termo, suas palavras.

Ducrot (1987) percebe que, ao fazer falar diferentes enunciadores, o locutor pode assumir posições distintas com relação a esses pontos de vista expressos nos enunciados. Há três posições possíveis: na primeira, teríamos o locutor sendo assimilado como um dos enunciadores, ou seja, há uma identidade entre eles como no caso da asserção; na segunda, o locutor aprova seu enunciador, como é o exemplo da pressuposição e, finalmente, na terceira posição, não há identidade entre locutor e enunciador como ocorre no humor.

No entanto, segundo Ducrot (1987), o posicionamento assumido por **L** dependerá das intenções do locutor. Esse tanto pode organizar perspectivas diversas, a fim de reforçar sua posição, dando, desse modo, voz a certo ponto de vista, de forma a mostrar sua falibilidade, por exemplo, como pode fazer ouvir uma voz, que representa certo grupo ou classe social, com a qual concorda. Podemos dizer, dessa forma, que, nesse ponto, Ducrot está muito próximo do dialogismo bakhtiniano, só que, enquanto o dialogismo de Bakhtin é visto de dentro, o de Ducrot é visto de fora. Isto é, enquanto Bakhtin leva em consideração as vozes que falam no interior de um discurso e considera aspectos externos à língua, Ducrot estuda

aspectos estritamente linguísticos e analisa as diferentes vozes presentes em um mesmo enunciado.

Ducrot (1987), apesar de não ter desenvolvido uma verdadeira teoria da polifonia, como afirmam Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 385), apresentou uma concepção de polifonia voltada para fenômenos que estão inscritos na língua, e levou em consideração a multiplicidade de vozes e os pontos de vista diferentes dentro de um discurso.

Diante disso, podemos dizer que Ducrot (1987) contribuiu para a proposta de Roulet, Filliettaz e Grobet (2001). Para esses autores:

Ducrot (Ducrot 1984) apporte une contribution significative à l'étude de la structure polyphonique des énoncés, qui a inspiré les travaux récents en analyse du discours.³ (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 23).

As análises de Ducrot (1987) ultrapassam a descrição de atos de linguagem isolados para descrever os encadeamentos existentes entre os atos do discurso que são marcados pelos conectores. Por isso, os conectores argumentativos estudados por Ducrot desempenharam um papel muito importante para o MAM, no que diz respeito à segmentação do texto em atos e de maneira geral, no que tange à construção das intervenções que são os constituintes imediatos das trocas.

Nesse sentido, Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) percebem que os conectores argumentativos, estudados por Ducrot, estabelecem relação entre dois ou mais enunciados e nos dão instruções sobre como articular as informações veiculadas pelos constituintes do discurso, e, eventualmente, as informações implícitas, o que permite aumentar consideravelmente a interpretação dos discursos.

Dessa maneira, o trabalho de Ducrot (1987) traz uma contribuição significativa para o estudo da estrutura polifônica dos enunciados que pode ser percebida nas pesquisas recentes em análise do discurso, mais especificamente, na abordagem modular de Roulet, Filliettaz e Grobet (2001).

Marinho (2007, p. 40) diz que o ato é visto pelo MAM como a unidade mínima de negociação, ou seja, a unidade da estrutura hierárquica e não se confunde com o ato de linguagem definido pela teoria dos atos de fala que, para a autora, “considerava os atos isoladamente e propunha uma definição de ato ilocucionário que provinha de uma abordagem metodológica ascendente e que de fato remetia à proposição gramatical”.

³ Ducrot traz uma contribuição significativa ao estudo da estrutura polifônica dos enunciados, que inspirou trabalhos recentes na Análise do Discurso. (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 23).

O trabalho de Ducrot (1987) ganha relevância em nossa dissertação por apresentar uma visão de polifonia diferente da proposta por Bakhtin. Seus trabalhos também orientam nossa pesquisa, porque dizem respeito à inscrição do locutor no discurso, assim como sua subjetividade.

1.3 - Authier-Revuz: heterogeneidade mostrada e constitutiva

O conceito de heterogeneidade proposto pela Análise do Discurso Francesa parte do princípio de que a linguagem é heterogênea, ou seja, o discurso é tecido a muitas vozes, pelo já dito. Sendo assim, todo discurso é atravessado, ocupado, habitado pelo discurso do outro. Dessa forma, surge a noção de que a fala é constitutivamente heterogênea.

Authier-Revuz (2004) apresenta e discute a noção de heterogeneidade discursiva, ou seja, a presença do outro no discurso. Seu trabalho, que atingiu grande destaque teórico, tem suporte nas teorias psicanalíticas de descentramento do sujeito e no conceito de dialogismo bakhtiniano.

De Bakhtin, a autora toma o postulado da interação com o outro como lei constitutiva de todo e qualquer discurso. O conceito de heterogeneidade, em Bakhtin (2003), é entendido como multiplicidade, conflito e inacabamento, e não só como alteridade. Para o teórico russo, o ser humano não pode ser concebido fora das relações que o ligam ao outro. Sendo assim, para o autor só nos tornamos conscientes de nós mesmos, quando nos revelamos para o outro, através do outro, e com a ajuda do outro. Authier-Revuz (2004) parte do princípio bakhtiniano de que, em um discurso, as palavras são, sempre e inevitavelmente, as palavras dos outros.

Authier Revuz (2004, p. 12) formula o conceito de heterogeneidade mostrada e de heterogeneidade constitutiva. Segundo ela, a heterogeneidade mostrada “compreende formas que indicam a inscrição do outro no discurso”. Essa heterogeneidade altera a aparente unicidade da cadeia discursiva, pois, de forma real e material, um único locutor elabora determinado número de formas, que são detectáveis linguisticamente no nível da frase ou do discurso, inscrevendo em sua linearidade, o outro. A heterogeneidade mostrada para a autora pode ser ou não marcada.

As formas **marcadas** de heterogeneidade mostrada apontam o lugar do outro de modo unívoco. O “outro” é, linguística e explicitamente, notado. Como formas desse tipo de heterogeneidade, Authier-Revuz (2004, p. 12-13) aponta:

- O discurso direto e o discurso indireto;

- As aspas, o itálico, as referências, uma entonação específica, uma glosa, um ajustamento, uma remissão a outro discurso;

Essas formas estabelecem uma fronteira linguística nítida entre a fala do locutor e a do outro, falas que não se misturam nos limites de uma mesma construção.

Por outro lado, a autora trabalha a noção de heterogeneidade mostrada **não marcada**. Nessa forma, a presença do outro não é assinalada por marcas na frase. A voz do outro é dissimulada na própria voz do locutor, não havendo, assim, uma fronteira linguística nítida entre a fala do locutor e a do outro. Há, dessa maneira, a mistura dessas falas nos limites de uma mesma construção. Como formas desse tipo de heterogeneidade, a autora aponta: o discurso indireto livre, a ironia, o pastiche, a imitação, a alusão, a antífrase;

Nesses casos, o discurso alheio é visto não mais de forma transparente, por meio do mostrado ou dito, mas de forma implícita, semidesvelada, sugerida.

De acordo com Authier-Revuz (2004, p. 12), na heterogeneidade mostrada, o que diferencia as formas marcadas das não-marcadas “é o grau de distanciamento estabelecido pelo locutor entre sua fala e a do outro”, tendo em vista que, tanto as formas marcadas quanto as não-marcadas, indicam, como vimos, a inscrição do outro no discurso, a não-unicidade da cadeia discursiva.

A heterogeneidade constitutiva em Authier-Revuz (2004, p. 70) é concebida como um “já-lá”, fundante, de todo sujeito e, por conseguinte, de todo discurso. Esse tipo de heterogeneidade refere-se ao fato de o discurso constituir-se no debate com a alteridade, independentemente de qualquer marca visível ou palpável. Assim, o outro é onipresente e está em toda parte.

A heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada para a linguista se articulam. A heterogeneidade mostrada marca, no discurso, na superfície discursiva, a heterogeneidade constitutiva do discurso. No entanto, destaca Authier-Revuz (2004), essa articulação não faz com que uma possa ser simplesmente reduzida à outra, ou seja, que a heterogeneidade constitutiva corresponda diretamente as formas da heterogeneidade mostrada.

Para a autora,

a heterogeneidade mostrada não é um espelho, no discurso, da heterogeneidade constitutiva do discurso; ela também não é “independente”: ela corresponde a uma forma de *negociação* – necessária – do sujeito falante com essa heterogeneidade constitutiva - *inelutável, mas que lhe é necessário desconhecer*; assim, a forma “normal” dessa negociação se assemelha ao mecanismo da *denegação* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 71-72, grifos da autora).

Dessa forma, consideramos o estudo de Authier-Revuz (2004) importante para nossa pesquisa por abarcar a noção de heterogeneidade, ou seja, que em um discurso se fazem presentes muitas vozes. O que nos chama a atenção no trabalho desenvolvido pela autora é a forma como ela trabalha as marcas de heterogeneidade mostrada, porque algumas marcas como as aspas, o discurso direto e o discurso indireto são também apresentadas por Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) na forma de organização polifônica, ao tratar do discurso representado e do discurso formulado.

Além disso, apesar de Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) não abordarem diretamente a contribuição da autora para a construção de seu modelo, acreditamos que a teoria de Authier-Revuz (2004) propõe um diálogo com nosso instrumental teórico do modelo de análise modular por apresentar a noção de polifonia como a inscrição do outro no discurso, por meio da interação.

1.4 - Charaudeau: a *mise en scène* enunciativo-polifônica

Charaudeau (1983) reconhece que o discurso diz respeito ao conjunto da encenação da significação, do qual um dos componentes é enunciativo, ou seja, está relacionado ao discurso, e o outro é enuncivo, pois está relacionado à história. Assim, ele reconhece que “essa encenação depende de um dispositivo que compreende dois circuitos: um circuito externo, que representa o lugar do *fazer psicossocial* (o situacional) e um circuito interno que representa o lugar da *organização do dizer*” (CHARAUDEAU, 2001, p. 26, grifos do autor).

O autor vê a necessidade de colocar os sujeitos da linguagem no centro das teorias linguísticas. Dessa forma, para o teórico, os sujeitos do discurso são considerados seres responsáveis pela enunciação, seres sociais e psicossociais que participam das trocas languageiras.

Esses sujeitos interagem e se reconhecem mutuamente segundo um contrato de comunicação que envolve os componentes: comunicacional (diz respeito à interação entre os parceiros), psicossocial (os parceiros se reconhecem e se constroem mutuamente) e intencional (se baseia na intenção da informação veiculada entre os parceiros) e que lhes permitem existir somente na medida em que eles se reconhecem e se constroem uns aos outros com os estatutos que eles imaginam, e que são pertinentes no jogo de expectativas, que envolvem o ato de linguagem.

Destarte, o autor considera que, no ato de linguagem, os sujeitos se desdobram em vários para desempenharem papéis distintos na encenação linguageira. Assim, de acordo com Charaudeau (2001, p. 31-32) em uma situação de comunicação, podemos evidenciar os seguintes sujeitos:

a) **Eu comunicante (EUc) ou sujeito comunicante (SC):** é o parceiro que detém a iniciativa no processo de interpretação, ou seja, o ser físico que articula a estrutura primária do texto a ser comunicado.

b) **Tu interpretante (TUi) ou sujeito interpretante:** é aquele que percebe ou tem a iniciativa do processo de interpretação da mensagem encaminhada.

c) **Eu enunciador (EUe) ou sujeito enunciante (SE):** é a incorporação do sujeito comunicante, que surge do mundo das palavras e se dirige em primeira instância a um Tu-destinatário.

d) **Tu destinatário (TUd) ou sujeito destinatário (SD):** personagem do mundo das palavras para o qual a mensagem do SC/SE foi preparada.

Assim, podemos perceber a polifonia em Charaudeau (2001) quando ele faz esse desdobramento dos sujeitos da linguagem, mostrando que, em um discurso, é possível haver a presença de mais de um sujeito com suas opiniões e pontos de vista.

A polifonia também está presente em Charaudeau (2008), quando ele estuda o discurso político, visando ao raciocínio de todos os grandes políticos que entendem que a política é uma arte, voltada para a boa gestão das paixões coletivas. Em outras palavras, o ser político precisa “sentir com os outros” e se tornar cego quanto às suas próprias opiniões e motivações pessoais. Nesse sentido,

somos, portanto, seres ao mesmo tempo coletivos e individuais, duas componentes que, ao dialogarem entre si, se enriquecem mutuamente e se determinam reciprocamente. Seres coletivos que partilham uma identidade com os outros, pois é difícil conceber seu EU sem sua socialização; seres individuais que procuram diferenciarem-se para construírem uma unidade própria, pois é difícil conceber seu EU sem distinguir dos outros. Conseqüentemente, quando falamos, somos, ao mesmo tempo, constrangidos pelas normas e convenções da linguagem que partilhamos com o grupo, e livres-ainda que relativamente- para proceder a um uso discursivo que nos caracteriza de forma exclusiva, permitindo nossa individualização (CHARAUDEAU, 2008, p. 51, grifos do autor).

Charaudeau (2008, p. 16) diz que “todo ato de linguagem emana de um sujeito que apenas pode definir-se em relação ao outro, segundo um *princípio de alteridade* (sem a existência do outro, não há consciência de si)”. Dessa forma, o autor acredita que, por um

princípio de influência, o sujeito traz para si o outro, que pensa e age segundo a intenção do sujeito.

Em Charaudeau (2008, p. 80), o político, em sua singularidade, fala para todos: “ele é a voz de todos na sua voz, ao mesmo tempo em que se dirige a todos como se fosse apenas o porta voz de um *terceiro*, enunciador de um ideal social”. Assim sendo, o político estabelece um tipo de pacto ou uma aliança entre esses três tipos de vozes: a voz do terceiro, a voz do eu, a voz do tu-todos. Essas vozes terminam por um nós que desempenha o papel de guia. No que diz respeito à polifonia no discurso político, podemos afirmar que essa é uma estratégia usada para inscrever, na voz dos candidatos, seus projetos na sociedade.

Para Charaudeau (2008, p. 86), “não existe um ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si”. Por isso, quer neguemos ou calculemos, toda vez que falamos transparece uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dizemos. No discurso político, no entanto, a imagem de si não é facilmente reconhecida, pois muitas vozes circulam em torno de uma mesma imagem, tornando difícil perceber quem realmente fala e por que fala. Neste domínio político, a construção da imagem deve ser voltada para o público, pois ela deve funcionar como suporte de identificação, via de valores comuns desejados.

Acreditamos que Roulet, Fillietaz e Grobet (2001, p. 44) dialogam com a ideia de Charaudeau de que a construção e a interpretação da fala estão sujeitas a três tipos de restrições. Vejamos:

nous faisons l' hypothèse, avec Charaudeau (1989), que la construction et l' interprétation du discours sont soumises à trois types de contraintes: des contraintes qu' on peut appeler *situationnelles*, liées à l' univers de référence et à la situation d' interaction; des contraintes *linguistiques*, liées à la syntaxe et au lexique de la (ou des) variété (s) de langue (s) utilisée (s); et des contraintes *textuelles*, liées à la structure hiérarchique du texte⁴ (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 44, grifos do autor).

Os trabalhos de Charaudeau corroboram para nossa pesquisa porque colocam em evidência a questão da interação entre os sujeitos da linguagem, fazendo, dessa forma, ecoar, pelo discurso, várias vozes.

Isso nos faz supor que, ao reconhecerem, com Charaudeau, que o discurso é o resultado da combinação das informações linguísticas, textuais e situacionais, os autores

⁴ Nós supomos, com Charaudeau (1989) que a construção e a interpretação do discurso estão submetidas à três tipos de regras: regras que podem ser chamadas *situacionais*, ligadas com o universo de referência e da posição da interação; as regras *linguísticas* ligadas com a sintaxe e o léxico (ou) variedade (s) da (s) língua (s) utilizada (s) e as regras *textuais* ligadas à estrutura hierárquica do texto (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 44, grifos do autor).

situam os três níveis de análise que estão relacionados às três dimensões do discurso: situacional, linguística e textual.

1.5 - A polifonia na análise modular do discurso

Para Marinho (2002), o modelo genebrino foi inicialmente apresentado por Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) como um modelo pragmático da articulação do discurso. No entanto, seria mais um resultado da interseção dos diversos trabalhos de várias correntes de pesquisa. Para a autora,

inspirando-se em todos esses trabalhos e influenciada principalmente pela concepção bakhtiniana de discurso como interação verbal, a equipe genebrina se propõe a integrar e a ultrapassar essas diferentes abordagens - que, via de regra, se limitam ao estudo de exemplos fabricados ou de atos isolados e que se voltam apenas quer para o nível linguístico, quer para o textual, quer para o social -, desenvolvendo uma concepção de discurso como a combinação de informações das dimensões linguística, textual e situacional e propondo, em versões posteriores do modelo, um instrumento de análise da organização do discurso, que recebe o nome de abordagem modular (MARINHO, 2002, p. 32).

Assim sendo, em suas primeiras pesquisas sobre o discurso, Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) buscam contribuição para seus trabalhos em várias correntes de pesquisa com horizontes diversos. Para nosso trabalho, é essencial reconhecer as abordagens de diferentes autores que contribuíram para a construção do MAM, no entanto, para o presente capítulo, retomaremos apenas as informações sobre a concepção de polifonia na obra dos pesquisadores genebrinos ao apresentarem a forma de organização polifônica. A apresentação do MAM, seu surgimento, seus aspectos teóricos-metodológicos, seu sistema modular com a divisão dos módulos e demais formas de organização serão tratados no segundo capítulo.

Neste tópico, então, daremos prioridade a abordagem feita pelos pesquisadores genebrinos no que tange ao fenômeno da polifonia. Para Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 387), a aceção genebrina da polifonia se diferencia da de Ducrot (1987) por dois motivos: primeiro porque seu domínio de aplicação é mais vasto porque situa a descrição polifônica num quadro mais amplo pressupondo que a polifonia é uma noção complexa que se constrói a partir de noções mais primitivas; segundo porque seu domínio conceitual é mais restrito e menos abstrato, uma vez que essa abordagem polifônica se preocupa com as diversas maneiras de inserção de várias vozes no discurso.

Para o MAM, pode-se falar em polifonia somente se houver vários locutores, reais ou representados no discurso. O componente polifônico da abordagem modular do discurso refere-se à inscrição da subjetividade de outro locutor em um discurso, assim como à atitude

adotada pelo locutor, em seu próprio discurso, face a outras vozes que nele se fazem ouvir. Essa subjetividade é diferente da subjetividade do locutor.

No MAM, a polifonia é vista sob uma noção mais complexa e, para fazer sua descrição, é necessário a intervenção de outras dimensões e formas de organização do discurso. Por isso, no modelo, as formas de organização, a enunciativa e a polifônica, são importantes para mostrar esse conjunto de vozes que perpassam um discurso.

Para Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), a organização enunciativa está ligada à inscrição do locutor em seu discurso, com suas opiniões e atitudes, assim como ao seu posicionamento em relação a esse discurso. Essa forma de organização diz respeito à subjetividade do locutor, implica a conexão de informações de ordem linguística, hierárquica, interacional, relacional e referencial, e permite distinguir os discursos que são produzidos (discurso do locutor), daqueles que são representados (discurso do outro)⁵ em diferentes níveis que constituem uma intervenção, conforme veremos mais adiante no capítulo quatro.

Dessa forma, uma estrutura enunciativa é polifônica quando o locutor repete ou retoma um discurso ou um ponto de vista outro, independente de sua intervenção, posicionando-se em relação a ele. O modelo distingue, ainda, a voz do próprio locutor em um tempo passado ou futuro, o que é denominado por autofonia.

A forma de organização polifônica, segundo Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), trata dos diversos discursos produzidos e representados constituindo uma intervenção, que se refere a uma pergunta ou a uma resposta, dentro de uma condição de diálogo, de uma intervenção discutida, de uma carta, ou, ainda, de um relatório e resulta do acoplamento de informações dos módulos hierárquico, linguístico, interacional e referencial, assim como das formas de organização enunciativa, relacional e tópica.

Para o MAM, na forma de organização polifônica incluem-se todas as informações relativas às vozes que o locutor representa em seu discurso. Além disso, ela apresenta informações sobre a distinção, dentro de um discurso: (1) entre as vozes que são produzidas pelo locutor/narrador das que são um eco de outros discursos ou pontos de vista (polifonia); (2) entre a voz presente das vozes passadas ou futuras do locutor/narrador (autofonia); (3) e entre a retomada da fala do interlocutor atual do relato, de qualquer outra voz (diafonia).

Essa forma de organização permite, também, a análise do modo pelo qual as vozes do outro são assimiladas ao discurso que cita, ou seja, como o discurso expresso por uma voz foi

⁵ O conceito de discurso produzido e representado será trabalhado com clareza no capítulo quatro quando tratarmos detalhadamente das formas de organização enunciativa e polifônica que nos darão sustentabilidade para analisarmos as vozes contidas no discurso de José Serra.

escolhido, como foi (re) formulado, como é qualificado, como é integrado ao discurso do locutor e que tipo de constituinte encarrega-se dessa integração, entre outros.

Dessa maneira, o termo polifonia que, como vimos, é emprestado da música, alude ao fato de que os textos veiculam, na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes, já que o autor pode fazer falar várias vozes ao longo de seu texto. A polifonia faz colocar em cena uma pluralidade de vozes diferentes das do locutor, ou, mais precisamente, vozes de enunciadores que sustentam pontos de vista diferentes, ou não, dos do locutor.

A pluralidade de vozes e a presença do “outro” são termos usados para se referir à polifonia e estão presentes no discurso de José Serra que será analisado neste trabalho. Por isso, a importância de estudá-la no pronunciamento do pré-candidato. Vale ressaltar que tomamos como pressuposto para o nosso trabalho o fato de José Serra utilizar diversas vozes, a fim de persuadir, convencer seus eleitores e tentar chegar à Presidência da República.

O discurso de José Serra, objeto de nossa análise, chamou-nos a atenção por apresentar vozes que correspondem a outros discursos ou outros pontos de vista (polifonia), assim como por apresentar também a voz do próprio candidato no passado e no futuro (autofonia), como procuraremos demonstrar no quarto capítulo ao tratar das formas de organização enunciativa e polifônica.

Dessa forma, faz-se necessário estudar as vozes que “perpassam” o discurso de José Serra para entender o principal objetivo de seu discurso, que seria chegar à presidência da República e, para tanto, escolhemos a forma como o MAM propõe trabalhar a polifonia.

Sendo assim, a partir do ponto de vista do MAM, podemos dizer que o discurso do pré-candidato é autofônico e polifônico, pois está centrado na representação das sucessivas intervenções da troca entre os interlocutores.

Nesse sentido, consideramos que as vozes inseridas no discurso de José Serra se unem para fazer resignificar o discurso e reafirmar discursos que, em algum lugar do passado, já foram ditos e, hoje, falam novamente, para dar uma nova significação.

Apresentaremos, no próximo capítulo, o Modelo de Análise Modular (MAM), desenvolvido por Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), assim como o percurso de análise que escolhemos para trabalhar com o discurso de José Serra. Nesse capítulo, abordaremos, também, as questões pertinentes ao discurso político, assim como as questões que dizem respeito ao discurso político de José Serra.

CAPÍTULO II:

O modelo e o instrumento de análise da organização do discurso: uma visão global da complexidade discursiva e o percurso modular para a análise do discurso de José Serra

O discurso de José Serra, assim como outras práticas discursivas, traz em si componentes de ordem linguística, textual e situacional. Para analisá-lo, buscamos um instrumental teórico que abrange os aspectos constitutivos já mencionados, a fim de nos possibilitar entender o caráter social e histórico desse discurso.

Dessa maneira, este capítulo nos fornece informações essenciais acerca do MAM, porque entendemos que ele constitui um instrumento de análise apropriado por oferecer um quadro teórico e metodológico que permite a compreensão não só da complexidade das atividades do discurso, mas também a compreensão da heterogeneidade de tais atividades.

Assim sendo, interessa-nos estudar o surgimento desse modelo, seus conceitos e sua organização. Procuraremos investigar as exigências que estão em sua base, suas etapas iniciais até chegar à apresentação atual, suas dimensões, os módulos que o compõem e as suas formas de organização. Além disso, mostraremos a sua representação gráfica para a análise dos mais variados discursos, assim como o percurso que escolhemos para a análise no discurso de José Serra.

Em seguida, apresentaremos os fundamentos do discurso político, explicitando que esses são baseados em conceitos, ações e práticas que envolvem os parceiros de uma interação política.

Neste movimento de análise, abordaremos a caracterização do discurso político-eleitoral de José Serra, bem como sua importância e seus aspectos determinantes. Por fim, apresentaremos o sujeito do discurso em estudo, os argumentos que ele usou para tentar convencer os eleitores de que ele seria o candidato ideal, e como se deu a construção da identidade social e discursiva no discurso do pré-candidato.

2.1 - O Modelo de Análise Modular: a origem, os conceitos e a organização

A preocupação com a elaboração de um modelo de análise de discurso, que pudesse dar conta da complexidade discursiva, teve início em 1979, na Universidade de Genebra, com o Prof. Eddy Roulet e seu grupo de pesquisa, e estende-se até os dias atuais, considerando-se que a última publicação e, portanto, a mais completa, data de 2001.

Para Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 33), qualquer acontecimento linguístico que se queira observar de acordo com o MAM deve ser focado sob três dimensões: linguística, textual e situacional. Sendo assim, a combinação das informações retiradas dessas três dimensões é o que nos conduzirá a uma análise global do discurso de José Serra, possibilitando interpretações que envolvam a complexidade discursiva do pronunciamento do pré-candidato.

Em Genebra, o professor Eddy Roulet e seu grupo de pesquisadores propõem um quadro de análise do discurso que possa descrever e explicar os diferentes aspectos discursivos relacionados a uma interação.

Para Rufino (2006, p. 20-21), “o MAM nasce da interseção de diversas pesquisas e trabalhos com o objetivo de conciliar as três dimensões do discurso (linguística, textual e situacional)”, a partir de uma perspectiva sócio-cognitivo-interacionista.

Marinho (2002, p. 31) explica que o MAM “desenvolveu-se num quadro diferente da análise do discurso de orientação francesa, nascida da convergência do marxismo, da psicanálise e da linguística, e também da linguística textual alemã, a qual se centra sobre a noção de coerência”.

A autora explica que, para a construção do modelo, Roulet e sua equipe “tiveram como ponto de partida o texto da aula inaugural de Bally na Universidade de Genebra, em 1913, em que esse apresenta a possibilidade de se observarem as regularidades na maneira como utilizamos a língua na enunciação” (Cf. MARINHO, 2002, p. 33).

Dessa forma, de acordo com Roulet (1999, p. 139-140), um modelo de organização do discurso deve satisfazer às seguintes exigências:

(1) Engendrar as estruturas linguísticas, textuais e referenciais de todas as produções discursivas possíveis – monológicas ou dialógicas – o que diz respeito à existência de mecanismos recursivos;

(2) Definir, de forma precisa, os constituintes dessas estruturas e as inter-relações estabelecidas entre eles;

(3) Dar conta do encadeamento e da hierarquia das informações no discurso;

(4) Dar conta da polifonia nas produções discursivas, bem como de seus diferentes níveis de encaixamento e da integração entre os mesmos;

(5) Dar conta dos diferentes tipos de sequência que podem constituir o discurso em diferentes níveis de encaixamento e de suas combinações;

(6) Dar conta da pontuação das produções discursivas, orais ou escritas;

(7) Dar conta das situações de interação do discurso, bem como das interações que ele pode representar em diferentes níveis de encaixamento;

(8) Dar conta do(s) universo(s) do discurso, ou seja, das representações dos mundos nos quais o discurso se inscreve e dos quais ele fala;

(9) Dar conta das inferências que comandam a organização do discurso;

Para Roulet, Fillietaz, e Grobet (2001, p. 7, grifos do autor), “ce modèle se veut ainsi à la fois un instrument de **représentation**, un instrument de **description** et un instrument de **développement**”⁶. Primeiro, ele dá uma representação da complexidade da organização do discurso em seus componentes: linguístico, situacional e textual, que ultrapassa os níveis de representação frástica ou mesmo textual, para alcançar uma representação discursiva, que integre todas as dimensões de um discurso. Depois, há uma ferramenta para descrever sistematicamente as diferentes dimensões e formas de organização do discurso autêntico e as inter-relações entre elas. Por fim, o modelo propõe um quadro de desenvolvimento para articular as questões levantadas pela análise de discursos particulares, reavaliar e, eventualmente, modificar as hipóteses iniciais, bem como aprofundar as pesquisas.

Na visão dos autores, o modelo é embasado em hipóteses novas na maneira de definir os problemas, as estratégias e as metodologias de pesquisa, no que tange à organização e complexidade discursiva.

Para melhor compreender esse modelo de análise e entender por que ele funciona como um instrumental teórico-metodológico que procura dar conta daquilo que diz respeito ao conhecimento sobre o discurso, podemos traçar um breve histórico do MAM que, segundo Roulet (1999, p. 141-145), passou por três etapas até chegar a sua apresentação atual com todos os módulos, as dimensões e as formas de organização que o compõe.

A primeira etapa teve início em 1979, quando Roulet e seu grupo de pesquisadores constataram a necessidade de ultrapassar os estudos que foram realizados nos anos 70. Assim sendo, os estudiosos entenderam que seria necessário descrever as formas e as funções dos

⁶ “O modelo pretende ser simultaneamente um instrumento de **representação**, um instrumento de **descrição** e um instrumento de **desenvolvimento**” (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 7, grifos do autor).

discursos autênticos, ou seja, daqueles discursos não fabricados para fins de análise. Dessa maneira, os pesquisadores coletaram e analisaram diálogos gravados numa livraria, numa agência de viagens e outros diálogos gravados em entrevistas radiofônicas.

Porém, a análise de tipos de diálogos muito diversificados apresentou problema na apreensão das regularidades do discurso, diante de tamanha diversidade de diálogos observados.

A partir disso, Roulet e sua equipe, tendo por base os trabalhos de outros estudiosos como Pike (1967), Goffman (1973,1974), Ducrot. et.al (1980) e também do primeiro modelo hierárquico de diálogo que foi proposto por Sinclair & Coulthard (1975), elaboraram um modelo recursivo da estrutura hierárquica do diálogo fundado sobre o conceito de negociação e na adoção de: 1º) três categorias de base: a troca, a intervenção e o ato de linguagem; 2º) relações ilocucionárias e interativas entre esses constituintes; 3º) marcadores dessas relações. Esse modelo, aos poucos, foi sendo estendido à análise de textos monológicos, assim como às dimensões dinâmica e polifônica do discurso.

Nessa primeira etapa, esse modelo, que era recursivo porque procurou atender às necessidades imediatas e mais complexas de análise de discursos que as outras teorias não conseguiram atender, mostrou-se capaz de dar conta de uma diversidade de discursos. No entanto, apresentou alguns problemas como: o de não propor um tratamento satisfatório das unidades de nível superior do discurso; o de não propor uma solução satisfatória para o tratamento dos encadeamentos, bastante frequentes, envolvendo os constituintes implícitos dos discursos; e o de se contentar somente em propor descrições correspondentes a uma ou mais interpretações de um discurso, sem procurar explicações sobre como alcançar tais interpretações. A primeira etapa estendeu-se até 1989.

A partir daí, em 1990, numa segunda etapa, enfocaram-se as múltiplas dimensões da organização do discurso. Nesta etapa, então, os estudiosos se aprofundaram nos problemas da complexidade do objeto, da globalidade da proposta e da integração entre as dimensões, ainda que isso obrigasse a satisfazer as pesquisas acerca do discurso, com avanços modestos, ou mesmo aproximações, na descrição de dimensões específicas, tendo em vista que alguns pesquisadores de artigos publicados em periódicos especializados procuraram apenas aprofundar de maneira pontual uma das dimensões a ser levada em conta segundo um método bem definido. Desse modo, em 1991, Roulet propôs um primeiro modelo constituído de três componentes: linguístico, textual e situacional, abrangendo quinze módulos.

Esse elevado número de módulos dificultou a formulação de regras que associavam as informações provenientes dos mesmos. Foi assim, que em 1995, Roulet constatou ser impossível defender a autonomia de certos módulos e chegou à conclusão de que seria necessário reduzir esse número excessivo, assim como diminuir também o sistema de informações próprio de cada módulo a noções mais elementares possíveis. As pesquisas nessa segunda etapa sobre a reformulação do modelo em números menores de módulos foram até o ano de 1995.

Por fim, na terceira etapa que se iniciou, a partir de 1996, procura-se analisar como dar conta da complexidade da organização do discurso. Nessa etapa, as pesquisas sobre o modelo permitem não apenas tratar com maior precisão e profundidade as dimensões do diálogo, mas também evidenciar os problemas que relatamos na primeira versão do modelo.

A apresentação do modelo atual, para Roulet (2001, p. 42), pressupõe uma dupla exigência: 1^a) Decompor a organização complexa do discurso em um número limitado de subsistemas (ou módulos), reduzidos a informações a mais elementares; 2^a) Descrever, de maneira bastante precisa, a forma, através da qual essas informações podem ser combinadas para dar conta das diferentes alternativas de organização dos discursos analisados.

Para Roulet, Filliettaz e Grobet (2001),

le modèle proposé ici ne fournit pas une procédure mécanique de découverte, c'est-à-dire un ensemble de recettes qui, appliquées rigoureusement, conduisent nécessairement à une bonne description du discours étudié, mais un cadre de réflexion et des instruments heuristiques propres à favoriser la description de l'organisation de discours authentiques (c'est-à-dire non fabriqués pour les besoins de l'analyste), en allant du simple au complexe⁷ (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 33).

O modelo de análise modular genebrino, de acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 44-49), foi formulado a partir de três níveis de análises, relacionados às três dimensões do discurso:

Situacional: Essa dimensão diz respeito ao universo de referências e à situação de interação.

Textual: Dimensão que diz respeito à estrutura hierárquica do texto.

Linguística: Nessa dimensão são levados em consideração a sintaxe e o léxico da (s) variedade (s) da(s) língua (s) utilizada (s).

⁷ “O modelo proposto aqui não fornece um procedimento mecânico de descoberta, um conjunto de receitas que aplicadas rigorosamente, conduzem necessariamente a uma boa descrição do discurso estudado, mais um quadro de reflexão e de ferramentas específicas para facilitar a descrição da organização de discursos autênticos (ou seja, não fabricados para as necessidades do analista), que vai do simples ao complexo” (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 33).

Dessas três dimensões do discurso resultam cinco módulos, que definem as informações que podem ser descritas de maneira independente. São eles:

- **Módulo referencial e interacional:** Ligados ao componente situacional.
- **Módulo hierárquico:** Ligado ao componente textual.
- **Módulo sintático e lexical:** Ligados ao componente linguístico.

Apresentamos, de forma mais abrangente, cada um desses módulos:

- **Módulo Referencial:** Descreve as representações mentais, conceituais e praxeológicas das atividades, assim como os seres e objetos constituintes dos universos nos quais o discurso se inscreve, e dos quais fala.

- **Módulo Interacional:** Define as propriedades materiais da situação de interação do discurso como: alternância de turnos de fala ou escritura, canal (escrito ou oral), número de interactantes, modo de interação (co-presença ou distância espaço-temporal), tipo de vínculo da interação (reciprocidade ou não no processo comunicacional).

- **Módulo Hierárquico:** Define as categorias e as regras recursivas que permitem engendrar as estruturas hierárquicas de todos os textos possíveis, analogamente ao módulo sintático para o engendramento das frases possíveis, a partir de três constituintes: troca, intervenção e ato, e os três tipos de relações entre eles: dependência, interdependência e independência.

- **Módulo Sintático:** Diz respeito a um conjunto de regras que determinam as categorias e as construções de *clauses*⁸ no uso de uma língua ou variedade de língua. Ele indica, também, as instruções que são fornecidas por certos morfemas, como os pronomes anafóricos, e os tempos verbais, ou certas estruturas sintáticas, como as construções deslocadas ou clivadas, que visam a facilitar a interpretação do discurso.

- **Módulo Lexical:** Consiste em um dicionário que define a pronúncia, a ortografia, as propriedades gramaticais e os sentidos das muitas palavras de diferentes variedades da língua.

⁸ A palavra que melhor define “clause” em português seria cláusula. É permitido, também usar o termo oração, mas ainda se busca uma melhor definição para este vocábulo. Marinho (2007, p. 41) relata que Berrendonner (1990) viu em seus estudos a necessidade urgente de se encontrar um substituto para a unidade de língua mais operável que a frase tradicional, e assim, “propõe que a “clause” seja uma unidade discursiva mínima com função comunicativa, entendendo-se por função comunicativa o fato de se operar uma transformação qualquer na memória discursiva, por ele definida como “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores” (Berrendonner, 1983, p. 230). Segundo Marinho (2007), para Berrendonner (1990), cada “clause” é um operador que toma por argumento um estado prévio da memória discursiva, ao qual se aplica para transformá-lo, e que produz, à guisa de resultado, um novo estado da memória discursiva”.

A abordagem do MAM, compreende a análise do discurso por módulos, uma vez que o discurso pode ser decomposto em sistemas de informações que, por sua vez, podem ser descritos independentemente. Além disso, as informações obtidas de cada módulos podem ser relacionadas.

A combinação das informações desses módulos pode constituir as **formas de organização elementares**, que se baseiam em categorias que devem ser definidas pelas regras de emparelhamento das informações originadas dos módulos.

Seguem, segundo descrito no MAM, as **formas de organização elementares**:

- **Forma de organização fono-prosódica ou gráfica:** Descreve as representações relativas às propriedades prosódicas dos lexemas e, particularmente, a estrutura prosódica de base.

- **Forma de organização semântica:** Descreve as representações semânticas (ou formas lógicas) das orações (clauses), que constituem uma das entradas dos processos inferenciais.

- **Forma de organização operacional:** Integra as descrições das dimensões verbal e acional do discurso, combinando informações dos módulos hierárquico e referencial.

- **Forma de organização relacional:** Descreve as relações funcionais entre os constituintes textuais e, informações da memória discursiva dos interlocutores com base no acoplamento entre informações das dimensões linguística, hierárquica e referencial.

- **Forma de organização sequencial:** Define e identifica em um discurso seqüências típicas como: narrativa, descritiva e deliberativa, com base no acoplamento de informações hierárquicas e referencias.

- **Forma de organização informacional:** Reconhece o tópico e o propósito de cada ato, fundamentando-se em informações de origem hierárquica, linguística e/ou referencial.

- **Forma de organização enunciativa:** Define e distingue os segmentos de discursos produzidos e representados no discurso de locutores, com base em informações de ordem linguística, hierárquica, interacional, relacional e referencial.

O acoplamento entre informações originadas dos módulos e das formas de organização elementares ou o acoplamento de diferentes formas de organização constitui as **formas de organização complexas**. São elas:

- **Forma de organização composicional:** Trata das formas e das funções das seqüências típicas, e repousa sobre a combinação de informações dos módulos hierárquico, referencial e linguístico e das formas de organização sequencial e relacional.

- **Forma de organização periódica:** Trata da pontuação do discurso, tanto oral, quanto escrito, e é usada para definir as informações originadas do módulo hierárquico e da organização prosódica.

- **Forma de organização tópica:** Trata do encadeamento das informações no discurso, para descrever as relações hierárquicas e de derivação entre os propósitos e para dar conta da gestão dinâmica deles.

- **Forma de organização polifônica:** Trata das formas e das funções dos discursos representados no discurso analisado, resultando do acoplamento de informações dos módulos hierárquico, linguístico, interacional e referencial, assim como, das formas de organização enunciativa, relacional e tópica.

- **Forma de organização estratégica:** Descreve as relações de faces e de lugares entre os interactantes, e repousa sobre o acoplamento de informações de ordem referencial, interacional, prosódica, operacional, polifônica e tópica.

O Modelo de Análise Modular passa, assim, da descrição das dimensões modulares à descrição das formas de organização elementares e complexas. O discurso é o resultado das inter-relações dos níveis.

Apresentamos, abaixo, o quadro atual que representa o sistema modular proposto por Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 51):

	Módulos <dimensões>	formas de organização	
		<elementares>	<complexas >
LINGÜÍSTICO	lexical	Fono-prosódica ou gráfica	
	sintática	semântica	periódica
TEXTUAL	hierárquica	relacional	tópica
		informacional	polifônica
SITUACIONAL	referencial	enunciativa	composicional
	interacional	sequencial	estratégica
		operacional	

Quadro 1: Representação gráfica do Modelo de Análise Modular.

2.2 - O percurso de análise no discurso de José Serra

No que diz respeito ao discurso do pré-candidato José Serra, para buscar as possíveis respostas às questões formuladas no início e ao longo desta dissertação e, para analisar o discurso do pré-candidato, trabalharemos a descrição dos módulos **hierárquico**, **referencial** e **interacional**, e as formas de organização **relacional**, **enunciativa** e **polifônica**.

O **módulo hierárquico** será importante em nosso percurso de análise porque define as categorias e as regras que permitem engendrar as estruturas hierárquicas de todos os textos possíveis. A **forma de organização relacional** busca identificar as relações ilocucionárias e interativas genéricas entre os constituintes da estrutura hierárquica e informações da memória discursiva, bem como busca determinar a relação específica entre um constituinte em particular e uma informação da memória discursiva.

Assim, o estudo do **módulo hierárquico** e da forma de **organização relacional** nos fornecerá as informações do discurso de José Serra, responsáveis pela construção das estruturas hierárquicas, assim como das relações existentes entre tais informações.

O módulo **referencial** é relevante em nosso trabalho porque abrangerá os aspectos cognitivos e sociais do discurso de José Serra, assim como descreverá as representações conceituais que compõem informações centrais e importantes de suas atividades particulares e que contribuem para a completude pragmática de suas ações discursivas em uma dada situação de interação. Já o módulo **interacional** nos ajudará a compreender as propriedades materiais que definem o enquadre da interação do pré-candidato, a partir de três parâmetros: o canal, o modo e o tipo de vínculo da interação.

Assim sendo, a articulação aglutinadora das informações de ordem referencial e interacional terão o objetivo de dar conta dos aspectos praxeológicos, conceituais e interacionais do discurso de José Serra, e apontarão os caminhos para o estudo da complexidade polifônica existente em nosso objeto de análise.

As formas de **organização enunciativa** e **polifônica** se fazem essenciais em nossa pesquisa porque mostrarão como o candidato, José Serra, utiliza-se da voz do outro, ou de sua própria voz, no passado ou no futuro, para atingir seus objetivos, revelando-nos suas mais complexas estratégias discursivas.

Assim, apresentamos um quadro representativo do percurso de análise do discurso do pré-candidato José Serra.

	Módulos <dimensões>	formas de organização	
		<elementares>	<complexas >
TEXTUAL	hierárquica	relacional	polifônica
SITUACIONAL	referencial interacional	enunciativa	

Quadro 2- Representação gráfica do percurso da análise no discurso de José Serra.

Com sua abordagem multidimensional, o modelo genebrino da complexidade do discurso nos permite enveredar por uma investigação heterárquica, que envolve as dimensões linguística, textual e situacional do discurso, para dar conta de suas formas de organização mais complexas e das inter-relações entre elas. Essas dimensões remetem aos três tipos de condicionantes, que incidem sobre a construção e a interpretação do discurso: as imposições textuais, ligadas à estrutura hierárquica do texto; as imposições situacionais, ligadas ao universo de referência; e as imposições interacionais, ligadas à situação de interação entre os interactantes no discurso.

Com base no percurso proposto até aqui, nos próximos tópicos, faremos um breve histórico do discurso político, em diálogo com o MAM, procurando identificar seus fundamentos, assim como suas características e aspectos determinantes.

2.3 - O discurso político e seus fundamentos

O discurso político ou a fala política, para Courtine (2006, p. 110), é “um conjunto de rituais não verbais que enquadram o discurso; que agenciam os gestos, regulam os comportamentos, prevêm as circunstâncias, organizam uma *mise en scène*”⁹. Ainda, na visão do autor, na organização da *mise en scène*, os principais elementos que representam a ação política e que não podem ser separados da fala devem ser considerados se quisermos compreender verdadeiramente os efeitos de um discurso.

A partir dessa concepção, podemos, ainda, entender o discurso político como uma fala coletiva que tem em vista os interesses da comunidade, e que procura estabelecer regras de futuro. É importante ressaltar que o discurso político está inserido em uma dinâmica social, que o modifica sempre, e o ajusta a novas situações. Nos períodos eleitorais, podemos constatar, por meio da fala dos candidatos, que a sua flexibilidade admite, constantemente, uma resposta que hesita entre a satisfação pessoal e os grandes objetivos sociais que resolvem as necessidades fundamentais dos outros.

A análise do discurso político promove um campo de pesquisa polissêmico, por estar, esse tipo de discurso, em um movimento contínuo de significação e resignificação. Essa

⁹ O termo em destaque é de origem francesa e é usado com o significado de “colocado em cena”, passando também a designar a arte da encenação teatral ou cinematográfica. Charaudeau (2001, p. 25-26) usa o termo com o significado de encenação para especificar todo ato de linguagem provido de significação e que envolve os falantes que dele participam. Courtine (2006) usou esse mesmo termo para designar os elementos essenciais como por exemplo, o discurso, o público, entre outros que fazem parte da representação política.

pluralidade de sentidos torna esse discurso sempre mais atraente e inesgotável. Por mais que se estude o discurso político, mais há para se desvendar, ou dissertar.

A ação política tem o objetivo de determinar a vida social, ao organizá-la, tendo em vista a obtenção do bem comum. Dessa forma, o político que se preze deve visar ao bem coletivo, à vida em sociedade, e deve se fazer “sentir com os outros”, procurando eliminar os próprios vícios, sugestões ou motivações pessoais.

Nesse contexto, o campo político é também o lugar onde a palavra governa, promovendo, assim, uma intervenção no âmbito da discussão e da ação, fazendo com que os objetivos dos fins, e os meios da ação política, sejam definidos, para que sejam estruturadas e coordenadas a distribuição dos cargos e o cumprimento das leis, regras e decisões de todas as espécies. Nesse sentido, a palavra inspira a ação política.

Roulet, Fillietaz e Grobet (2001, p. 99) retratam que “les actions conjointes (...) sont processus complexes, **séquentiellement** et **hiérarchiquement** organisés, que les interactants négocient progressivement (...)”¹⁰.

Dessa maneira, os participantes de um discurso político desenvolvem algumas ações típicas que os levam a certas práticas que resultam de experiências anteriores e que são, portanto, um construto coletivo como: selecionar, julgar, dramatizar a narrativa dos episódios, adquirir a lealdade do público, acusar as más administrações, interpelar, e mesmo denunciar os poderes públicos para justificar seu espaço na edificação da opinião pública. As ações envolvidas em um discurso político operam como um guia cognitivo subjacente, pois retratam os percursos de uma situação de interação determinada.

Assim sendo, é importante dizer que o engajamento dos participantes em um discurso político não é feito de forma desorganizada e todas as práticas envolvidas na construção desse discurso não são atividades meramente ou estritamente individuais, mas são frutos de uma ação coletiva, realizada efetivamente pelos participantes no momento da interação.

Ainda em Roulet, Fillietaz e Grobet (2001), é possível notar que um discurso é fundamentado em ações que são realizadas ou designadas pelos parceiros de uma interação e que tais ações ativam conceitos na memória desses participantes que conhecem e reconhecem a finalidade, o propósito e a natureza da fabricação dessas ações e desses conceitos. Por isso, em um discurso político não se concebe uma ação sem os conceitos nela implicados, também não se concebem os conceitos fora da ação que os mobiliza.

¹⁰ As ações conjuntas entre os participantes da interação são processos complexos, **sequencialmente** e **hierarquicamente** organizados (...) (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 99, grifos do autor).

Para Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 97), “la validité d’ un programme de recherche en analyse du discours repose en grande partie sur sa capacité à questionner les rapports que les productions langagières entretiennent avec les situations dans lesquelles elles sont produites”¹¹.

Os conceitos, as ações e as práticas que estão na base de um discurso político construirão um quadro acional, como veremos mais adiante, no capítulo três, que explicita os mecanismos de interação entre os participantes de um discurso.

Dessa maneira, vale reiterar, que a **política** é uma ação peculiar do ser humano. Ela orienta as relações sociais, e por isso, é definida, a partir da disputa de **poder**. O dicionário Aurélio (2001, p. 577) define poder “como a faculdade, ou o direito de determinar algo”. Dessa forma, podemos facilmente relacionar os conceitos de **política** a **poder**, tendo em vista que, todo ser político visa determinar regras para os homens de sua sociedade, e deseja que esses as cumpram. Sendo assim, os políticos tentam influenciar os homens a cumprir suas regras, de forma eficaz e persuasiva, agindo sobre eles, por meio de promessas (muitas vezes falsas) e discursos longos e bonitos.

O fenômeno político resulta de diversos fatores como os acontecimentos políticos, os atos e decisões que se originam da autoridade, fatos sociais, como organização e estruturação das relações sociais, fatos jurídicos, como leis que regem as condutas e as relações dos indivíduos que vivem em sociedade, e fatos morais e psíquicos, como práticas que manifestam sistemas de valores.

Assim, podemos perceber que estudar o discurso político é descobrir um campo amplo, cheio de aventuras e estratégias discursivas. Percebemos, ainda, que sua prática está voltada para o social e requer um esforço por parte dos sujeitos que dela participam.

Passaremos, a seguir, a apresentar a caracterização e os aspectos que determinam o discurso político-eleitoral, tendo em vista que esse é um componente importante, pois é por meio da eleição que a população pode escolher seu(s) representante(s), além de que, para o propósito de nosso trabalho, José Serra passou por esse processo.

¹¹ A validade de um programa de pesquisa em análise do discurso repousa em grande parte sobre sua capacidade de questionar as relações que as produções linguageiras mantêm com as situações em que são produzidas (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 97).

2.4 - Caracterização e aspectos determinantes do discurso político eleitoral

Para início de conversa, denominamos, aqui, de discurso político eleitoral todo proferimento produzido em época de campanha eleitoral, no nosso caso específico, o discurso da campanha eleitoral da pré-candidatura de José Serra nas eleições de 2010.

O termo discurso é muito amplo e constitui um campo bastante complexo, principalmente no que se refere ao discurso político, que se constitui como um discurso de informação e de opinião pública. Podemos constatar, também, que o espaço social pode influenciar na formação do discurso político ou dos discursos políticos. O discurso político deve ser entendido não só como aquele que fala de política e envolve candidatos que concorrem a determinados cargos, mas também como aquele que está dentro de lugares de formação que contribuem para construí-lo.

A política, vista em Charaudeau (2008) é uma arte que visa orientar e organizar nossa vida em sociedade, por estar ligada à ação humana, no que diz respeito às tomadas de decisões, à estruturação social e ao exercício do poder. A política é, desde a Antiguidade, inerente à natureza humana.

Dessa forma, o discurso político eleitoral é de suma importância, por ser a eleição um ato democrático na nomeação dos representantes/mandantes de uma nação e, por representar a democracia política. Em cada eleição, por meio de diálogos com os cidadãos, os candidatos se apresentam como sujeitos argumentantes.

Neste contexto, dialogando com o trabalho de Menezes (2000), destacamos quatro considerações propícias e atuais no desenvolvimento desse termo:

- 1) A política relaciona-se a coisas variáveis e instáveis;
 - 2) A política parte de raciocínios fundados em fatos, mas esses nem sempre são verdadeiros;
 - 3) Na política, devemos contentar em mostrar a verdade de um modo grosseiro e aproximado;
 - 4) A política é de natureza prática, por isso as coisas são variáveis e instáveis, não se presta à certeza e a verdade é aproximada;
- (MENEZES, 2000, p. 130-131).

No âmbito do discurso político eleitoral, Menezes (2000) afirma que nos deparamos com quatro valores que perpassam esse campo:

- 1) **Mudança:** Refere-se a um ideal de evolução, bem-estar ou felicidade, que oferece ao indivíduo, e à sociedade, melhores condições de vida em busca de um objetivo desejável.
- 2) **Conservação:** É entendida como oposta à mudança e corresponde, por vezes, a uma contradição ao campo político da emancipação e da radicalização da democracia.

3) **Tradição:** É vista como a transferência de valores comuns, por meio de gerações, e implica em um modo de pensar e agir socialmente, no que diz respeito às relações íntimas, que se mantêm, tanto com a mudança, quanto com a conservação.

4) **Utopia:** Diz respeito a uma constante na cultura ocidental moderna. Corresponde a uma análise do espaço sócio político, em que se aponta para a constituição de uma sociedade ideal, e ao mesmo tempo um lugar nenhum.

É importante ressaltar que esses valores estarão incluídos mais a frente no capítulo três em um quadro acional que tem como objetivo descrever as propriedades referenciais de uma interação verbal efetiva, propriedades que dizem respeito aos interactantes e ao modo como eles participam da ação conjunta.

Esse quadro busca reconstruir as propriedades ligadas às instâncias agentivas de uma situação de discurso, responsáveis em grande medida pela regulação das produções verbais.

Esses valores, por exemplo, fazem parte das motivações que acontecem tanto por parte do produtor do discurso, no nosso caso, José Serra, quanto de seu público: os eleitores.

Os interlocutores fazem parte de um engajamento que não ocorre de forma desorganizada e que diz respeito a uma ação coletiva que, por sua vez, trata dos objetivos individuais de cada participante.

O discurso que se constitui nosso objeto de análise permite uma breve e teórica aplicação ilustrativa dos recursos utilizados pelo nosso candidato em época de campanha eleitoral. O proferimento de José Serra se dá em duas situações comunicativas (conforme abordaremos no capítulo três): uma ocorre em Brasília, no momento do proferimento, e outra ocorre com a publicação de seu discurso na mídia.

As eleições, vale citar, ocorrem dentro de um contexto de tradição. Sabemos como “bons brasileiros” que somos, que, vinculada ao futebol, a política é tradição nacional. Sabemos, ainda, que há algum tempo ganhamos o direito de eleger, por meio do voto direto, nossos dirigentes, pois não tínhamos, no passado, a possibilidade de escolhê-los livremente.

Nesse percurso, temos utopias de uma sociedade moderna que se revolta e luta por dias melhores e condições dignas de vida. Assim, em um discurso político a utopia se faz presente quando os eleitores são capazes de analisar as reais necessidades e a situação sócio político econômica de seu país e, a partir dessa análise, procuram eleger o candidato que melhor poderá atender a essas necessidades e que tem propostas coerentes com a construção de uma sociedade melhor para todos.

O discurso político eleitoral, assim como o futebol, é um espaço lotado de milhões de espectadores, e as eleições podem simbolizar um pacto de interação, inaugurar uma nova época, ou, até mesmo, promover mudanças.

Nas eleições, durante os discursos de campanha, os candidatos à presidência procuram se apresentar ao público eleitor como oradores críveis, por meio de argumentos fortes, plausíveis e convencíveis. Eles tentam vencer seus adversários, apresentando uma boa performance, articulando as melhores estratégias, e colocando em pauta argumentos mais fortes e eficazes que seus concorrentes. Assim sendo, somente um deverá vencer o pleito e chegar ao objetivo desejado. Vencerá aquele candidato que apresentar as melhores proposições e propostas que irão ao encontro dos anseios de seus eleitores. Sendo assim, a lealdade e a sinceridade são fatores de suma importância nesse processo.

O candidato faz sua argumentação, que deverá ser convincente e, para isso, usa de manobras, que devem diferenciá-lo do outro candidato. Nesse processo, ele se aperfeiçoa nas estratégias que envolvem o jogo eleitoral.

Para Courtine (2006), o sujeito do discurso político eleitoral é um ser complexo, pois ele sofre um assujeitamento integral de muitas condições de produção e recepção de seu enunciado, ao proferir seu discurso. Para o autor, o sujeito do discurso político eleitoral é o cerne, que condensa a linguagem e a ideologia, o lugar onde os sistemas do saber político se articulam no desempenho linguístico, diferenciando, mesclando, combinando ou afrontando um ao outro num determinado cenário político.

Por isso, é importante para o nosso trabalho resgatarmos um pouco da história de José Serra para compreendermos quem é esse sujeito que fala no discurso, quais seus feitos, como seus valores são construídos e como isso o ajuda na legitimação de seu dizer.

O sujeito de nosso discurso, José Serra, nasceu em São Paulo, em 19 de março de 1942. Filho único de um casal de imigrantes italianos, Serra foi criado no bairro da Mooca, na capital paulista. Teve uma boa formação acadêmica, tendo se especializado em economia e chegou até mesmo a ser professor. Ingressou na vida política e passou a ocupar muitos cargos públicos, sendo eles: Secretário de Planejamento de São Paulo, Deputado Federal, Deputado Federal e Constituinte, Senador, Ministro do Planejamento e Orçamento nos anos de 1995 e 1996. Nessa gestão, desenvolveu e implantou o programa "Brasil em Ação", um pacote de ações e obras do governo federal em parceria com estados, municípios e empresas privadas, nos moldes do atual "PAC". Assumiu o ministério da saúde, de 1998 a 2002. Nesse ano, disputou a Presidência da República, mas perdeu no segundo turno, para o então, candidato,

Luíz Inácio Lula da Silva. Em 2003, assumiu a presidência nacional do PSDB, partido que ajudou a fundar. Em 2004, foi eleito prefeito de São Paulo, com mandato previsto até 2009. Porém, em 2006 licenciou-se do cargo e concorreu ao cargo de governador do Estado de São Paulo, para o qual foi eleito no 1º turno com 12.381.038 votos. Em 2010, concorreu ao cargo de presidente da república, tendo sido derrotado pela candidata petista Dilma Rousseff¹².

Em 2010, o cenário político brasileiro foi composto de vários candidatos¹³, que disputaram a presidência do país. Porém, dois deles foram apontados pelas pesquisas realizadas como os mais cotados para o cargo e tornaram-se, assim, os principais: de um lado Dilma Rousseff, candidata petista, indicada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Do outro lado, José Serra, candidato lançado pelo PSDB, que já possuía uma trajetória política no contexto brasileiro e procurou pautar sua campanha no bem comum e na união do país.

O panorama do Brasil é o de um país que está crescendo e se desenvolvendo. Um país que pagou sua dívida externa, conseguiu créditos no exterior, é bem visto e possui programas sociais que ajudam famílias de baixa renda. Nesse sentido, Dilma representa a continuidade das propostas de um governo que trabalha em prol de todos e do bem coletivo.

Nesse contexto, em 10 de abril de 2010, em Brasília, José Serra proferiu seu discurso de pré-candidatura como candidato oficial à presidência da República pelo PSDB.

O evento que lançou a pré-candidatura de Serra ocorreu no centro de convenções, *Brasil 21*, em Brasília, e contou com a presença de membros dos partidos opositores. Também estiverem presentes os presidentes do PTB, do PPS, do DEM, do PSC, do PMN e do PT do B, o que serviu para reforçar a adesão desses lados políticos à coligação do pré-candidato. Compareceram ao evento 6.700 militantes do PSDB, partido de José Serra. O deputado federal Índio da Costa (DEM-RJ) foi o escolhido para o cargo de vice-presidente na chapa do candidato. Em 3 de outubro, Serra conquistou aproximadamente 33,1 milhões de votos (32,61% dos votos válidos), e foi indicado a disputar o segundo turno contra a adversária Dilma Rousseff. Em 31 de outubro de 2010, com mais de 43 milhões de votos, José Serra foi derrotado nas eleições presidenciais para a candidata petista¹⁴.

José Serra não conseguiu seu tão almejado objetivo de se tornar presidente, mas mostrou muita experiência, força de vontade para as mudanças, carisma e seriedade. Ele usou

¹² As informações sobre a vida de José Serra, assim como sua trajetória política foram retiradas do site: www.joseserra.com.br, que abarca toda a carreira pessoal e profissional desse político.

¹³ Os candidatos que disputaram a presidência do país em 2010 foram: Dilma Rousseff (PT), Eymael (PSDC), Ivan Pinheiro (PCB), José Serra (PSDB), Levy Fidelix (PRTB), Marina Silva (PV), Plínio (PSOL), Rui Costa Pimenta (PCO) e Zé Maria (PSTU).

¹⁴ Dados oficiais publicados pelo site G1, em 12 de junho de 2010. Visitado em 18/04/2011.

de muitos e bons argumentos, que o ajudaram durante a campanha e fizeram com que ele conquistasse a simpatia e a credibilidade dos que nele votaram. São esses argumentos que passamos a apresentar no próximo tópico.

2.5 - Os argumentos de José Serra

José Serra procura reunir em seu discurso de pré-candidatura os melhores argumentos, pautados em “efeitos de verdade”¹⁵, ou que, pelo menos, apresentem alguma verossimilhança. Seus argumentos são pragmáticos, fundados em um domínio do que é habitual, seguro, durável, singular, original e único.

O candidato tem um pacto com seus eleitores, por isso, busca sempre a credibilidade e usa a persuasão como instrumento na captação de votos.

Serra tenta se mostrar um político experiente, forte, sábio, ético. Ele fala de suas origens e procura atrelar sua experiência de vida pessoal à sua experiência profissional política, deixando transparecer seu interesse e sua esperança no país. Assim vejamos:

“Minha história de vida e minhas convicções pessoais sempre estiveram comprometidas com a unidade do país e com a unidade do seu povo. Sou filho de imigrantes, morei e cresci num bairro de trabalhadores que vinham de todas as partes, da Europa, do Nordeste, do Sul. Todos em busca de oportunidade e de esperança.

A liderança no movimento estudantil me fez conhecer e conviver com todo Brasil logo ao final da minha adolescência. Aliás, na época, aprendi mesmo a fazer política no Rio, em Minas, na, Bahia e em Pernambuco, aos 21 anos de idade. O longo exílio me levou sempre a enxergar e refletir sobre o nosso país como um todo”.

Serra recorre a argumentos de quantidade para falar de situações que acontecem no país. Esses argumentos possuem na maioria das vezes números/valores positivos ou negativos para afirmar que uma coisa é melhor ou pior que outra por razões quantitativas:

“Sabem quantas pessoas com alguma deficiência física existem no Brasil? Mais de 20 milhões - a esmagadora maioria sem o conforto da acessibilidade aos equipamentos públicos e a um tratamento de reabilitação. Os governos, como as pessoas, têm que ser solidários com todos e principalmente com aqueles que são mais vulneráveis”.

José Serra se utiliza, ainda, de argumentos de qualidade, que especifiquem melhorias, analisem feitos ou valorizem algo, como veremos no trecho a seguir:

¹⁵ Charaudeau (2007, p. 49) definiu o efeito de verdade como o que está mais para o lado do “acreditar ser verdadeiro” do que o do “ser verdadeiro”. Ainda, na visão do autor : “diferentemente do valor de verdade que se baseia na *evidência*, o efeito de verdade baseia-se na *convicção*, e participa de um movimento que se prende a um *saber de opinião*, a qual só pode ser apreendido empiricamente, através dos textos portadores de julgamento”.

“Com o plano Real, o Brasil transformou sua economia a favor do povo, controlou a inflação, melhorou a renda e a vida dos mais pobres, inaugurou uma nova Era no Brasil. Também conquistamos a responsabilidade fiscal dos governos”.

O pré-candidato usa argumentos que tentam comprovar que ele é alguém que valoriza o trabalho das pessoas e reconhece o valor delas, assim como sua integridade. Serra procura comprovar, também, que sua referência sobre o trabalho humano vem de seu pai, que para ele é um exemplo:

“Minha história pessoal está diretamente vinculada à valorização do trabalho, à valorização do esforço, à valorização da dedicação. Lembro-me do meu pai, um modesto comerciante de frutas no mercado municipal: doze horas de jornada de trabalho nos dias úteis, dez horas no sábado, cinco horas aos domingos. Só não trabalhava no dia 1 de Janeiro. Férias? Um luxo, pois deixava de ganhar o dinheiro da nossa subsistência. Um homem austero, severo, digno. Seu exemplo me marcou na vida e na compreensão do que significa o amor familiar de um trabalhador: ele carregava caixas de frutas para que um dia eu pudesse carregar caixas de livros.

E eu me esforço para tornar digno o trabalho de todo homem e mulher, do ser humano como ele foi. Porque vejo a imagem de meu pai em cada trabalhador”.

José Serra reconhece a importância da educação escolar para a vida de um cidadão e afirma que o aprendizado em sala de aula precisa ser melhorado, mas que isso exige custos. Além disso, o pré-candidato chama a atenção para o retrocesso que a educação sofreu nos últimos anos e se compromete com a melhoria da mesma.

“Mas é por isso tudo que sempre lutei e luto tanto pela educação de milhões de filhos do Brasil. No país com que sonho para os meus netos, o melhor caminho para o sucesso e a prosperidade será a matrícula numa boa escola, e não a carteirinha de um partido político. E estou convencido de uma coisa: bons prédios, serviços adequados de merenda, transporte escolar, atividades esportivas e culturais, tudo é muito importante e deve ser aperfeiçoado. Mas a condição fundamental é a melhora de aprendizado na sala de aula, propósito bem declarado pelo governo, mas que praticamente não saiu do papel. Serão necessários mais recursos. Mas pensemos no custo para o Brasil de não ter essa nova Educação em que o filho do pobre frequente uma escola tão boa quanto a do filho do rico. Esse é um compromisso.

É preciso prestar atenção num retrocesso grave dos últimos anos: a estagnação da escolaridade entre os adolescentes...”

O candidato aponta suas intenções, sonhos e projetos para a vida do país. Ele ressalta seus valores e princípios, que são baseados na honestidade, verdade, caráter, honra, coragem, coerência, brio profissional e perseverança. José Serra mostra que defende os valores universais como a democracia, estado de direito e justiça.

Nessa interação discursiva, José Serra, para se opor à sua adversária Dilma Rousseff, mostra que percorreu um longo caminho em sua trajetória política e, dessa forma, já pleiteou muitos cargos. Ele chega até mesmo a questionar sua adversária em alguns debates

televisivos, afirmando que a candidata estaria “pegando uma carona” na imagem de Lula, e seu reconhecimento se dá, por meio do apoio do presidente.

Como já exerceu muitos cargos públicos, José Serra apresenta trabalhos realizados, o que engrandece seu discurso, e o torna mais persuasivo. Serra é polêmico, sagaz, questionador e, como todo político, corre o risco de que, em seu discurso, seus argumentos sejam discriminados ou refutados, tendo em vista, a opinião de seu público.

Os argumentos e os valores que José Serra procura evidenciar em seu discurso fazem parte das três categorias de constituintes discursivos chamadas: troca, intervenção e ato, que possuem entre si relações ilocucionárias e interativas genéricas. Tais categorias de constituintes e relações serão tratadas posteriormente, no capítulo três quando fizermos a abordagem do módulo hierárquico e da forma de organização relacional.

Esses argumentos utilizados por José Serra são importantes para dar sustentação ao seu discurso e contar sua trajetória de vida, assim como para ajudá-lo a construir uma identidade social e discursiva¹⁶ que o permita ser reconhecido como um político crível, fidedigno, altamente persuasivo e, por isso, capaz de conduzir o país, que é o que veremos no próximo tópico.

É importante ressaltar que os argumentos utilizados por José Serra, bem como a construção de sua identidade social e discursiva serão analisados do ponto de vista do MAM, no capítulo três quando tratarmos da estrutura praxeológica que nos mostrará o percurso acional feito pelo pré-candidato.

Dessa forma, veremos que tanto os argumentos, quanto a construção da identidade de José Serra estarão inseridos na referida estrutura, por se tratarem de ações realizadas pelo pré-candidato na tentativa de chegar à Presidência do país.

¹⁶ Alguns autores como Amossy (2005), Charaudeau (2008) e Maingueneau (1997, 2005, 2006) desenvolveram trabalhos sobre a construção da imagem de si, ou seja, do *ethos*, porém este não é o foco de interesse do nosso trabalho. A questão do *ethos* é muito ampla, profunda e aborda a inter-relação dos sujeitos e o funcionamento das diferentes modalidades discursivas. O que queremos é apenas demonstrar que existe um sujeito que fala de algum lugar no discurso. Por isso, preferimos trabalhar com a noção de identidade, que neste contexto de pesquisa ganhará uma dimensão mais simples e servirá para abarcar as características próprias e exclusivas de José Serra. Assim, muito mais do que a construção da imagem ou do perfil do enunciador, evidenciaremos que a construção da identidade terá a função de projetar as condutas e os valores do sujeito José Serra, que serão incorporados e passarão a ser vivenciados por ele como uma realidade concreta. Dessa forma, mostraremos, que o pré-candidato tentará construir uma identidade social e discursiva que o ajudará a fundamentar e sustentar os argumentos presentes em seu proferimento.

2.6- A construção da identidade de José Serra no discurso

Ao se estudar um discurso, seja ele de que ordem for, é bastante motivador e muito interessante, refletir a importância do sujeito que nele se encontra. Sendo assim, é necessário dizer que a noção de sujeito já foi e continua sendo estudada e definida por diversas vertentes.

Desse modo, para a finalidade desta pesquisa, a noção de sujeito que mais nos atrai, nos interessa e se faz relevante é aquela estudada na perspectiva da Análise do Discurso e que ganha destaque porque concebe o sujeito como histórico e, discursivo que se constitui na e pela linguagem.

Partindo desse conceito, interessa-nos analisar o sujeito José Serra, que é, ao mesmo tempo, um sujeito discursivo, porque se apresenta como um ser que fala no discurso na posição de enunciador, que enuncia em um determinado contexto histórico mostrando seus pontos de vista, e um sujeito político, porque é o portador e o garantidor de valores fundadores de certa “idealidade social”, e precisa promover a adesão do maior número de cidadãos a estes valores. Por ser o sujeito um ser falante, carregado de ideologias, é possível dizer que, ao enunciar, o pré-candidato constrói, ao longo do discurso, por meio da palavra e da interação com seus interlocutores, identidades que o ajudam a legitimar seu proferimento.

No entanto, antes de partirmos para o conceito e o estudo da identidade propriamente dita, é importante esclarecer que, neste trabalho de dissertação, *ethos* e identidade são vistos como noções diferentes porque, enquanto a primeira muitas vezes diz respeito a uma imagem forjada no decorrer do evento discursivo pelo enunciador, a segunda está voltada para o sujeito real, que, ao se construir discursivamente, desempenha papéis particulares, singulares e únicos.

Assim sendo, nesta pesquisa, não trabalharemos com a noção de *ethos*, mas é possível relacioná-la à questão da identidade, considerando que a imagem que locutor e auditório fazem um do outro se deve às representações culturais vigentes, ou seja, a imagem de Serra emana de seu caráter pessoal e intransferível e o *ethos* do pré-candidato tem ver com a (re) afirmação de uma identidade que resulta da idealização de certas características, crenças e valores que lhe são próprios e exclusivos.

Dessa maneira, como toda identidade, a identidade de José Serra é uma construção discursiva e dinâmica definida como um conjunto de características e valores atribuídos ao pré-candidato. Essa identidade está ligada às suas peculiaridades, à sua forma de habitar o mundo e à relação que ele estabelece com os seus eleitores/interlocutores, que se molda e

ganha força como afirmação de um modo de ser e de agir diretamente vinculado a um espaço territorial socialmente construído.

Para Charaudeau (2009, p. 313), existem dois tipos de identidade: a social (que tem como particularidade a necessidade de ser reconhecida pelos outros e confere ao sujeito seu direito à palavra, o que funda sua legitimidade e inclui dados biológicos, psicossociais e comportamentais atribuídos ao sujeito), e a discursiva (que tem a particularidade de ser construída pelo sujeito falante para responder à questão: estou aqui para falar como? Assim sendo, depende de um duplo espaço de estratégias: de credibilidade e de captação¹⁷).

No que diz respeito à análise do discurso de José Serra para defender suas ideias e fazer com que seus interlocutores/leitores adiram a elas, o pré-candidato construirá tanto uma identidade social, quanto uma identidade discursiva.

A identidade social que José Serra constrói no proferimento de seu discurso se define pelo princípio de legitimidade. Desse modo, o pré-candidato precisa se perguntar: Estou aqui para dizer o quê? Para garantir a legitimação de seu discurso e para exercer influência sobre seus interlocutores, José Serra precisa primeiramente ter a preocupação de se colocar na posição de quem quer defender e promover um projeto de sociedade ideal inscrita num sistema de valores. Depois, ele precisa deixar transparecer que seu “dizer” é também “fazer”.

Nesse sentido, na construção da identidade social, José Serra procura evidenciar tudo que já fez pelo país e ainda pode fazer. Assim, o pré-candidato tem em seu discurso a necessidade de ver suas obras reconhecidas e expor à vista toda sua experiência política como prefeito, ministro e governador.

Dessa maneira, vejamos:

“Na Constituinte fiz a emenda que permitiu criar o FAT, financiar e fortalecer o BNDES e tirar do papel o seguro-desemprego –que hoje beneficia 10 milhões de trabalhadores. Todos os partidos e blocos a apoiaram. No ministério da saúde do governo Fernando Henrique tomou a iniciativa de enviar ou refazer e impulsionar seis projetos de lei e uma emenda constitucional –a criação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária e da Agência Nacional de Saúde, a implantação dos genéricos, a proibição do fumo nos aviões e da propaganda de cigarros, a regulamentação dos planos de saúde, o combate à falsificação de remédios e a PEC 29, que vinculou recursos à Saúde nas três esferas da federação – todos, sem exceção, aprovados pelos parlamentares do governo e da oposição. É assim que eu trabalho: somando e unindo, visando ao bem comum.

¹⁷ A credibilidade, para Charaudeau (2009, p. 15), “está ligada à necessidade, para o sujeito falante, de que se acredite nele, tanto no valor de verdade de suas asserções, quanto no que ele pensa realmente, ou seja, em sua sinceridade e a captação vem da necessidade, para o sujeito, de assegurar-se de que seu parceiro na troca comunicativa percebe seu projeto de intencionalidade, isto é, compartilha de suas idéias, suas opiniões e/ou está ‘impressionado’ (tocado em sua afetividade)”.

Os membros do Congresso, que estão me ouvindo, podem testemunhar: suas emendas ao orçamento da Saúde eram acolhidas pela qualidade, nunca devido à sua filiação partidária”.

A análise da citação acima, nos permite dizer que José Serra pretende legitimar seu discurso, ganhar a simpatia de seus interlocutores e se tornar digno do voto deles, explicitando que pode ser considerado apto para o cargo de presidente porque já exerceu outros cargos anteriormente.

Sendo assim, compreendemos que na tentativa de validar seu proferimento, persuadir seus ouvintes e estabelecer com eles um processo de interação, José Serra coloca em prática algumas atividades discursivas.

Tais atividades discursivas como, por exemplo, os argumentos que José Serra procura ajuntar em seu favor, a construção de sua identidade social e discursiva para influenciar seu público, entre outras atividades que o pré-candidato realiza servem de base para a construção da estrutura praxeológica que veremos posteriormente no capítulo três quando estudarmos o módulo referencial e que representa o percurso acional escolhido por José Serra na intenção de ser o presidente do Brasil.

O discurso de José Serra fala sobre seus objetivos, seus projetos para o país, assim como faz uma crítica do governo atual e contra ele lança algumas atitudes arbitrárias. Esse discurso contempla o conjunto de valores pessoais de Serra e representa um documento histórico em que se configura a idealização de um modelo de governo.

A identidade discursiva no proferimento do pré-candidato se constrói a partir da necessidade de José Serra de ter credibilidade, obter a confiança de seu público e fazer com que ele crie uma empatia com seu discurso. Por isso, o candidato se mostra engajado com seu público, tomando posições, explicando os argumentos e se mostrando convicto de suas ideias:

“Se o povo assim decidir, vamos governar com todas e com todos, sem discriminar ninguém. Juntar pessoas em vez de separá-las; convidá-las ao diálogo, em vez de segregá-las; explicar os nossos propósitos, em vez de hostilizá-las. Vamos valorizar o talento, a honestidade e o patriotismo em vez de indagar a filiação partidária”.

Além disso, para tentar captar a atenção de seu público e fazê-lo crer no que diz, Serra é persuasivo e assume uma atitude de sedução, desempenha o papel de alguém que quer beneficiar a população, tentando impressionar os eleitores:

“Ninguém deve esperar que joguemos estados do Norte contra estados do Sul, cidades grandes contra cidades pequenas, o urbano contra o rural, a indústria contra os serviços, o comércio contra a agricultura, azuis contra vermelhos, amarelos contra verdes. Pode ser engraçado no futebol. Mas não é quando se fala de um país. E é deplorável que haja gente que, em nome da política, tente dividir o nosso Brasil. Não aceito o raciocínio do nós contra eles. Não cabe na vida de uma Nação. Somos todos irmãos na pátria. Lutamos pela união dos

brasileiros e não pela sua divisão pode haver uma desavença aqui outra acolá, como em qualquer família. Mas vamos trabalhar somando, agregando. Nunca dividindo. Nunca excluindo”.

Gostaríamos de ressaltar que tanto a construção da identidade social como a construção da identidade discursiva, que procuramos evidenciar no discurso de José Serra, estarão na base do quadro acional dois que construímos no capítulo três e que serve para reforçar seus argumentos, assim como para destacar a atividade conjunta estabelecida na interação dos indivíduos em relação ao discurso.

A partir dessa breve análise pudemos constatar que a construção de uma identidade serviu para descrever as ações, objetivos e propostas de José Serra, assim como para legitimar seu discurso e confirmar seu poder de persuasão, dando ao pré-candidato credibilidade e permitindo que seus argumentos tenham mais sustentação e veracidade.

Com base no percurso feito até aqui, no próximo capítulo, trataremos de focar as estratégias usadas ao longo do discurso de José Serra. Dessa maneira, abordaremos as informações de ordem referencial e interacional, que dizem respeito aos aspectos das condições de produção do referido discurso, além de abordar a estrutura hierárquica, que trata da organização do discurso do pré-candidato.

CAPÍTULO III:

O discurso de pré-candidatura de José Serra e suas condições de produção: primeiros caminhos para a análise das vozes autofônicas e polifônicas

Este capítulo pretende tratar das questões que dizem respeito aos conhecimentos da dimensão **situacional**, onde estão localizadas as informações de ordem **referencial** e **interacional**, relacionadas à produção do discurso de pré-candidatura de José Serra e que são indispensáveis ao processo de significação de um texto. Tais informações são imprescindíveis para a interpretação das retomadas polifônicas e autofônicas presentes no discurso do candidato, e irão nos permitir mostrar como e por que ele as usa.

Procuraremos, também neste capítulo, tratar da dimensão textual, responsável pelo módulo hierárquico que diz respeito às estruturas hierárquicas do discurso de José Serra. Para uma melhor análise do texto do proferimento, trataremos também da forma de organização relacional que, em combinação com o módulo hierárquico, nos dará as informações responsáveis pela organização do discurso do pré-candidato. Assim, procuraremos demonstrar que para propor as estruturas arbóreas do discurso, é necessário, inicialmente, segmentá-lo em atos. Cabe ressaltar que, as estruturas hierárquicas tornam-se indispensáveis para que se reconheçam as relações ilocucionárias e interativas desse discurso.

Por último, tentaremos apontar como se deu a legitimidade do discurso do candidato e, como, por meio das vozes presentes em seu proferimento, ele tenta convencer o povo brasileiro de que é o candidato mais indicado para assumir a presidência do país. Nesse sentido, para indicar essa legitimidade levaremos em consideração as formas de organização enunciativa e polifônica, por ponderarmos que elas tratarão com eficácia da inscrição e da função das vozes de todos aqueles que falarão no discurso de José Serra.

Dessa forma, passemos à abordagem descritivo-analítica dos módulos explicitados acima.

3.1 - A construção das estratégias discursivas de José Serra: o módulo referencial

A dimensão situacional diz respeito ao universo de referências e à situação de interação. Dentro dela trataremos de dois módulos: o referencial e o interacional. O primeiro descreve, de acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), as representações conceituais e praxeológicas das atividades, assim como os seres e objetos constituintes dos universos, nos quais o discurso se inscreve e do qual fala. O segundo define as propriedades materiais da situação de interação do discurso e das situações de interação em diferentes níveis: canal escrito ou oral, alternância de turnos de fala ou escritura, co-presença ou distância espaço-temporal, reciprocidade ou não no processo comunicacional.

Na abordagem genebrina, ao contrário das abordagens cognitivistas individualistas¹⁸, que consideram apenas os recursos cognitivos que os indivíduos mobilizam na interação, a dimensão referencial possui um caráter metodológico psicossocial, pois leva em consideração o papel das mediações sociais na construção da forma pela qual os agentes, engajados em certa linha de conduta, representam os contextos de atividades. Ainda, nessa abordagem, o módulo referencial tem de descrever não só as representações esquemáticas (praxeológicas e conceituais), implicadas no discurso, mas também as estruturas ou configurações emergentes, que resultam das realidades discursivas particulares.

Para Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), a dimensão referencial do discurso trata da capacidade de questionar as relações que a produção de linguagem tem com as situações em que são produzidas e, para comprovar isso, basta considerar a estreita relação entre o desempenho verbal com os dados da forma situacional.

Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) definem o módulo referencial como o componente básico do modelo modular especializado na descrição das relações que o discurso tem com o mundo em que é produzido e com o mundo que ele representa.

A abordagem modular propõe descrever as representações conceituais esquemáticas que constituem informações centrais e tipicamente relevantes numa atividade particular, na medida em que elas contribuem para determinar a “completude pragmática” das ações discursivas (Cf. ROULET, FILLIETTAZ e GROBET, 2001, p. 131).

¹⁸ As abordagens cognitivistas individualistas são aquelas que se propõem a analisar a mente, o ato de conhecer e como o homem desenvolve seu conhecimento acerca do mundo, analisando os aspectos que intervêm no processo estímulo/resposta. O estudo de tais abordagens foi desenvolvido por teóricos como Jean Piaget e Vigotsky.

Essas representações conceituais esquemáticas estão ancoradas na hipótese de que os sujeitos falantes adquirem e dominam, em graus diversos, um conjunto de representações prototípicas de seres e objetos relativos a um campo de atividade, independente de uma interação particular.

Nesse sentido, queremos apresentar uma análise referencial, tanto da atividade de uma prática interacional, aqui entendida como conjunto de recursos esquemáticos do agir, produzidos a partir de pré-experiências validadas, quanto das ações oriundas daquilo que emerge das negociações estabelecidas, efetivamente, em atividades desenvolvidas por agentes em cada situação particular de interação, como é o caso do discurso político de José Serra.

Ao estudar o módulo referencial, devemos levar em consideração, de um lado, as ações linguageiras e não-linguageiras, estabelecidas ou indicadas pelos locutores e, de outro lado, os conceitos implicados em tais ações. As pessoas, ao interagirem, coordenam suas ações. Do conhecimento que elas partilham do mundo objetivo depende o sucesso ou o insucesso de suas ações conjuntas, sendo que a violação das regras técnicas conduz ao fracasso.

Essas ações ou são determinadas segundo condutas sociais já existentes anteriormente, ou são criadas durante a interação. As condutas definem expectativas recíprocas de comportamentos sobre os quais todos os participantes têm conhecimento durante o agir comunicativo. Nas interações, os interactantes deixam transparecer sua interioridade de modo a haver um entendimento mútuo entre eles.

Rufino (2006, p. 50), tomando por base as explicações de Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), propõe um quadro para explicar as categorias da dimensão referencial que se juntam e descrevem as atividades, as ações e os conceitos envolvidos em uma dada interação: representações praxeológicas, representações conceituais (consideradas subjacentes ao discurso), estruturas praxeológicas e estruturas conceituais (consideradas emergentes, resultantes de realidades subjacentes). Vejamos o quadro apresentado pela autora:

Representações		Estruturas	
Praxeológica	Conceitual	Praxeológica	Conceitual
Corresponde à descrição das ações que se realizam para a produção de um tipo de interação.	Elenca certo número de características de determinado objeto independentemente de uma interação particular.	Representa como se realiza determinada interação e descreve as ações coordenadas de seus participantes.	Combina os elementos da representação conceitual de uma determinada maneira numa interação particular.

Quadro 3 – Categorias da dimensão referencial, segundo Rufino (2006, p. 50).

A representação conceitual tem por função inventariar e organizar as propriedades típicas que se podem atribuir a um conceito ou referente e procura explicar os conhecimentos esquemáticos, vistos como propriedades que podem ser atribuídas a conceitos e que se distinguem por um forte grau de tipicidade.

Assim sendo, apresentamos a seguir uma representação conceitual genérica de um discurso político:

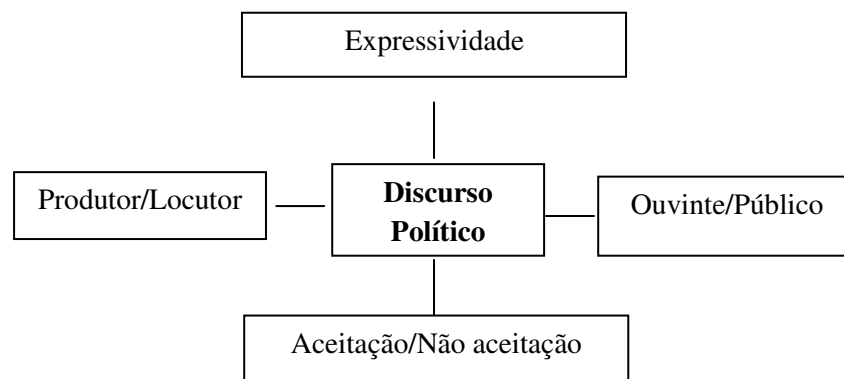


Figura 1 – Representação conceitual de um discurso político.

Propor uma representação conceitual para o discurso político que constitui nosso objeto de análise é engendrar um conjunto de propriedades ligadas a ele. Isso porque o discurso político possui características e propriedades próprias como: os conceitos de produtor/locutor, ouvinte/público, aceitação/não aceitação e expressividade.

Assim, quando se ativa a representação conceitual do discurso político, alguns conceitos participam dessa representação de modo preferencial. Isso acontece com o conceito **expressividade**, do qual o discurso político faz parte. Pelo fato de o discurso político apresentar expressividade, os interlocutores envolvidos na transformação dessa prática também devem ser

associados ao conceito central **discurso político**, por meio dos conceitos **produtor/locutor** e **ouvinte/público**. Como o político depende fortemente da aprovação ou não do público para vencer uma eleição, é necessário que também se associe ao conceito central o **conceito de aceitação/não aceitação**.

Podemos, a partir dessa representação do discurso político apresentada acima, propor uma estrutura conceitual que dá destaque à representação ativada na mente do público e que expressa as propriedades típicas do discurso de José Serra:

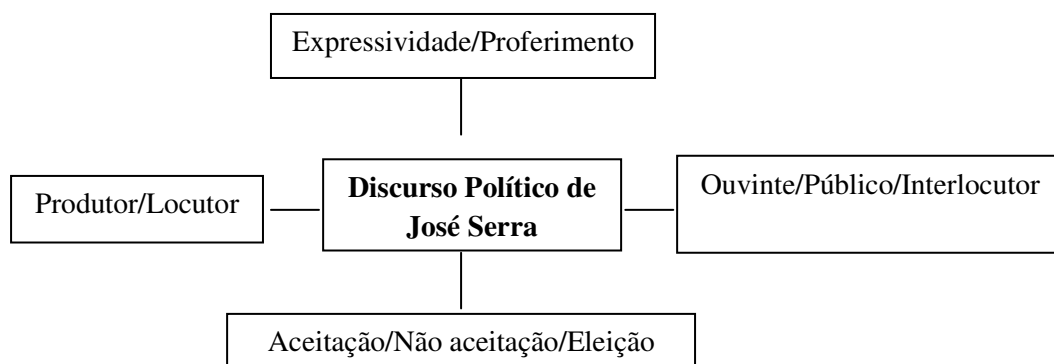


Figura 2 – Estrutura conceitual do discurso político de José Serra.

Nessa estrutura conceitual é possível perceber os conceitos que se associam de forma mais rápida ao conceito **discurso político de José Serra**, objeto de nossa análise.

O conceito **proferimento** se liga ao conceito central porque José Serra precisa sensibilizar, seduzir e ganhar a adesão do público, por meio de um texto oral, no qual ele constrói sua identidade e realiza determinadas ações para influenciar direta ou indiretamente seu público. Dessa forma, o candidato se julga capaz de governar o país e, por isso, aponta as suas qualidades para tal ato, procurando apresentar as razões pelas quais é o sujeito ideal, digno de conduzir a nação.

Os interlocutores que participam da transformação dessa prática devem ser associados ao conceito central **discurso político**, por meio da interação que se estabelece entre os conceitos de **produtor/locutor** e **ouvinte/público**. O que destacamos é que o público, neste momento, é **receptor** do proferimento do pré-candidato e deve estar atento às suas propostas. Isso porque os interlocutores do sujeito que enuncia são levados às atividades de **aceitação** ou **não-aceitação**, e às atividades de adesão parcial ou total, que surgem desse conjunto de ações mencionadas acima. Por ser tratar de um momento importante, no qual a população brasileira iria escolher seu novo representante, associamos ao conceito central o conceito **eleição**.

Tal como pudemos notar, a estrutura conceitual tem como objetivo explicitar as propriedades específicas e emergentes de um percurso acional efetivo, funcionando, portanto, como um esquema cognitivo subjacente ao discurso.

3.1.1 - O discurso de José Serra: a representação praxeológica e a estrutura praxeológica

Uma análise referencial deve ter como objetivo estudar não só as ligações do discurso com o mundo ordinário, mas também as ligações com o mundo representado, por isso, essa análise não só retrata alguns percursos acionais típicos relacionados a determinadas interações, como também evidencia ações coletivas que operam como condutores cognitivos subjacentes ao contrato de uma transação social qualquer. É a partir das categorias praxeológicas que são interpretados os comportamentos dos interactantes e nesses comportamentos se baseia a racionalidade das relações interpessoais.

A representação praxeológica busca descrever alguns percursos acionais típicos de uma interação. Para Marinho (2002, p. 243), “ela não determina as ações, mas opera como um guia cognitivo subjacente”. Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) consideram-na como um construto coletivo ao qual devemos atribuir uma validade social e, por isso, ela não é estritamente individual.

Nessa perspectiva, ao propor a representação praxeológica não pretendemos apenas descrever o conjunto de todas as ações que podem efetivamente ser realizadas pelos participantes da interação em uma dada situação, mas sim apreender elementos de experiências anteriores, sobre as quais se fundam as condutas presentes.

Dessa maneira, nossa intenção é propor uma estrutura praxeológica do discurso político de José Serra, produzido em um contexto específico da história do país, no qual os integrantes da situação interativa compartilham ou tomam conhecimento de suas experiências, sua tradição e sua trajetória política. A partir dessa nossa intenção, apresentamos, a seguir, a estrutura praxeológica do discurso do pré-candidato:

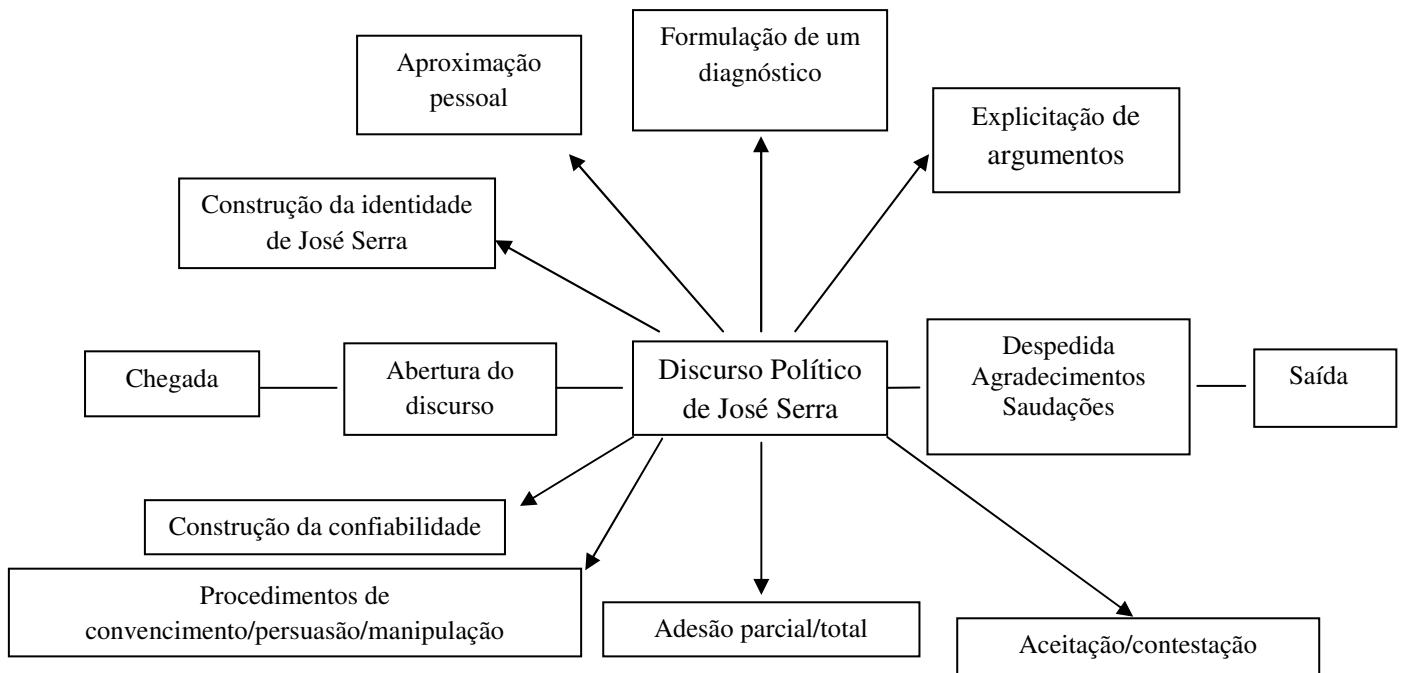


Figura 3- Estrutura praxeológica do discurso político de José Serra.

A estrutura praxeológica apresentada acima pretende esquematizar as principais transações que ocorrem dentro do discurso político de José Serra, por isso, estão presentes ações como: a chegada, a abertura do discurso, a despedida, a saída, entre outras.

Nessa figura, podemos perceber dois grupos acionais: um diz respeito às ações praticadas no momento do proferimento do discurso, e outro relacionado ao jogo de adesão por parte do público.

Para sensibilizar, seduzir, persuadir e ganhar a adesão do público para a sua proposta política, os argumentos utilizados pelo pré-candidato são de suma importância para que o público reconheça suas reais intenções e o escolha como o presidente da nação.

Assim, ao observarmos o discurso de José Serra, logo percebemos em seus argumentos uma preocupação e um interesse em demonstrar que já exerceu outros cargos políticos, já realizou muitas obras e, sendo assim, suas ideias e propostas são claras, coesas, pautadas no bem comum.

No proferimento de seu discurso, para atingir seus objetivos e para ativar os conceitos que trabalhamos na estrutura conceitual, José Serra busca estratégias argumentativas que servem como forma de integração entre ele e o público.

Desse modo, ao realizar ações como **aproximação pessoal**, **formulação de um diagnóstico** e **explicitação de argumentos**, o pré-candidato deseja, de maneira convincente, mostrar ao povo brasileiro que é o mais indicado para assumir a presidência.

José Serra procura sempre estar em contato com seus interlocutores, aproximando-se deles, assumindo uma voz coletiva e se incluindo na grande massa brasileira. Vejamos um trecho do discurso de José Serra que comprova essa afirmação:

“Nos últimos 25 anos, o povo brasileiro alcançou muitas conquistas: **retornamos** a democracia, **arrancamos** nas ruas o direito de votar para presidente, **vivemos** hoje num país sem censura e com imprensa livre. **Somos** um Estado de Direito Democrático. **Fizemos** uma nova Constituição, escrita por representantes do povo...”

Na tentativa de **construir sua identidade** e obter **a confiabilidade** por parte de seus interlocutores, José Serra tenta expor seu caráter, seus valores e suas convicções apostando num discurso igualitário, que pressupõe um sistema político-social que não só defende a igualdade social, mas a própria noção de povo enquanto família. Dessa maneira, há um apelo ao discurso pela igualdade social visando tanto os grupos elitizados quanto as minorias e os excluídos.

Dessa maneira, vejamos:

“Não aceito o raciocínio do nós contra eles. Não cabe na vida de uma Nação. Somos todos irmãos na pátria. Lutamos pela união dos brasileiros e não pela sua divisão. Pode haver uma desavença aqui outra acolá, como em qualquer família. Mas vamos trabalhar somando, agregando. Nunca dividindo. Nunca excluindo”.

Além disso, para reforçar suas ideias, assim como para sustentar seus argumentos a respeito de sua candidatura e de sua possível eleição e fazer com que o público os aceite, José Serra lança mão das estratégias de **convencimento, persuasão e manipulação**.

A retomada de uma de suas falas pode comprovar o que estamos dizendo:

“Por isso, conclamo: Vamos juntos. O Brasil pode mais. O desenvolvimento é uma escolha. E faremos essa escolha. Estamos preparados para isso”.

Dessa forma, os eleitores precisam ter uma **adesão parcial** ou **total** aos projetos e objetivos políticos do pré-candidato, o que leva a uma atitude de **aceitação** ou **contestação** do discurso proferido.

Toda essa reflexão sobre as estratégias presentes no discurso de José Serra pode ser melhor entendida a partir do silogismo abaixo:

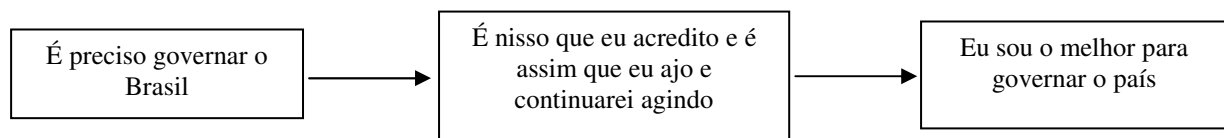


Figura 4: Representação do silogismo.

Com base em Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), os conceitos e as atividades descritos na representação do silogismo precisam ser entendidos antes de qualquer abordagem e, deve-se tentar captar, de certa forma, as relações que o discurso tem com as ações que ele representa.

A representação do silogismo nos ajuda a entender as ações iniciais típicas da representação praxeológica do discurso de José Serra, assim como serve de base para a construção das estruturas praxeológicas que revelam os percursos acionais específicos que ocorrem dentro do proferimento do pré-candidato.

Dessa maneira, a partir da primeira premissa que pressupõe a ideia de que é preciso governar o Brasil, José Serra apresenta uma segunda premissa que reflete as ações que já realizou em governos anteriores e que validam sua competência para, então, concluir que é o candidato melhor para governar o país.

As estruturas praxeológicas devem representar a realização de determinada interação e dão conta das propriedades emergentes de uma interação efetiva, ao contrário da representação praxeológica concernente à dimensão tipicamente orientadora das linhas de conduta.

Ao levarmos em consideração as partes expositivo-narrativas do discurso em análise, podemos afirmar que elas apresentam, no plano referencial, uma estrutura praxeológica relacionada com a representação praxeológica do discurso político.

Para fazer uma síntese do discurso de José Serra, após essas análises de ordem referencial, podemos esquematizar as atividades políticas prototípicas de uma representação expositivo-narrativa:

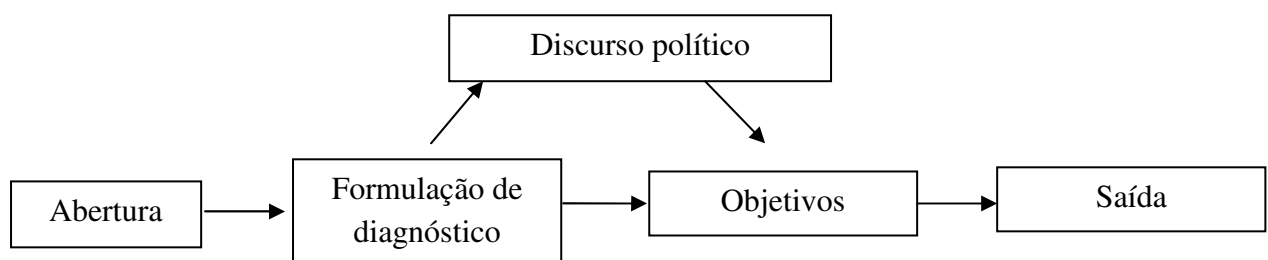


Figura 5: Representação praxeológica de um discurso expositivo-narrativo.

As estruturas expositivo-narrativas que fazem parte de nosso objeto de análise se caracterizam por apresentarem os argumentos, os objetivos e os planos de José Serra para a nação. Elas também apresentam um momento importante e crucial para a vida de milhões de brasileiros que precisam, no momento de enunciação do discurso, escolher o futuro de seu país na figura de um líder, uma pessoa que melhor represente seus anseios e seus sonhos.

Essas estruturas expositivo-narrativas representam as unidades referenciais que participam da construção do caráter sequencial e hierárquico dos processos acionais efetivamente negociados, bem como as relações, por meio das quais as unidades se encontram ligadas em diferentes níveis da estrutura.

No discurso de José Serra, isso equivale a dizer que as estruturas expositivo-narrativas representam o desenvolvimento específico do percurso acional efetivo realizado pelo pré-candidato na busca de estar em um envolvimento íntimo que o liga ao povo brasileiro, no intuito de caminhar com a população e colocar seus planos em prática.

No que diz respeito aos percursos acionais, podemos dizer que eles estão ligados aos objetivos individuais de cada um dos interactantes, mas que podem ser negociados ao longo da interação.

Dessa maneira, para cada parte que escolhermos para trabalhar, teremos uma estrutura praxeológica peculiar que a represente segundo sua estrutura expositivo-narrativa. É importante ressaltar que o esquema expositivo-narrativo proposto na figura acima não apresenta tal simplicidade, por isso é possível que as etapas fiquem pressupostas.

Propomos, então, esquematizar alguns trechos¹⁹ do discurso de José Serra para demonstrar o fato de que existe um percurso acional que marca as partes expositivo-narrativas de seu pronunciamento:

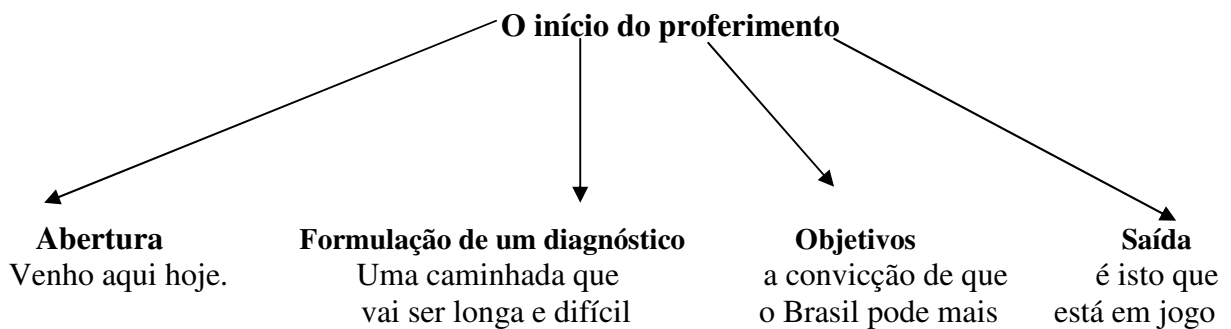


Figura 6: Estrutura praxeológica do início do discurso de José Serra (atos 1-18).

Nessa estrutura praxeológica, cujos trechos remetem ao início do discurso de José Serra, é possível perceber que ele inicia seu discurso relatando que estava ali, naquele espaço-tempo, para falar de si, de sua vida particular e pública, para expor e validar seus objetivos,

¹⁹ Embora a noção de ato só seja apresentada adiante, para ajudar o leitor a entender a análise interpretativa que propomos nessas estruturas praxeológicas, utilizamos a numeração em atos que consta na cópia transcrita do discurso de José Serra inserida no anexo ao final deste trabalho, apenas para que se possa localizar os trechos selecionados.

por meio de argumentos. A abertura se dá pela instauração do sujeito no espaço-tempo, pela marcação do tempo verbal em primeira pessoa, pelo advérbio de lugar **aqui** e pelo advérbio de tempo **hoje**.

A formulação do diagnóstico se inicia quando José Serra reitera repetidamente, em discurso direto, o verbo dicendi “falar”, acompanhado de seus complementos que indicam a constatação de que presidir o país é uma tarefa longa e difícil. Tal leitura só é possível porque o vocábulo substantivado **caminhada**, usado no particípio passado feminino, pode ser lido metaforicamente como tudo aquilo que converge para a presidência.

Os objetivos são explicitados pela convicção de José Serra de que o país pode alcançar o progresso através de sua eleição. Assim, o candidato insere em sua fala o *slogan*²⁰ de sua campanha que acaba sendo a saída para um Brasil que pode mais.

Nesse sentido, o final deste trecho indica pelo dêitico “isto” que o que está em jogo é o fato de que o Brasil pode mais com José Serra na presidência.

A sequência do discurso é dada na ordem em que José Serra evidencia os fatos e todo o percurso realizado na construção das partes expositivo-narrativas com a finalidade de reafirmar e enaltecer os seus objetivos como futuro presidente, por isso o mesmo percurso é utilizado nos trechos em que José propõe seus objetivos para a nação, conforme a leitura do seguinte trecho:

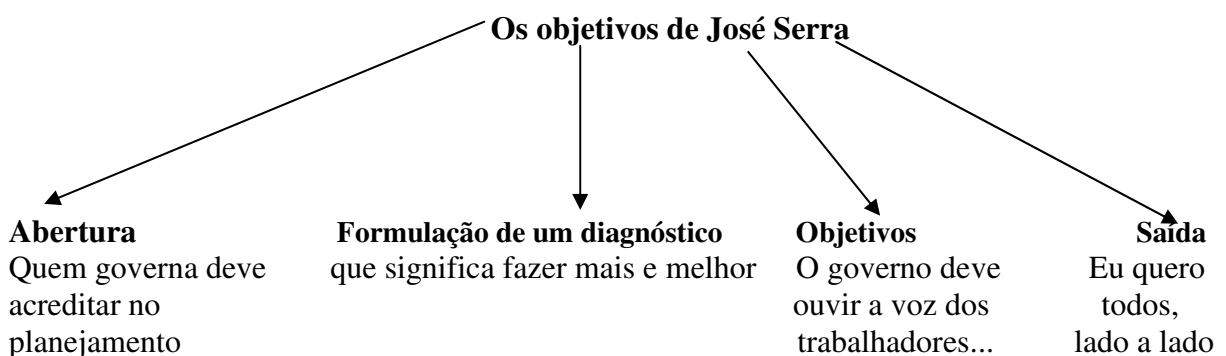


Figura 7: Estrutura Praxeológica dos objetivos de José Serra (atos 80-91).

²⁰ Neste contexto de pesquisa, trabalharemos com a noção de *slogan* no âmbito político, procurando evidenciar que o uso do mesmo é uma estratégia discursiva a qual os candidatos recorrem, tendo em vista que o *slogan* é um texto curto e de rápida assimilação podendo ser facilmente apreendido. Para Tomazi e Carmelino (2010 p. 111), “o uso de *slogan* nas campanhas eleitorais reflete o poder e a legitimidade da palavra política, além de ajudar a construir as figuras identitárias desejadas pelos políticos”. Dessa maneira, queremos tornar notável que o *slogan* político “O Brasil pode mais”, utilizado por José Serra durante sua campanha eleitoral, é um recurso do qual ele lança mão não só para validar o seu argumento de que acredita no potencial do país, mas para persuadir os eleitores de que com ele na presidência o Brasil, de fato, pode ser muito mais.

A abertura desse trecho se dá quando José Serra coloca em pauta as condições e os valores propícios para um bom governo. Essas condições e valores dialogam com o que destacamos no capítulo dois²¹ sobre o que caracteriza e determina o discurso político eleitoral. O primeiro deles é que um bom governante deve acreditar nas ações que planeja e deve planejá-las bem. Depois ele prossegue dizendo que um bom governante deve cultivar a austeridade fiscal.

A partir dessa proposta inicial, José Serra formula um diagnóstico de que praticar tais ações é fazer mais e melhor pelo país mesmo sem ter muitos recursos. Na sequência ele esclarece seus objetivos e torna evidente que um bom governante deve ouvir a voz de todos e não deve fazer distinção de ninguém.

No fechamento, ou seja, na saída dessa estrutura praxeológica, José Serra conclui dizendo que quer todos juntos, unidos, para colocar em prática as ações propostas e que representam os fundamentos para o desenvolvimento, assim como para o enriquecimento do país. Sendo assim, nessa estrutura, vê-se que o principal desejo de José Serra, mesmo que utópico, continua sendo a noção de um governo igualitário que “ouve a voz” de todos.

Outra estrutura praxeológica que podemos propor para a análise interpretativa do discurso de José Serra está relacionada ao trecho que trata de seus argumentos:

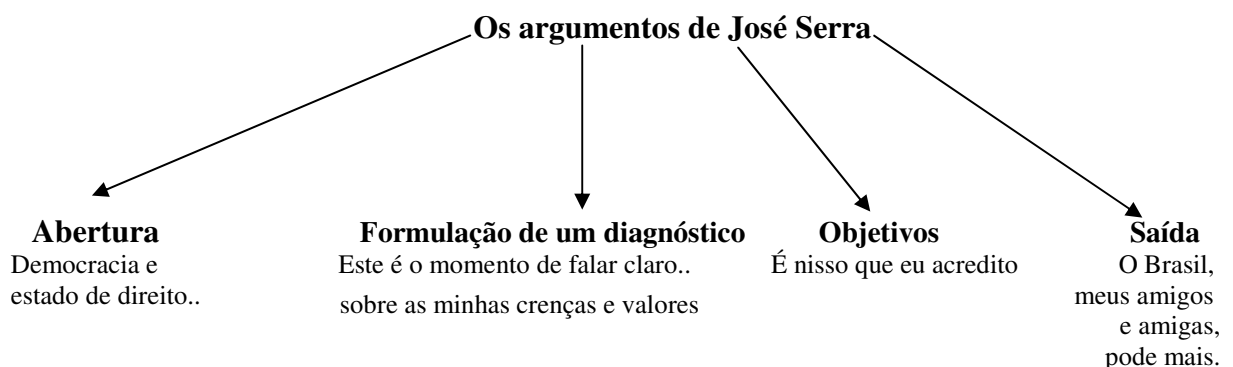


Figura 8: Estrutura Praxeológica dos argumentos de José Serra (atos 61-72).

Nesse trecho, a abertura acontece quando José Serra fala que democracia e estado de direito são valores importantes e que devemos respeitá-los. A partir desse pressuposto, ele

²¹ Conferir páginas 44-45.

formula o diagnóstico evidenciando que o caráter pessoal e atributos como honestidade, verdade, honra, coragem, entre outros, são valores que todo político deve ter para governar.

Vemos evidenciado nesse trecho que o pré-candidato explicita que seu objetivo é governar e agir em prol dos valores constatados no diagnóstico. A saída dessa estrutura praxeológica é feita novamente pela estratégia já utilizada anteriormente, ou seja, de um governo que promove o diálogo com o povo. Para tanto, José Serra retoma o *slogan* emblemático de sua campanha e finaliza dizendo que juntos, unidos em busca de um mesmo ideal podemos mais.

Assim sendo, é importante reafirmar que as estruturas praxeológicas são de suma importância para a interpretação do discurso, pois elas explicam a forma como as ações são efetivamente negociadas no desenvolvimento de uma interação específica.

A partir de agora, apresentaremos o quadro acional que elenca o conjunto de ações efetivas praticadas pelos participantes da interação no momento do proferimento do discurso de José Serra.

3.1.2 - O discurso de José Serra e o quadro acional

Para explicitar algumas propriedades e ações de uma interação efetiva, usamos o quadro acional, que consiste em considerar um número de observações realizadas por um estudo sistemático da composição situacional do discurso ao descrever com precisão elementos particularmente importantes nas relações discursivas interativas.

Os quadros acionais, por meio de cinco parâmetros interdependentes, mobilizam instrumentos de análise das interações realizadas em contextos efetivos, expondo a forma de organização dessas interações de acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 112-117):

a) **Os modos de ação:** subdividem-se em modo de ação individual, quando o agente adota, de maneira autônoma, uma linha de conduta voltada para um fim e em modo de ação coletiva, quando as situações pressupõem uma interindividualidade;

b) **A finalidade:** toda interação tem uma intenção e esta constitui o “centro” ou o “núcleo” de uma dada interação;

c) **Os papéis praxeológicos:** são vistos como as identidades situacionais que envolvem os agentes de um contrato comunicativo;

d) **A direção e o grau de engajamento:** instâncias envolvidas em uma linha de conduta que devem estar minimamente engajadas para que a finalidade acional se concretize. A direção do

engajamento pode apresentar-se em convergência ou divergência em relação à finalidade dos participantes na interação, já o grau de força do engajamento diz respeito à intensidade da participação dos agentes na interação;

e) **O complexo motivacional:** diz respeito aos motivos que sustentam o engajamento dos participantes. As linhas de conduta, regidas internamente por uma finalidade, são seguidas, em seu interior, por motivos que fixam a sua pertinência.

Uma vez que apresentamos os parâmetros que sustentam o quadro acional, podemos esquematizar dois quadros acionais que nos mostram uma análise das ações efetivas realizadas pela interface entre os interactantes do discurso de José Serra.

<p style="text-align: center;">Autor José Serra Complexo Motivacional</p>	<p style="text-align: center;">Papéis Paxeológicos</p> <p style="text-align: center;">Modo: Atividade Conjunta</p> <p style="text-align: center;">Finalidade: Eleição</p>	<p style="text-align: center;">Público Eleitores Complexo Motivacional</p>
Agradar, convencer, representar, persuadir, argumentar;		Selecionar, julgar, contestar, questionar, refletir;
Propor uma nova forma de governar/Mudança;		Analisar, apreciar, aprovar;
Conservar a democracia e a ordem popular/Conservação;		Verificar o cumprimento das condutas, valorizar a forma de governo;
Propor a tradição dos valores da população, assim como das metas alcançadas/Tradição;		Reconhecer a conjuntura política;
Utopia das metas e interesses comuns;		Sonhar junto;
Estabelecer um pacto de interação com seus eleitores;		Acreditar na interação;
Convencer os eleitores;		Votar;

Quadro 4: Proposta do quadro acional 1.

As ações representadas neste quadro dizem respeito à produção do discurso. As ações, acima descritas (agradar, convencer, persuadir, etc), são representativas da interação e giram

em torno da finalidade “eleição”. Elas demonstram um engajamento entre os indivíduos que convergem semelhantemente para papéis praxeológicos, que são determinados de um lado pelo autor político e de outro pelos seus eleitores.

É interessante observar que fazem parte desse quadro acional os quatro valores (mudança, conservação, tradição e utopia) os quais abordamos no capítulo dois e que serviram para caracterizar o discurso de José Serra. Esses valores, juntamente com todas as outras ações que envolvem o complexo motivacional, representam um percurso das atividades efetivas compartilhadas pelos sujeitos que participam da interação.

Esse tipo de discurso já pressupõe uma pré-seleção, tanto por parte do autor/José Serra, quanto por parte do público/eleitor.

O autor do discurso político deve selecionar o que vai dizer ao público e deve fazer com que suas ações correspondam com aquilo que ele fala. O público, por sua vez, seleciona o candidato que apresentou o perfil e os pré-requisitos que ele julga necessários para representá-lo como chefe da nação. Por isso, o candidato deve modular suas finalidades de acordo com as necessidades do povo que irá elegê-lo, abstendo-se, portanto, de objetivos individuais.

O complexo motivacional por parte do autor/candidato revela que há um intento de construir um discurso que convença o público e o leve a escolhê-lo em seu voto. Por outro lado, a intenção do público é ouvir o autor com o propósito de fazer uma escolha. O público legitimará o candidato como seu representante se esse lhe apresentar boas propostas e lhe parecer crível.

Neste sentido, apresentamos a seguir o segundo quadro acional que destaca as particularidades da atividade conjunta construída intrinsecamente no vínculo entre os interlocutores em relação ao discurso:

Proferir discurso	Autor José Serra Complexo motivacional	Papeis praxeológicos Atividade conjunta Finalidade: Eleição	Público Eleitores Complexo Motivacional	Ouvir discurso
	Encantar, seduzir;		Criar empatia com o discurso;	
	Identificar-se com o discurso;		Conscientizar;	
	Expor fatos;		Autorizar, validar o discurso;	
	Reconhecer as próprias características e valores/Construção da identidade social;		Identificar-se com o momento e com o autor;	
	Construção da identidade de político: sério, virtuoso, sincero, competente, etc;		Aprovar;	
Construção da identidade discursiva: credibilidade, confiabilidade e captação de votos;	Eleger;			

Quadro 5: Proposta do quadro acional 2.

O segundo quadro se diferencia do primeiro por apresentar modalidades praxeológicas exercidas entre o autor do discurso e o público. As ações dispostas no quadro se organizam em torno do núcleo conjunto (discurso) que apresenta “objetos acionais” distintos e expostos, como por exemplo, censurar e eleger.

Vale ressaltar que, junto com todas as ações que compõem o segundo quadro acional, está a construção da identidade social e discursiva de José Serra que confirma a intenção do pré-candidato em convencer o público e revela o estabelecimento de diálogo entre os interactantes da situação comunicativa.

O complexo motivacional, por parte do locutor, revela o compromisso do mesmo em escrever um discurso, do outro lado a intenção do público é ouvir esse discurso para decidir sobre seu voto.

Assim, estudar o módulo referencial é levar em consideração as ações conjuntas entre os indivíduos das interações. Ações essas que remetem a um universo de referência, no qual esses indivíduos estão inseridos.

Dessa maneira, após as análises das representações do discurso de José Serra, passamos, agora, a apresentar o módulo interacional, que trata da materialidade das interações que constituem um discurso, a fim de propor um estudo dos diferentes níveis e situações interacionais que envolvem o proferimento do pré-candidato.

3. 2 - A complexidade das interações do Discurso de José Serra: o módulo interacional

Segundo a abordagem modular da complexidade discursiva, a dimensão interacional define as propriedades materiais da situação de interação do discurso e das situações de interação que ele representa em diferentes níveis. Essas propriedades materiais definem o enquadre da interação a partir de três parâmetros: o canal (oral, escrito ou visual), o modo (posição dos interactantes num mesmo ambiente ou sua distância espacial ou temporal), e o tipo de vínculo da interação (define a unidirecionalidade, ou seja, contato onde somente uma das partes comunica na ausência física da reação do outro e a reciprocidade da interação, ou seja, cada interactante pode reagir à proposta do outro). Para Marinho (2002, p. 49) “o papel do módulo interacional é delimitar os níveis de interação e especificar suas características”.

De acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet, (2001, p. 46) “le module interactionnel définit les propriétés matérielles de la situation du discours et des situations d’interaction qu’il représente à différents niveaux”²². Ele trata, conseqüentemente, da materialidade interacional, por meio da qual é feito o discurso, e não de uma materialidade já significativa por convenção, no plano linguístico, do fonema ou da gramática. Assim sendo, a materialidade de uma interação pode ser definida pelos três parâmetros citados acima: canal de interação, modo interacional e relação/vínculo interacional.

Combinados, esses parâmetros delimitam os níveis de interação, sendo cada nível constituído por duas posições de interação. A posição de interação define a identidade dos interactantes relativamente aos valores dados pelos três parâmetros. Uma combinação de canal oral, co-presença espaço-temporal e reciprocidade, por exemplo, define uma relação de

²² “O módulo interacional define as propriedades materiais da situação do discurso e das situações de interação que ela representa em diferentes níveis.” (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 46).

aproximação entre os interactantes. Já uma combinação de canal escrito, distância espaço-temporal e ausência de reciprocidade define as identidades de escritor e de leitor.

Todo discurso implica um canal de interação, que pode ser oral, escrito ou visual, ou ainda, pode implicar mais de um canal, ou seja, pode ser pluri-canal, como é o caso do discurso do pré-candidato José Serra, que teve sua enunciação, tanto por meio oral e visual, quanto por meio da escrita.

Todo discurso implica, também, um modo de interação que descreve a posição dos interactantes no tempo, no espaço e introduz as noções de co-presença espacial e temporal (quando os interactantes partilham o mesmo ambiente). É o caso do discurso do pré-candidato, quando ele fala em Brasília e a distância espacial e temporal (os interactantes não dividem o mesmo espaço temporal), como podemos notar no discurso de José Serra publicado nas páginas da internet.

Todo discurso implica, ainda, um vínculo de interação. Como já foi dito, há um vínculo de reciprocidade ou de unidirecionalidade. De acordo, com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), a co-presença temporal e/ou espacial pode favorecer o vínculo de reciprocidade.

Ao analisarmos o discurso de José Serra, pode parecer, a princípio, que temos um vínculo unidirecional, situação em que os interlocutores não retroagem, mas, na verdade, o pronunciamento do candidato apresenta um vínculo de reciprocidade, se levarmos em consideração que os aplausos e os gritos do público presente influenciam as atitudes do locutor e modificam a forma com que ele irá proferir o seu discurso. Neste caso, haverá também alteração na forma de redigir seu texto, pois José Serra pode mudar sua entonação, fazer uma pausa ou dizer coisas imprevistas que não estavam no texto original.

É importante dizer que os gestos e as manifestações da plateia presente são relevantes em nosso trabalho para melhor compreendermos a interação entre os participantes da situação comunicativa, porém não é nossa preocupação na análise, uma vez que trabalhamos apenas com o texto escrito.

O discurso do pré-candidato apresenta três situações de enunciação: a primeira está relacionada à produção escrita de seu discurso. A segunda diz respeito ao momento em que o citado discurso foi proferido em Brasília e a terceira situação de enunciação é aquela que se refere ao discurso publicado nas páginas da internet. Tal discurso pode ser apresentado em três quadros interacionais e em vários níveis de interação.

Além disso, podemos levar em conta a materialidade das interações, no que diz respeito à posição dos interactantes no momento da situação interativa. Assim, por exemplo,

uma interação é **completa** quando ela envolve participantes de carne e osso, que interagem direta e fisicamente estabelecendo um vínculo de reciprocidade respondendo assim, à proposta do outro, e a interação é **representada** ou **simulada** quando os interactantes não podem se corresponder fisicamente ou estabelecer vínculos de relacionamento, como é o caso da situação que envolve personagens de um romance, na qual os leitores não podem ter contato direto ou interagir com os personagens, tendo acesso apenas ao que está escrito sobre eles e mantendo um vínculo unidirecional.

Nesse sentido, queremos apresentar os quadros que dizem respeito às três situações de enunciação que relatamos acima. Assim sendo, mostramos o primeiro quadro que revela a situação da produção escrita do discurso de José Serra.

Escritor <José Serra>	Locutor <José Serra>	Interlocutores <eleitores/ouvintes> <população brasileira> <filiaados do partido> <público>	Interlocutores <público>
		canal oral e visual presença espaço-temporal (não) reciprocidade <DISCURSO/RECEPÇÃO>	
canal escrito distância espaço/temporal não reciprocidade <DISCURSO ESCRITO/PRODUÇÃO>			

Quadro 6: Enquadres interacionais da produção escrita do discurso de José Serra para o pronunciamento.

Conforme abordamos anteriormente, o módulo interacional abarca a materialidade de uma dada situação interativa. Assim, é possível notar no quadro acima proposto que as posições de interação são ocupadas pelo **escritor/locutor/José Serra** e seus **interlocutores/eleitores/ouvintes**.

Ao analisarmos o quadro seis, constatamos dois níveis de interação que refletem as devidas posições dos interactantes. No nível externo, vemos refletida a produção escrita do discurso. Vale dizer que a interação **representada/simulada** correspondente a esse nível implica uma distância espaço-temporal, pois os interlocutores não desfrutam de uma relação de reciprocidade, não podendo, assim, interagir um com o outro. Já no nível interno, que

corresponde ao momento de recepção do discurso por parte do público, os interlocutores podem manter um vínculo de reciprocidade, se levarmos em consideração as atitudes (aplausos, gritos, vaias, etc.) dos ouvintes, como foi dito anteriormente. Assim, cabe ressaltar que optamos em colocar o “não” entre parênteses porque podemos ou não considerar as atitudes dos ouvintes de José Serra.

Após, fazermos a análise do enquadre interacional que diz respeito à produção escrita do discurso de José Serra, apresentamos, a seguir, o quadro que representa a situação de interação, correspondente ao discurso do pré-candidato, no momento em que foi proferido em Brasília.

Locutor <José Serra>	Locutor <José Serra>	Interlocutores <amigos> <eleitores> <população brasileira> <filiaados do partido>	Interlocutores <público> <membros partidários oposicionistas> <mídia> <eleitores brasileiros>
canal oral e visual presença espaço-temporal (não) reciprocidade <DISCURSO>			
canal oral e visual presença espaço-temporal não reciprocidade			
<Brasília/Centro de Convenções Brasil 21> PRONUNCIAMENTO/DISCURSO			

Quadro 7: Enquadres interacionais do discurso de José Serra em Brasília.

Na análise do quadro acima, podemos identificar que há dois níveis de interação que indicam as devidas posições dos interactantes. As interações podem ser **complexas**, quando comportam pelo menos dois níveis e quatro posições de interação, cada nível comportando duas posições, como é caso do quadro acima, e **simples**, quando apresentam apenas um nível e duas posições de interação.

Vale ressaltar que o quadro sete reproduz uma interação complexa, na qual o nível externo corresponde a um discurso produzido, ou seja, corresponde àquilo que o locutor/José Serra diz e o nível interno corresponde a um discurso representado, pois mesmo considerando José Serra como o produtor do discurso, percebemos em seu pronunciamento a voz de outros. Essa noção de discurso produzido e discurso representado é de suma importância para a

compreensão da análise das formas de organização enunciativa e polifônica que será apresentada mais adiante.

Nesse momento da interação, verificamos que os espaços interacionais são preenchidos pelo **locutor/ José Serra** e seus **interlocutores/ ouvintes** que correspondem, em geral, a todos aqueles que ouvem e vêem o pré-candidato no momento de seu pronunciamento numa relação de (não) reciprocidade, presença espaço-temporal e por intermédio de um canal oral e visual.

Vale ressaltar também que, para o MAM, é importante identificar as posições que os interactantes ocupam na interação, pois de acordo com o modelo, elas refletem a identidade particular de cada participante sob o ângulo das condições materiais e de sua participação em tal interação. Isso equivale a dizer que a posição interativa específica de cada interactante depende do nível de interação e da forma como cada um participa do discurso.

Levando-se em consideração a apresentação dos parâmetros, fornecidos pela dimensão interacional, apresentamos, a seguir quadro interacional que representa a situação de enunciação correspondente ao discurso do pré-candidato depois de ter sido veiculado na internet.

Meteor en scène <organizador da página>	Escritor <responsável pela transcrição>	Locutor <José Serra>	Locutor <José Serra>	Escritor <José Serra>	Locutor <Serra>	Interlocutores <eleitores/ouvintes> <população brasileira> <filiais do partido> <público>	<Interlocutores> (público)	Interlocutores <amigos> <eleitores> <população brasileira> <filiais do partido>	<Interlocutores> (público) <membros partidários opositoristas> (mídia) <eleitores brasileiros>	Interlocutores <Leitores> <público eleitor>	Receptários <internautas> <partidários opositoristas> <Mídia> <eleitores> brasileiros>
					canal oral e visual presença espaço-temporal (não) reciprocidade DISCURSO/RECEPÇÃO						
					canal escrito distância espaço/temporal não reciprocidade <DISCURSO ESCRITO/PRODUÇÃO>						
					canal oral e visual presença espaço-temporal não reciprocidade <DISCURSO>						
					canal oral e visual presença espaço-temporal (não) reciprocidade <DISCURSO EM BRASÍLIA> PROFERIMENTO						
					canal escrito distância espaço-temporal não-reciprocidade <TRANSCRIÇÃO DO TEXTO ORAL DO DISCURSO>						
					canal escrito/visual distância espaço-temporal não-reciprocidade <PÁGINA DA INTERNET>						

Quadro 8: Enquadres interacionais do discurso de José Serra na internet.

Notamos, no quadro oito, a presença de mais quatro níveis de interação, que não ocorrem no quadro sete. Neste quadro oito, o nível mais externo corresponde a uma interação representada ou simulada, ou seja, aquela cuja materialidade ocorre de forma figurada, o que equivale a dizer que ela não se completa no seu sentido físico e cujas posições de interação são ocupadas pelo organizador da página e pelos internautas. Nesse nível, o canal é escrito e visual, há distância espaço-temporal e não-reciprocidade, isso porque os interactantes não retroagem. O nível seguinte corresponde à interação do texto transcrito do discurso, que envolve um escritor, responsável pela transcrição do texto na página e os possíveis leitores. Nele, o canal utilizado é o escrito, há distância espaço temporal e não reciprocidade.

Na sequência, temos mais dois níveis intermediários que correspondem aos enquadres interacionais do discurso de José Serra em Brasília, conforme já analisamos no quadro sete. O nível externo desse enquadre de interação envolve o locutor José Serra e seus alocutários e simboliza uma interação representada ou simulada. O nível interno do quadro representa uma interação completa e envolve interactantes de carne e osso que podem interagir um com o outro.

Os dois últimos enquadres interacionais dizem respeito à produção escrita do discurso de José Serra que já foi retratada no quadro sete. Neles notamos a interação entre o pré-candidato e seus interlocutores. No primeiro nível desse enquadre, ou seja, no nível externo temos o escritor/José Serra, um canal escrito, uma distância espaço/temporal e um vínculo de não reciprocidade. No segundo nível, correspondente ao interno, vemos uma interação de (não) reciprocidade entre José Serra e seus interlocutores que se dá, por meio, de uma canal oral e visual e de uma presença espaço/temporal.

Seguindo essa linha de pensamento, vemos representadas em todos os quadros analisados, interações complexas, ou seja, interações formadas por mais de um nível e por quatro posições de interação. Concluímos, assim, que o quadro dez e, portanto, aquele que representa a complexidade do enquadre geral do discurso em análise, apresenta seis níveis de interação que refletem as posições dos interactantes.

Cabe dizer que incluímos no quadro oito os níveis de interação que dizem respeito à situação comunicativa entre aquele que escreveu o discurso, antes de seu pronunciamento, que aqui preferimos tratar como sendo o próprio José Serra e seus alocutários. O nível externo apresenta a produção do discurso que envolve o **escritor/José Serra** e seus **interlocutores/público**, um canal escrito, uma distância espaço-temporal e uma relação de não reciprocidade. No nível interno que corresponde à recepção do discurso encontramos o

locutor/José Serra e seus **interlocutores/eleitores**, um canal oral e visual, uma presença espaço-temporal e uma relação de (não) reciprocidade.

Nesse processo de interação, o locutor, José Serra, se esforça para atingir seus diferentes alocutários. Esse esforço retoma aos diversos processos e atividades que já foram relatados antes, como a aproximação pessoal e a construção da confiabilidade.

Podemos concluir, com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), que descrever a dimensão interacional, que sustenta um discurso, é trazer à baila a estrutura dos quadros participativos mais complexos à combinação muito simples de constituintes em número limitado: os níveis de interação são constituídos cada um de duas posições de interação.

As informações obtidas com as análises referencial e interacional irão orientar a abordagem analítica das formas de organização enunciativa e polifônica que desenvolveremos posteriormente. Por ora, para dar continuidade ao estudo do discurso de José Serra, queremos fazer um estudo do módulo hierárquico em combinação com as informações da forma de organização elementar relacional.

3.3 - O Módulo hierárquico e a forma de organização relacional

O módulo hierárquico, para a abordagem modular genebrina, trata-se de um módulo que define as categorias e as regras que permitem engendrar estruturas hierárquicas de todos os textos possíveis, de maneira análoga ao módulo sintático para “clauses” possíveis, por meio de uma metodologia descendente, ou seja, das unidades discursivas para as unidades linguísticas.

Para o Modelo de Análise Modular, conforme citamos no capítulo dois²³ existem três categorias de constituintes discursivos que formam a base estrutural de um texto e são assim definidos: troca (T), maior unidade dialogal, articulada em torno de três fases: proposição, reação e ratificação; intervenção (I), maior unidade monologal; e ato (A), menor unidade textual.

Cumprir lembrar que esses constituintes de um texto possuem entre si relações genéricas ilocucionárias e interativas que, segundo Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 165-166) “si masquer les nuances les plus fines, sont suffisantes pour décrire toutes les formes de discours, à la fois dialogique que monologique”²⁴.

²³ Conferir página 50.

²⁴ “Embora encubram as nuances mais finas, são suficientes para descrever todas as formas de discurso, tanto dialógico quanto monológico” (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET 2001, p. 165-166).

Nesse sentido, para tratar dos constituintes discursivos, da hierarquia e das relações existentes entre eles, o MAM nos oferece o módulo hierárquico e nos permite acoplá-lo às informações da forma de organização relacional.

Para Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), o módulo hierárquico é formado pelo princípio da recursividade, que permite engendrar as estruturas hierárquicas dos textos dialógicos e monológicos, desde as mais simples até as mais complexas. Esse módulo tem como base a hipótese de que toda interação verbal se caracteriza por um processo dinâmico de negociação, subjacente a toda interação, no qual os interactantes iniciam proposições, reagem a elas e as ratificam.

Assim, as estruturas hierárquicas são o resultado desse processo dinâmico de negociação que pode ser esquematizado da seguinte maneira:

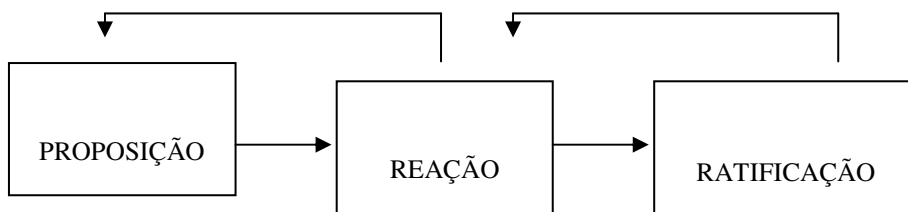


Figura 9 - Representação do processo de negociação.

De acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 57), “toute intervention langagière (salut, requête, assertion, etc.) constitue une PROPOSITION, qui déclenche un processus de négociation entre les interactants”²⁵.

Essa negociação conjunta dos interactantes levará à construção de unidades textuais complexas, subjacentes a um processo de negociação e é esse processo que as estruturas propostas no módulo hierárquico buscam reconstruir e tornar visíveis.

A representação do processo de negociação acima pode ser recursivamente reproduzida, tal como se encontra no esquema a seguir:

²⁵“Toda intervenção linguageira (cumprimento, pedido, asserção, etc.) constitui uma PROPOSIÇÃO, que desencadeia um processo de negociação entre os interactantes” (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET 2001, p. 57, grifos do autor).

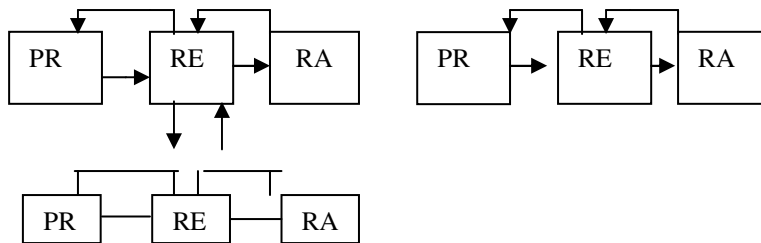


Figura 10 – Representação reproduzida do processo de negociação (Roulet, Filliettaz e Grobet, 2001, p. 57).

Para Roulet e Pires (2001), o início, o desenvolvimento e o fechamento do processo de negociação estão ligados a dois tipos de restrições: a restrição de completude monológica e a restrição de completude dialógica. A primeira restrição está relacionada à necessidade de que proposição, reação e ratificação sejam cuidadosamente preparadas de modo claro e completo para que seja possível realizar a negociação. A segunda restrição está relacionada ao duplo acordo que os interactantes fazem, a fim de concordarem com o encerramento do processo de negociação.

Esse processo de negociação no discurso de José Serra parece assumir a seguinte macroestrutura:

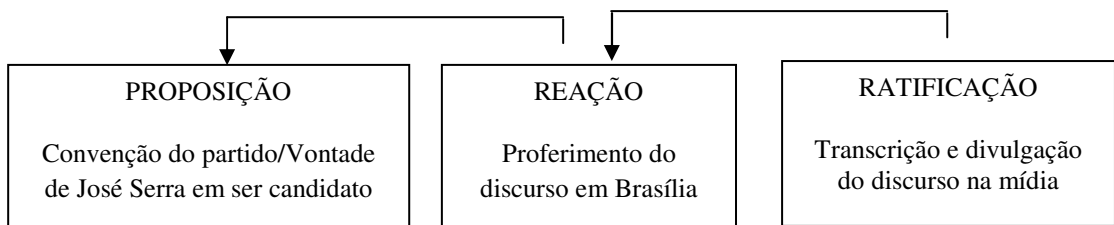


Figura 11 – Representação do processo de negociação no discurso de José Serra.

De acordo com o esquema proposto anteriormente por Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), podemos perceber que estamos sempre em um processo de negociação com o nosso interlocutor. Essa negociação, para Marinho (2002), pode se apresentar de maneira direta, num só nível, de forma hierárquica, quando representada por uma troca concebida de três intervenções; ou pode apresentar, ainda, níveis secundários, diferenciados, de acordo com a necessidade ou não de obtenção de mais informações, fazendo-se necessária a abertura de troca(s) secundária(s)

Nesse sentido, para a autora, uma proposição ou uma pergunta, por exemplo, se feita de maneira objetiva, causará uma reação, ou uma resposta. Caso contrário, levará os interlocutores a fazerem uma negociação secundária para seu esclarecimento. A reação, por

sua vez, pode ser uma resposta completa, o que conduz à fase de ratificação, ou incompleta, ou pouco clara, o que implica a abertura de negociação secundária, e assim por diante. As setas na figura dez apontam os vários caminhos que podem ser percorridos nesse processo.

Ainda, na visão de Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), há, entre os três constituintes citados, três tipos de relação: a de dependência (quando uma troca, intervenção ou ato tiverem sua presença ligada à presença de um constituinte principal, sendo assim considerados subordinados, podendo, portanto, serem suprimidos do texto, sem comprometer sua estrutura global); a de interdependência (quando um constituinte não pode existir sem o outro, como é o caso de uma intervenção de resposta, cuja existência depende de uma intervenção de pergunta e vice-versa), e a de independência (quando a presença de um constituinte independe da de outro, caso das intervenções e atos coordenados).

As estruturas hierárquicas propostas para a interpretação de um discurso são construídas com base nos três tipos de constituintes que os interactantes produzem em toda interação verbal: troca, intervenção e ato e as relações que eles estabelecem entre si. Nessa construção, a troca, como vimos anteriormente, é a unidade dialogal máxima, constituída por intervenções que refletem as várias preposições, reações e ratificações. A intervenção é uma unidade formada pela troca e pode ser organizada em torno de apenas um ato principal, porém frequentemente, ela expressa uma configuração complexa, da qual participam outras intervenções, atos e até mesmo trocas. O ato, por fim, é definido como a unidade textual mínima do processo de negociação, ou seja, a unidade da estrutura hierárquica, e, nesse caso, não se confunde com o ato de linguagem, tal como definido pela Teoria dos Atos de Fala²⁶.

Marinho (2002, p. 58) reconhece que a definição da unidade textual mínima é um trabalho bem delicado e, à luz das pesquisas de Filliettaz (2000), Grobet (2000) e Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), define o ato como “a menor unidade delimitada de uma parte a outra por uma passagem pela memória discursiva”²⁷.

Dessa maneira, para o MAM na proposição de uma estrutura hierárquica, primeiramente, é necessário dividir o discurso em atos. No entanto, a segmentação discursiva

²⁶ Marinho (2007, p. 40) explica que a Teoria dos Atos de Fala considera os atos isoladamente e propõe uma definição de ato ilocucionário que provem de uma abordagem metodológica ascendente e que de fato remete à proposição gramatical.

²⁷ Marinho (2007, p. 48) desenvolve uma definição sobre atos na visão modular e, baseada em Roulet, diz que uma entidade pode funcionar como ato, quando exerce uma função discursiva interativa e é pragmaticamente autônoma. Dessa maneira, chega-se a um ato quando não existem mais relações interativas no interior de uma sequência discursiva composta por constituintes que mantêm entre si relação de dependência.

em atos pode apresentar problemas quando se trata de encontrar a fronteira entre dois atos, fronteira essa caracterizada pela passagem pela memória discursiva²⁸.

Marinho esclarece que “para a segmentação do discurso em atos, devido à dificuldade para a delimitação efetiva das fronteiras de ato, fazem-se necessários critérios resultantes de diferentes níveis da organização do discurso” (MARINHO, 2002, p. 58).

A autora, tomando por base os estudos de outros autores como Roulet (1996, 1999a), Roulet, Fillietaz e Grobet (2001), Berrendonner (1990), entre outros, procura guiar-se, principalmente, pelo critério que considera a autonomia pragmática do ato, que nesse caso funciona como uma entidade que deve ser provida de uma função interativa (Cf. MARINHO, 2007).

Além disso, para a segmentação do texto em atos, Marinho (2002, p. 63-64) considera necessário adotar alguns ajustes na segmentação e na numeração em atos, a fim de simplificar o estabelecimento das estruturas hierárquicas dos textos²⁹:

- a) As estruturas clivadas constituem ato;
- b) Os elementos (termos) intercalados nas orações não constituem atos distintos;
- c) O aposto do tipo explicativo e especificativo não é considerado ato distinto;
- d) As orações coordenadas constituem ato;
- e) Os sinais de pontuação nem sempre servem de índice para a segmentação, tendo em vista que muitas vezes não são empregados adequadamente;

Podemos, então, perceber que o estudo da estrutura hierárquica é de suma importância para a interpretação do discurso, pois ela nos oferece uma visão ampla do mesmo ao mostrar a organização e o processo de negociação que ocorre entre os participantes da comunicação.

Após a segmentação do texto, procura-se identificar os constituintes de base (troca, intervenção e atos) para, posteriormente, distribuí-los de acordo com a hierarquia e a relação entre eles. Para tratar das relações hierárquicas do discurso do pré-candidato José Serra, trabalharemos com as três noções propostas anteriormente³⁰.

²⁸ Para Cunha (2008, p. 85) a passagem pela memória discursiva, que caracteriza a fronteira entre dois atos, é sinalizada no discurso “pela possibilidade de se utilizar indiferentemente como anáfora um pronome ou uma expressão definida para marcar a correferência; no discurso escrito, ela é indicada também por sinais gráficos, como o ponto final; a passagem pela memória discursiva pode ser indicada ainda pela presença de conectores ou pela possibilidade de inseri-los, uma vez que os conectores sinalizam frequentemente a existência de relações entre um ato e uma informação da memória discursiva com origem em outro ato”.

²⁹ É importante ressaltar que Marinho (2002) usou esses critérios para a segmentação do texto em atos, levando em consideração o trabalho com textos de alunos.

³⁰ A segmentação do discurso de José Serra em atos não apresentou nenhum problema no que se refere à divisão dos mesmos ou para encontrar a fronteira entre dois atos. Para a divisão do referido discurso foram suficientes os

A estrutura hierárquica da abordagem modular, não pode ser vista mera e simplesmente como uma mistura ou uma combinação formal de informações. Ela constitui uma hipótese interpretativa do processo de negociação inerente a toda interação verbal. Por esse motivo, o analista não precisa ter a preocupação de apresentar a estrutura hierárquica “correta”, tendo em vista, que pode haver várias estruturas correspondentes as diferentes interpretações possíveis para uma mesma troca ou intervenção. Nesse caso, o mérito do analista ao propor uma estrutura hierárquica é explicitar a sua interpretação do discurso que ele tem por foco analítico.

Após termos feito esse percurso pelo módulo hierárquico queremos, de acordo com a proposta do MAM, acoplar as informações oriundas desse módulo às informações de outros módulos como o lexical e o referencial para então, procedermos ao estudo da forma de organização relacional do discurso.

Essa forma de organização busca, numa primeira instância, identificar as relações ilocucionárias e interativas genéricas que há entre os constituintes da estrutura hierárquica e as informações da memória discursiva e busca, numa instância posterior, determinar a relação específica entre um constituinte em particular e uma informação da memória discursiva³¹.

Assim, podemos indubitavelmente dizer que a acoplagem das informações do módulo hierárquico com as informações de ordem linguística e referencial é que nos permitirão construir as estruturas hierárquico-relacionais que nos ajudarão a interpretar o discurso de José Serra.

Um perfil relacional do discurso é extraído quando se evidenciam as relações dominantes de sua organização que são feitas a partir da identificação das relações ilocucionárias e interativas genéricas baseadas numa lista reduzida de categorias, conforme veremos distinguidas mais à frente. Ao fazer uso dessas categorias, o modelo esquivava-se de usar um número maior de relações específicas com as quais podemos nos deparar num determinado texto.

critérios adotados pelo MAM, apontados anteriormente e que buscam passagem pela memória discursiva. Além disso, também tomamos como base os ajustes adotados por Marinho (2002).

³¹ Cumpre ressaltar que, por se tratar de uma explanação totalmente detalhada, realizada por meio de um cálculo inferencial específico, o conteúdo da segunda instância não é objeto de nossa análise, ou seja, não temos a preocupação em identificar as relações **específicas** entre um constituinte textual e uma informação da memória discursiva. Para nossa pesquisa é suficiente identificar as informações resultantes da análise das relações genéricas ilocucionárias e interativas. Sendo assim, é somente nelas, juntamente com o módulo hierárquico, que vamos nos ater para a construção das estruturas arbóreas do discurso de José Serra.

Para Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 169), “L’orientation initiative et/ou réactive de la relation illocutoire dépend de la place de l’intervention dans la structure de l’échange”³². De acordo com os autores, as relações genéricas ilocucionárias iniciativas ou reativas dizem respeito às interrogações, respostas, pedidos, entre outros, que podem existir em um discurso.

Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) distinguem quatro categorias de relações genéricas ilocucionárias iniciativas: pergunta, pedido, informação ou asserção, e distinguem duas categorias de relações genéricas ilocucionárias reativas: resposta e ratificação.

As relações genéricas interativas estão no nível da intervenção e se distinguem em oito categorias, sendo elas de: argumento, contra-argumento, reformulação, comentário, topicalização, sucessão, preparação e clarificação.

É importante salientar que nas estruturas hierárquico-relacionais que propomos para a parte expositivo-narrativa do discurso de José Serra, na intenção de obter uma descrição mais apurada de sua organização relacional, as relações genéricas interativas serão usadas por meio das formas abreviadas: **arg**, para argumento, **c-arg**, contra-argumento, **ref**, reformulação, **com**, comentário, **top**, topicalização, **prep**, preparação e **suc**, sucessão.

Segundo Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 168), “La notion de relation générique est liée à l’existence de classes de marqueurs linguistiques, comme les tournures syntaxiques ou les connecteurs qui, au-delà d’instructions spécifiques, partagent un ensemble d’instructions communes”³³, que também ajudam na interpretação do tipo de relação existente no plano discursivo.

A partir dessa noção é possível afirmar que uma relação genérica interativa de argumento pode ser marcada no discurso por conectores como: porque, pois, aliás, assim, entre outros, que são utilizados para expressar causa, explicação, justificação, consequência e que uma relação ilocucionária de pedido pode ser marcada por uma construção sintática imperativa.

É importante ressaltar que as relações existentes entre os constituintes podem ou não ser marcadas por operadores linguísticos, que funcionam como organizadores ou articuladores textuais, e sinalizam as inter-relações entre as informações que estão no texto, e as que estão

³² “As relações genéricas ilocucionárias estão no nível dos constituintes de uma troca e podem ser iniciativas ou reativas dependendo do lugar da intervenção na estrutura hierárquica” (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 169).

³³ “A noção de relação genérica está ligada tanto aos conectores, que dão instruções específicas sobre as informações necessárias para a interpretação do discurso quanto à existência de classes de marcadores linguísticos, como as construções sintáticas” (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 168).

arquivadas na memória discursiva³⁴. No entanto, cumpre reiterar que nem sempre esses operadores linguísticos estão presentes no texto simbolizando o tipo de vínculo que existe entre os enunciados.

De acordo com Marinho (2002, p. 74), “o tipo de vínculo que se estabelece entre um constituinte discursivo e um estado da memória discursiva pode ser sinalizado, então, por marcas cuja função é explicitar a relação”.

Assim, a partir do que propôs Brunetti (2006, p. 70), vejamos um quadro-síntese que mostra as relações interativas que são possíveis em um discurso:

RELAÇÕES	ESTATUTO	MARCADORES
ARGUMENTAÇÃO	SUBORDINADO Causal/Explicativa PRINCIPAL Conclusiva / consecutiva	Porque, visto que... Pois, portanto...
CONTRA ARGUMENTAÇÃO	SUBORDINADO Concessiva PRINCIPAL Adversativas	Embora, mesmo que... Mas, porém...
REFORMULAÇÃO	PRINCIPAL	Ou seja, ou melhor, finalmente, isto é...
TOPICALIZAÇÃO	SUBORDINADO	Quanto a, no que se refere a, com relação a ...(ou o deslocamento à esquerda)
SUCESSÃO	PRINCIPAL	Em seguida, depois, logo após...
PREPARAÇÃO	Postulado do modelo: se o constituinte subordinado preceder o principal	Não existem marcadores específicos. Ausência de conectores.
COMENTÁRIO	Postulado do modelo: se o constituinte subordinado suceder o principal	Não existem marcadores específicos. Ausência de conectores (exceto os comentativos)
CLARIFICAÇÃO	SUBORDINADO	Não existem marcadores específicos. Ausência de conectores.

Quadro 9 – Relações interativas possíveis em um discurso.

³⁴A memória discursiva foi definida por Berrendonner (1983, p. 230) como o “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores”, conforme já vimos anteriormente em nota do capítulo dois na página 37. Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 23) enxergam a memória discursiva como aquela que compreende “os diversos pré-requisitos culturais (normas comunicativas, lugares argumentativos, saberes enciclopédicos comuns, etc) que servem de axiomas aos interlocutores para conduzir uma atividade dedutiva, bem como as enunciações sucessivas que constituem o discurso”.

Como pudemos constatar, nem todas as relações interativas são marcadas pelos conectores. A falta de marcação ou da ausência de um conector pode acontecer porque para determinadas relações como as de comentário, preparação e clarificação não existem marcadores específicos ou porque, muitas vezes, a relação referencial entre os enunciados já é muito evidente e torna a presença do conectivo desnecessária. Quando essa ausência ocorrer, um dos recursos, entre os quais o analista pode se basear para interpretar a relação é a possível inserção de outros marcadores no texto, para que possa estabelecer as relações entre os atos. Além desse recurso, ele poderá se basear também nas informações referenciais, ligadas ao conhecimento do universo discursivo do sujeito, ou nos postulados do modelo explicitados acima.

Vejamos, agora, como esse quadro se apresenta no discurso de pré-candidatura de José Serra:

RELAÇÕES	ESTATUTO	MARCADORES
ARGUMENTAÇÃO	SUBORDINADO Causal/Explicativa	Quatro palavras... Mas que ganharam destaque porque traduzem de maneira simples e direta o sentimento de milhões de brasileiros...
	PRINCIPAL Conclusiva / consecutiva	Por isso , conclamo: Vamos juntos. O Brasil pode mais.
CONTRA ARGUMENTAÇÃO	SUBORDINADO Concessiva	Para essa faixa de idade, embora não exclusivamente para ela, vamos turbinar o ensino técnico e profissional, aquele que vira emprego.
	PRINCIPAL Adversativas	Uma caminhada que vai ser longa e difícil, mas que com a ajuda de Deus e com a força do povo brasileiro será com certeza vitoriosa.
REFORMULAÇÃO	PRINCIPAL	Vamos responder sempre dizendo a verdade. Aliás , quanto mais mentiras os adversários disserem sobre nós, mais verdades diremos sobre eles.
TOPICALIZAÇÃO	SUBORDINADO	E estou convencido de uma coisa: bons prédios, serviços adequados de merenda, transporte escolar, atividades esportivas e culturais, tudo é muito importante e deve ser aperfeiçoado. Mas a condição fundamental é a melhora do aprendizado na sala de aula, propósito bem declarado pelo governo, mas que praticamente não saiu do papel.
SUCESSÃO	PRINCIPAL	Minha história pessoal está diretamente vinculada à valorização do trabalho, à valorização do esforço, à valorização da dedicação. (Sucessão das ideias-valores-ausência de conectores)
PREPARAÇÃO	Postulado do modelo: se o constituinte subordinado preceder o principal	E esse é um bom momento para reafirmarmos nossos valores. Começando pelo apreço à Democracia Representativa, que foi fundamental para chegarmos aonde chegamos. Devemos respeitá-la, defendê-la, fortalecê-la. Jamais afrontá-la.

Quadro 10 – Relações interativas no discurso de José Serra.

A observação do quadro acima nos leva a reconhecer que a construção de um texto envolve os constituintes discursivos e as relações entre eles. Vale reiterar que essas relações

são de suma importância na elaboração da estrutura hierárquica por nos explicitar o vínculo informacional existente entre os argumentos do candidato que abordamos no capítulo dois.

Como dissemos anteriormente, após identificar relações ilocucionárias e interativas genéricas que há entre os constituintes da estrutura hierárquica e as informações estocadas na memória discursiva, busca-se determinar a relação específica entre um constituinte e uma informação da memória discursiva que consiste em distinguir, por exemplo, qual o motivo de numa sequência, em que a relação é de argumento, optar em usar o conector **porque**, ao invés do conector **pois** ou do conector **aliás**, entre outros. No entanto, para o que queremos evidenciar a escolha do uso de um conector, ao invés de outro não será necessária.

Para tratar do módulo hierárquico acoplado à forma de organização relacional optamos por dividir o discurso, objeto de nossa análise, em três grandes partes que equivalem a três intervenções.

A primeira parte corresponde aos atos 1 a 122. Neles encontramos uma estrutura expositiva-narrativa, na qual estão inseridos os objetivos, as ideias e a exposição dos argumentos do pré-candidato.

A segunda parte corresponde aos atos 223 a 415. Entendemos que nela o pré-candidato confirma os argumentos e os objetivos apresentados na primeira parte do discurso, assumindo um tom mais argumentativo porque muito além de expor exemplos, ele investe em argumentos que validem toda a exposição de fatos narrados anteriormente.

A terceira e última parte corresponde aos atos 415 a 437 e diz respeito ao momento de finalização do discurso de José Serra. Nessa parte conclusiva, o pré-candidato, para validar suas falas anteriores e para ilustrar tudo o que afirma ser compromisso de seu governo, toma como exemplo a citação de Guimarães Rosa, que sugere ser a vida um processo dinâmico, não estático, que apresenta sempre emoções diversificadas e quer de nós coragem. Assim, ao trazer a voz do escritor (2001) em forma de citação, José Serra procura fazer o povo brasileiro entender e enxergar que ele é dotado dessa coragem que a vida exige, sobretudo no que se refere à coragem para governar o país. Por fim, ele fecha o discurso com seu *slogan* emblemático de que “o Brasil pode mais”, colocando-se à disposição para junto com todos os brasileiros e brasileiras construir uma nação melhor.

Para o desenvolvimento da análise hierárquico-relacional, decidimos trabalhar com a primeira parte do proferimento por reconhecermos sua importância na totalidade do discurso, uma vez que nela encontramos o âmago de todo o labor discursivo do pré-candidato para persuadir seus eleitores.

Assim, vejamos a macroestrutura que construímos dessa primeira parte:

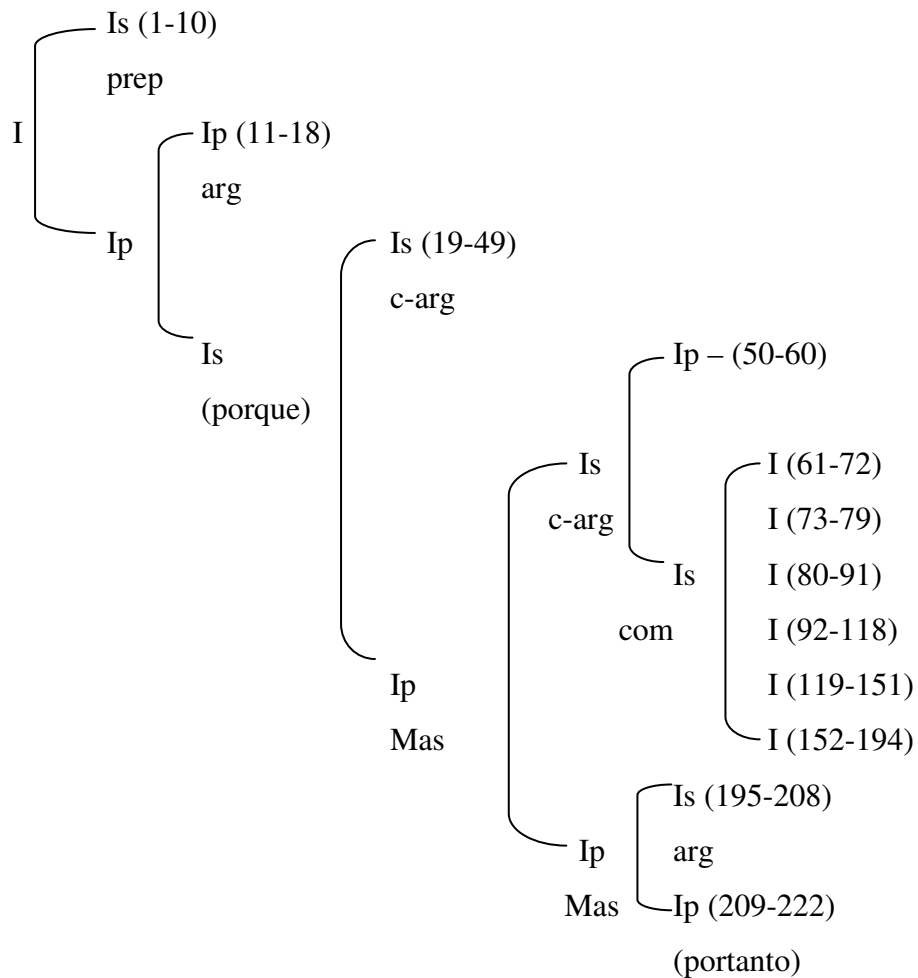


Figura 12: Macroestrutura hierárquico-relacional da 1ª parte do discurso de José Serra em Brasília.

Essa macroestrutura corresponde àquela grande intervenção que vai do ato (01) ao (222), e diz respeito ao segmento expositivo-narrativo do discurso de José Serra, que foi usado pelo pré-candidato para marcar sua história discursiva e, portanto, atingir seus ouvintes e eleitores. Dentro dessa grande intervenção temos outras menores, consideradas de suma importância para o discurso, por abranger fatos da trajetória pessoal e política de José Serra.

Nessa macroestrutura são utilizados os constituintes que, para efeito de leitura, passamos a denominar: Intervenção (I), Intervenção principal (Ip) e Intervenção subordinada

(Is) e nas microestruturas hierárquico-relacionais usaremos as siglas: (Ap), para ato principal e (As), para ato subordinado.

Do ato (01) ao (10), temos uma pequena intervenção subordinada à principal, que ilustra a abertura e a preparação do discurso de José Serra, na qual o pré-candidato fala de suas convicções e de suas expectativas para o Brasil, assim como de seu enorme entusiasmo e disposição em assumir a presidência. Nessa parte, José Serra relata um pouco de sua história.

Em seguida, temos uma intervenção principal, do ato (11) ao (18), que ilustra a continuação da preparação do discurso do pré-candidato. Nessa intervenção vemos que José Serra fez uma pequena apresentação de sua experiência política ao lembrar seu mandato no governo de São Paulo.

A próxima intervenção é subordinada à anterior e formada pelos atos (19) a (49). Neles José Serra destaca a força do povo brasileiro, enumera as principais conquistas que o Brasil alcançou, e procura mostrar que a população pode alcançar muito mais se acreditar no potencial do país.

O que podemos perceber é que, ao elencar as vitórias e conquistas brasileiras, José Serra não as considera como sendo mérito de um só governo, mas sim como produto da união de todos. É importante notar que, ao tentar valorizar o trabalho de outros políticos, José Serra quer também ver o seu trabalho reconhecido. Ele não julga, nem critica o trabalho dos outros mostrando, assim, que pode perfeitamente dar continuidade a tudo que foi construído até agora. O que podemos também perceber é que a valorização do trabalho dos outros políticos é um recurso usado pelo candidato, tendo em vista a alta aprovação popular do governo petista.

Depois, do ato (50) ao (60), temos uma intervenção principal, na qual o pré-candidato evidencia que, para continuar crescendo, temos que trabalhar, enfrentar os problemas nacionais e encará-los com determinação, respeitando, defendendo e valorizando a democracia.

A partir do ato (61) até chegar ao ato (72) vemos José Serra reafirmando a importância da democracia e do estado de direito. Ele defende que esses são valores universais, permanentes, insubstituíveis e inegociáveis. Além disso, ele elenca outros valores, os quais julga essenciais para exercer o poder, e afirma que ele age pautado nesses valores.

Na intervenção seguinte, formada pelos atos (73) a (79), o pré-candidato tenta mostrar como deve ser a iniciativa de um governo que trabalha em prol da melhoria do país e procura ajudar os que são menos favorecidos.

Na próxima intervenção, formada pelos atos (80) a (91), José Serra continua explicitando os valores que devem guiar aquele que pretende assumir o poder e, mais uma vez, reforça que um governo se faz com a união de todos. José Serra apresenta o modelo de governo que deve ter aquele candidato que quer exercer seu cargo dignamente e quer se fazer respeitado pela população.

Em outra intervenção, que começa no ato (92) e se finda no ato (118), o pré-candidato utiliza-se de mais argumentos para comprovar sua séria intenção de governar o Brasil. Dessa vez, ele faz uma crítica ao governo de Lula, dizendo que este promove a desunião e a separação do país e que ele, por outro lado, quer todos juntos no desenvolvimento da nação

A próxima intervenção tem início no ato (119), termina no ato (151) e coloca em cena os argumentos que José Serra usa para persuadir seus eleitores. O que vemos explícito nessa intervenção é que o pré-candidato enumera as obras que realizou, quando exerceu outros cargos. Assim, ele tenta demonstrar que possui capacidade e eficiência suficientes para governar a nação. Ele busca construir a figura de um homem e de um político sério que quer caminhar ao lado do povo e construir o futuro da nação sem discriminar ninguém.

A partir do ato (152) até o ato (194) vemos que o candidato relata sua história de vida, levantando fatos de sua infância e de sua juventude. José Serra também toma, como exemplo de trabalho, a figura de seu próprio pai e procura deixar claro que foi, com ele, que, desde cedo, aprendeu a valorizar o trabalho humano. Ele também tenta confirmar sua confiabilidade reafirmando os valores pessoais que recebeu de seu pai, o que o torna um cidadão ético e honesto.

Já a intervenção que acontece do ato (195) ao (208) mostra-nos José Serra falando sobre a educação. Nesse trecho, ele ressalta a importância que uma boa educação tem na vida de qualquer cidadão e apresenta os valores que aprendeu com a educação escolar citando seus exemplos pessoais.

Finalmente, do ato (209) ao (222), onde terminam as partes expositivo-narrativas do discurso que escolhemos para analisar, o pré-candidato evidencia que, nos últimos anos, nossa educação sofreu um retrocesso grave devido à estagnação da escolaridade entre os adolescentes. Ele explicita os projetos que tem para o país e relata que, se eleito for, gostaria de trabalhar em prol da educação e de oferecer emprego para a juventude.

A estrutura hierárquica nos permite essa visualização clara e precisa da articulação dos constituintes de base da estrutura de um texto. Ela nos permite, ainda, elaborar verdadeiras microestruturas dos diversos discursos existentes na sociedade.

Após a segmentação, procura-se identificar os constituintes de base, ou seja, a troca, a intervenção e o ato, e, depois, deve-se distribuí-los de acordo com a hierarquia e a relação entre eles.

Sendo assim, a partir do que foi descrito e da segmentação do texto em atos, para atingir os propósitos de nossa pesquisa, trabalharemos com quatro microestruturas hierárquicas que passaremos a apresentar, a partir de agora, e que dizem respeito às principais intervenções que fundamentam a primeira parte do discurso em análise.

3.4 - A dimensão hierárquico-relacional e o início do discurso de José Serra

O primeiro trecho destacado por nós do discurso de José Serra marca o início do seu pronunciamento e é delimitado pelos atos 1-18. Vejamos, abaixo, esses atos nos quais o candidato expõe seus objetivos e fala de seus planos:

(1) Venho hoje, (2) aqui, (3) falar do meu amor pelo Brasil; (4) falar da minha vida; (5) falar da minha experiência; (6) falar da minha fé; (7) falar das minhas esperanças no Brasil.(8) E mostrar minha disposição de assumir esta caminhada. (9) Uma caminhada que vai ser longa e difícil (10) mas com que ajuda de Deus e com força do povo brasileiro será com certeza vitoriosa.

(11) Alguns dias atrás, (12) terminei meu discurso de despedida do Governo de São Paulo (13) afirmando minha convicção de que o Brasil pode mais. (14) Quatro palavras, em meio a muitas outras. (15) Mas que ganharam destaque (16) porque traduzem de maneira simples e direta o sentimento de milhões de brasileiros: (17) o de que o Brasil, de fato, pode mais. (18) E é isto que está em jogo nesta hora crucial!

A análise desse segmento permitiu-nos construir uma microestrutura que apresenta nossa leitura interpretativa dessa intervenção. Vejamos:

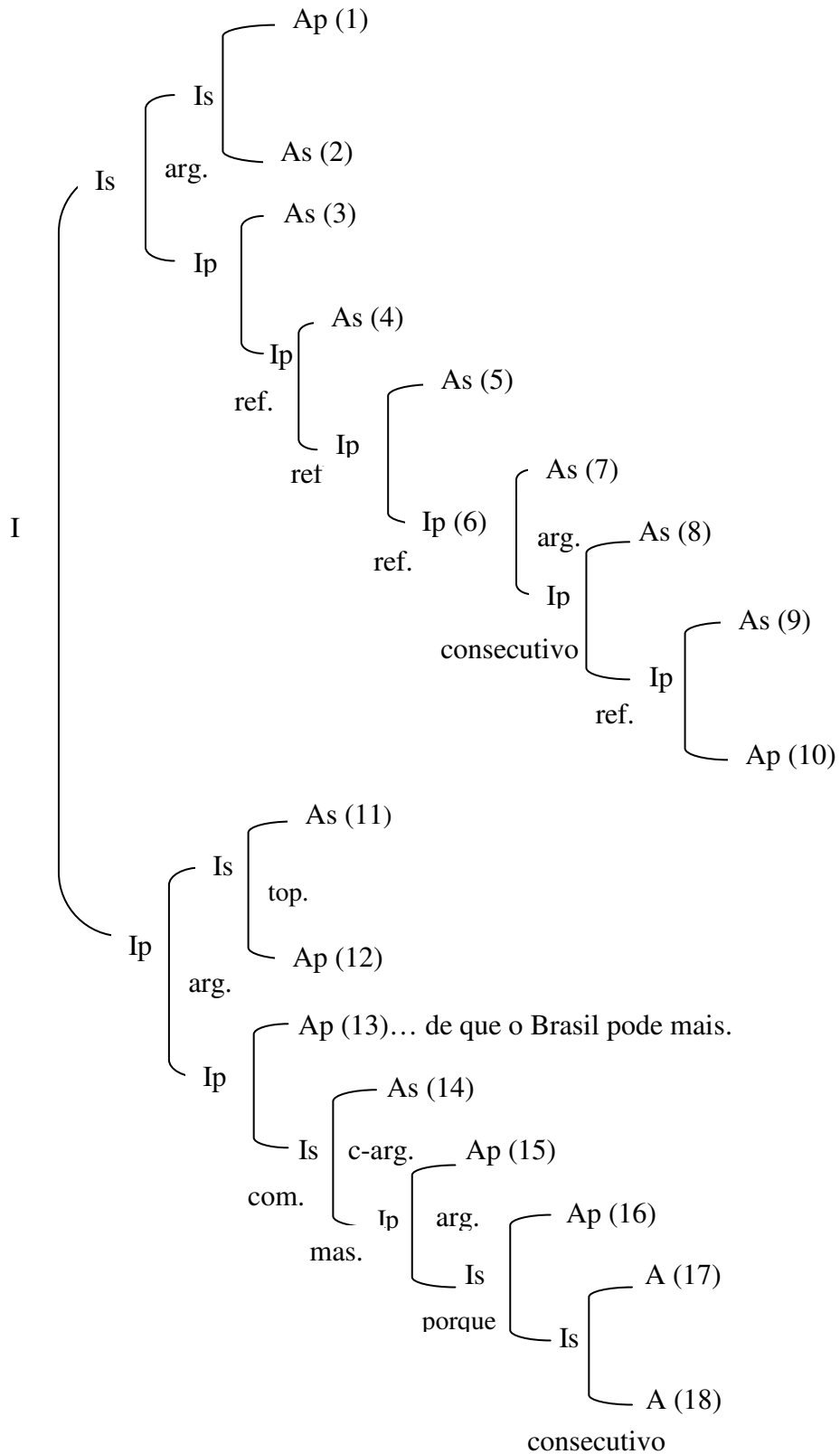


Figura 13: Microestrutura hierárquico-relacional do início do discurso de José Serra.

Dentro da grande intervenção é possível identificar duas outras intervenções: uma subordinada ou secundária e a outra principal. Essas intervenções são formadas por outras intervenções que visam à completude do discurso de José Serra.

A primeira intervenção subordinada é introduzida pelo Ap (1) que aponta o início do discurso do pré-candidato em uma relação interativa que não é explicitada por um conector, mas que a identificamos facilmente como sendo de comentário devido ao fato de o constituinte subordinado suceder o principal.

Nessa mesma intervenção temos o As (2) que completa a informação contida no Ap (1), desencadeia uma série de informações que revelam as intenções de José Serra e mostra assim, o motivo do pré-candidato de estar naquele lugar.

Na sequência, temos várias intervenções principais que são constituídas por atos subordinados que seguem do As (3) ao As (9). Esses atos subordinados apresentam uma relação de dependência no que se refere ao constituinte principal.

As intervenções principais dão continuidade ao início do discurso de José Serra, no qual ele revela suas intenções e são formadas por orações coordenadas assindéticas, em que não temos a presença dos conectores.

Em seguida, o Ap (10) apresenta uma relação interativa de contra-argumento marcada pelo conector **mas**, que introduz uma oração coordenada sindética adversativa, na qual José Serra explica que, mesmo sendo uma caminhada longa e difícil, será vitoriosa porque ele pretende contar com a ajuda de Deus e do povo brasileiro.

É importante ressaltar que quando classificamos o tipo de oração contida nos atos e nas intervenções estamos dando uma informação de natureza sintática, que é combinada com as informações de natureza hierárquico-relacional, a fim de obtermos uma leitura mais apurada do início do discurso de José Serra.

Depois, na segunda intervenção vemos evidenciadas outras pequenas intervenções que são intercaladas. O As (11) expressa uma relação interativa de topicalização, na qual o constituinte subordinado precede o principal. Nesse ato, José Serra fala do tempo que ele utilizou para fazer seu discurso de despedida em São Paulo. Depois, no Ap (12) José Serra declara que já exerceu o cargo de governador e diz claramente que fez um discurso em São Paulo se despedindo do referido cargo. Em seguida, no Ap (13) vemos explicitado o *slogan* do candidato, que será desenvolvido nos atos seguintes. Por meio desse *slogan*, José Serra afirma sua convicção no Brasil. O *slogan* surge numa Ap pertencente a uma Ip para evidenciar a relevância argumentativa que José Serra confere a ele.

A próxima intervenção é subordinada e se constitui pelo As (14) que estabelece uma relação de contra argumento com o Ap (15), pois nesse último o uso da conjunção **mas** representa uma informação oposta à informação dada anteriormente. Por meio desses dois atos, José Serra explica que o *slogan*: “o Brasil pode mais” é pequeno e simples, mas, ganha relevância porque carrega um grande significado que representa a busca de milhões de brasileiros por um país melhor. Esse *slogan* também ganha relevância e se destaca porque traduz a confiança que a população deposita no país, reconhecendo o seu imenso potencial e simboliza que, se houver união entre toda a gente, a nação pode crescer, ser tornar forte, alcançar mais vitórias e ser ainda melhor do que já é.

Nesse trecho, queremos salientar a importância do *slogan* político no contexto das eleições presidenciais, pois entendemos com Tomazi e Carmelino (2010), que o uso do mesmo é uma prática discursiva, da qual o candidato dispõe para fazer seu *marketing* de campanha, assim como para construir a figura identitária que deseja transmitir aos seus eleitores. Para Tomazi e Carmelino (2010, p.120), “o *slogan* político apresenta-se como um mecanismo publicitário da campanha eleitoral e tem a função de apresentar, a partir de um enunciado linguístico, a qualidade do produto-candidato-destacando suas virtudes, credibilidade e capacidade de fazer acontecer”. Diante do posicionamento do candidato, a função do eleitor é acionar a sua memória discursiva para lembrar-se de aspectos passados ou presentes do político para, então, determinar seu voto a favor ou contra esse candidato.

Na sequência, teremos o Ap (16) introduzido pelo conector **porque** que revela uma relação interativa de argumento, por meio da qual o pré-candidato reafirma o desejo de todos em ter um Brasil mais digno de se viver. A próxima intervenção é subordinada e formada pelo ato (17) que evidencia uma relação de comentário. Nesse ato, José Serra confirma que, de fato, o Brasil pode mais³⁵. Na finalização dessa parte introdutória do discurso do pré-candidato, encontramos o ato (18). Nesse ato, José Serra sustenta que a nação brasileira almeja o progresso, que é esse o desejo que está realmente em jogo nesse momento político e que o Brasil está preparado para esse crescimento, pois possui uma base sólida e um povo forte.

³⁵ Para Tomazi e Carmelino (2010, p. 126) o *slogan* de Serra “revelou-se eficaz pela força ideológica da palavra “poder”. Dizer que alguém “pode” é mais que um elogio, é uma asseveração que revela autoridade, capacidade, força e influência, sendo, pois, este “poder” associado a um movimento coletivo, já que o verbo está acompanhado do pronome “nós”, o que caracteriza formalmente uma dualidade entre o individual e o coletivo”.

3.5 - A dimensão hierárquico-relacional e os objetivos de José Serra

O trecho que destacamos para explorar os objetivos de José Serra está incluso na primeira grande intervenção, que constitui o núcleo do pronunciamento de nosso pré-candidato. Como já dissemos anteriormente, para propor a estrutura hierárquica, primeiro devemos fazer a segmentação do discurso em atos.

A estrutura arbórea que construímos para representar os objetivos de José Serra é demarcada pelos atos 80-91.

(80) Quem governa deve acreditar no planejamento de suas ações. (81) Cultivar a austeridade fiscal, (82) que significa fazer melhor e mais com os mesmos recursos. (83) Fazer mais do que repetir promessas. (84) O governo deve ouvir a voz dos trabalhadores e dos desamparados, das mulheres e das famílias, dos servidores públicos e dos profissionais de todas as áreas, dos jovens e dos idosos, dos pequenos e dos grandes empresários, do mercado financeiro, (85) mas também do mercado dos que produzem alimentos, matérias-primas, produtos industriais e serviços essenciais, (86) que são o fundamento do nosso desenvolvimento, a máquina de gerar empregos, consumo e riqueza. (87) o governo deve servir ao povo, (88) não a partidos e a corporações que não representam o interesse público. (89) Um governo deve sempre procurar unir a nação. (90) De mim, ninguém deve esperar que estimule disputas de pobres contra ricos, ou de ricos contra pobres. (91) Eu quero todos, lado a lado, na solidariedade necessária à construção de um país que seja realmente de todos.

O trecho destacado tem o intuito de mostrar como José Serra, por meio de uma abordagem argumentativa, busca expor os seus objetivos e os seus planos de governo. O pré-candidato tenta pontuar os requisitos necessários e os propósitos que contribuem para que um político exerça um bom governo. José Serra busca expor, ainda, que o desenvolvimento do país se faz quando um governo procura ouvir a voz de todas as classes sociais e faixas etárias sem discriminar ninguém, pois todos são importantes na construção do país. Assim, ele declara que esse é o objetivo de seu governo: não estimular disputa entre ninguém e unir todos na solidariedade necessária para o crescimento brasileiro.

Dessa maneira, propomo-nos, a partir da segmentação dos atos, a combinar as informações de natureza hierárquica com as informações de natureza linguística e referencial, a fim de chegar a uma microestrutura hierárquico-relacional dessa intervenção que demonstra nossa interpretação desse excerto do discurso de José Serra.

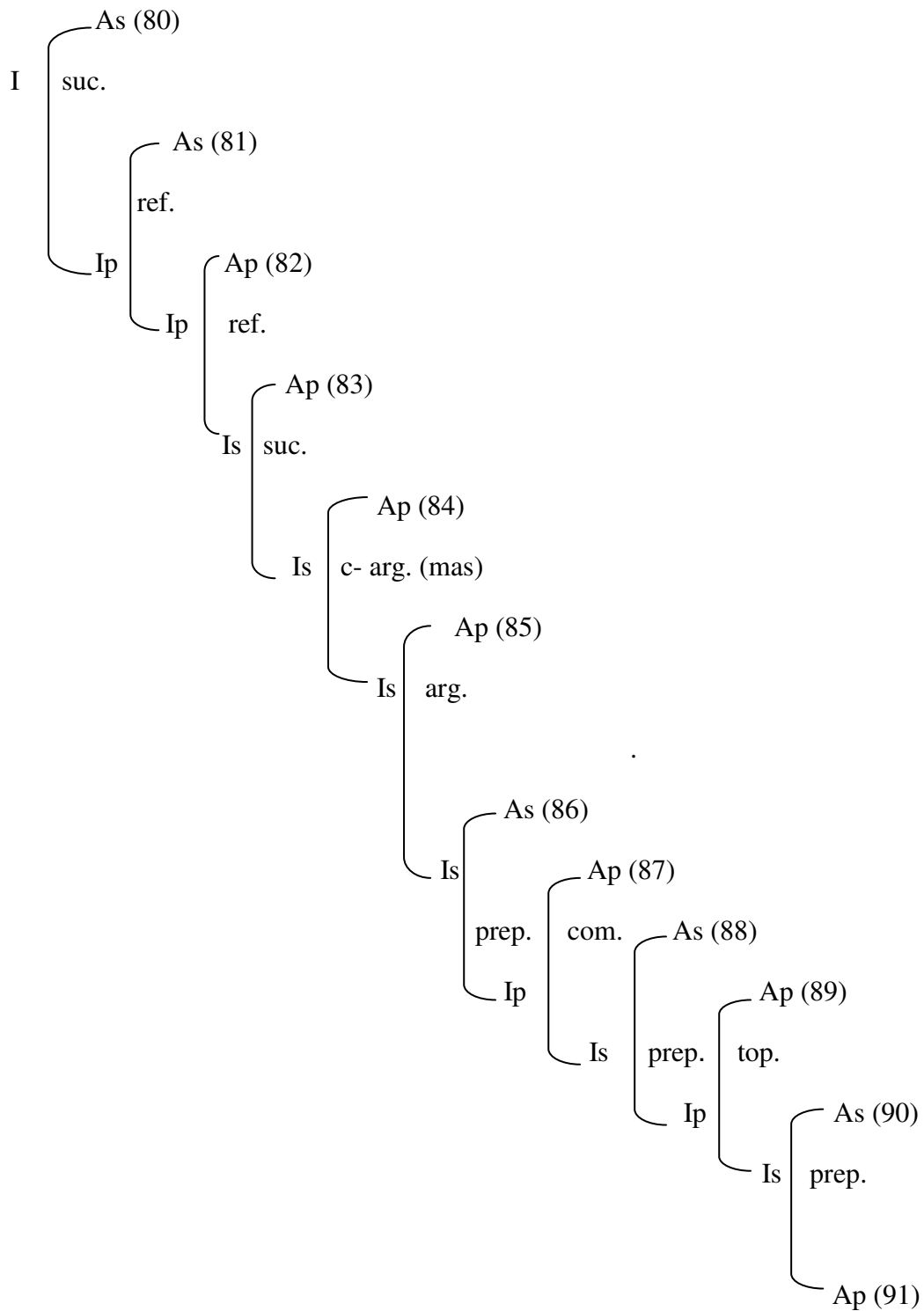


Figura 14: Microestrutura hierárquico-relacional dos objetivos de José Serra.

Essa intervenção, que se estrutura do ato (80) ao ato (91), apresenta alguns objetivos propostos por José Serra para legitimar sua possibilidade de assumir a presidência do país.

Os atos (80) e (81) constituem intervenções principais. O As (80) introduz uma relação de sucessão, na qual não há presença de marcadores, mas evidenciamos a ocorrência de idéias sucessivas. O ato (81) exerce com o ato (82) uma relação de reformulação. Assim, no enunciado: “(81) Cultivar a austeridade fiscal, (82) **que significa** fazer melhor e mais com os mesmos recursos”, a expressão destacada poderia facilmente ser substituída pelos conectores **ou seja** ou **isto é**, passando o enunciado a ser reformulado da seguinte maneira: Cultivar a austeridade fiscal, **ou seja/isto é**, fazer melhor e mais com os mesmos recursos. Os Aps (83) e (84) dão continuidade as ideias do pré-candidato. Por meio desses atos, José Serra procurou demonstrar como deve agir uma pessoa que tem ou quer ter o poder na mão. Dessa maneira, no ato (84) ele expõe que um político deve ouvir a todos, sobretudo o mercado financeiro. No entanto, no Ap (85), José Serra afirma que, além do mercado financeiro, um governo deve ouvir também a voz do mercado produtor, que representa o desenvolvimento de nosso país, conforme ele aborda no As (86). Nesse sentido, a presença do conector “mas” introduz uma intervenção subordinada à anterior apontando uma relação de contra argumentação entre o ato (84), anteriormente citado, e o ato (85).

Na sequência, José Serra prossegue com mais argumentos e ideias. Nos atos (87), (88) e (89) o pré-candidato continua elencando os passos que um governo deve seguir, e reafirma que esses passos também fazem parte de seus planos para o Brasil. No As (90) e no Ap (91), José Serra fala que pretende exercer um governo baseado na união de todos para construir um país melhor.

Podemos notar que as intervenções estão sempre ligadas por meio das relações interativas, de argumentação, de contra-argumentação, de comentário, entre outras, que marcam o tipo de vínculo estabelecido entre os constituintes discursivos e nos ajudam na interpretação do proferimento do pré-candidato.

3.6 - A dimensão hierárquico-relacional e os argumentos de José Serra

O trecho transcrito, faz parte do discurso de José Serra, que segue do ato 61 ao 72 e evidencia os argumentos julgados importantes pelo pré-candidato para reafirmar os valores que precisamos ter no enfrentamento dos problemas nacionais:

(61) Democracia e Estado de Direito são valores universais, permanentes insubstituíveis e inegociáveis. (62) Mas não são únicos. (63) Honestidade, verdade, caráter, honra, coragem, coerência, brio profissional perseverança são essenciais ao exercício da política e do poder. (64) É nisso que eu acredito (65) e é assim (66) que eu ajo (67) e continuarei agindo. (68) Este é o momento de falar claro, (69) para que ninguém se engane sobre as minhas crenças e valores. (70) É com base neles (71) que também reafirmo: (72) o Brasil, meus amigos e amigas, pode mais.

Dessa maneira, queremos apresentar a microestrutura que construímos, a partir da leitura que extraímos do referido trecho:

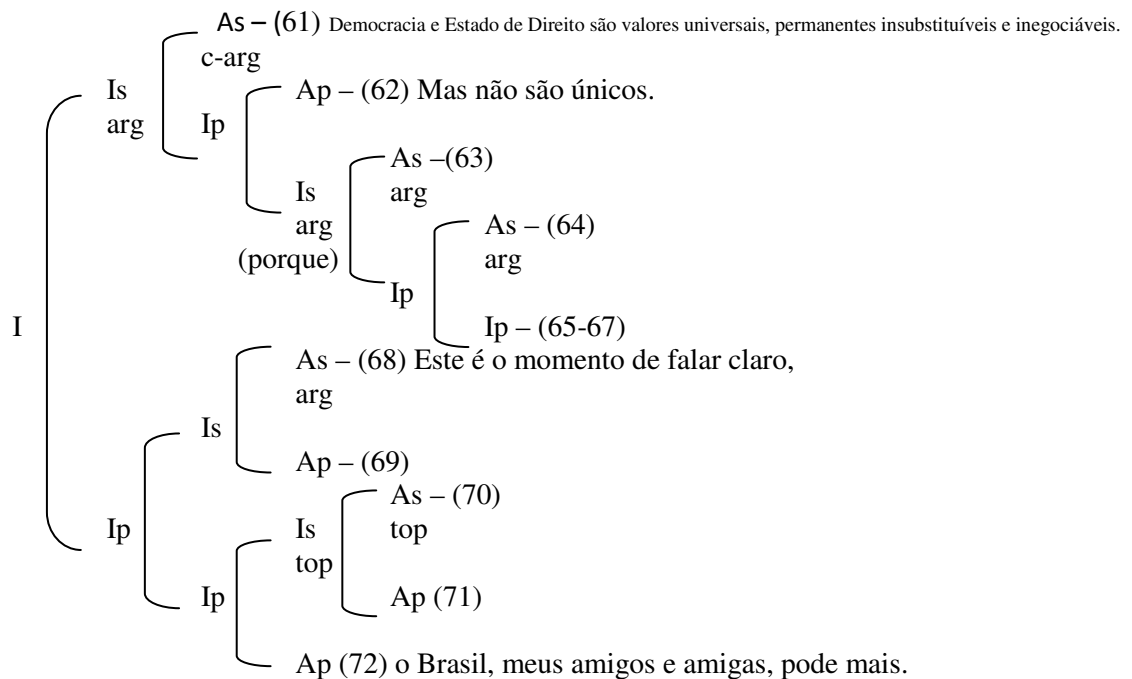


Figura 15: Microestrutua hierárquico-relacional dos argumentos de José Serra.

Essa intervenção, formada pelos atos (61) a (72), organiza-se em torno de duas intervenções: uma subordinada à principal que segue do As (61) ao Ip (65-67), e outra principal que se inicia com o As (68) e vai até o Ap (72). Entre elas há uma relação de argumento, considerando que José Serra deixa claro quais são os valores que o guiam e que são a base para o respeito à Democracia e ao Estado de Direito, assim como para governar o país.

Na primeira intervenção, que é subordinada, do ato (61) para o (62), temos uma relação interativa de contra-argumento marcada pelo conector “mas”. Isso acontece porque José Serra enxerga que a Democracia e o Estado de Direito são valores importantes, no entanto reconhece que eles não são únicos e explica, no As (63), que existem outros valores também importantes como a honestidade, a verdade, o caráter, a honra, a coragem, a coerência, o brio profissional e a perseverança. Dessa maneira, os atos (62) e (63) são ligados por uma relação de argumentação, pois podemos introduzir entre eles os conectores **porque** ou **visto que**, ficando o período, assim estruturado: (61) Democracia e Estado de Direito são valores universais, permanentes insubstituíveis e inegociáveis. (62) Mas não são únicos, (63) **porque/ visto que** honestidade, verdade, caráter, honra, coragem, coerência, brio profissional perseverança são essenciais ao exercício da política e do poder.

Na sequência, teremos no ato (64) um argumento de José Serra afirmando que ele acredita nos valores citados. Depois, na Ip (65-67)³⁶, o pré-candidato confirma esse argumento dizendo que seu governo está pautado na continuidade e no cumprimento desses valores.

Dentro da segunda intervenção, que é principal, encontramos outras duas pequenas intervenções: a Is constituída pelos atos (68) e (69) e a Ip formada por uma Is, que engloba os atos (70) e (71), e pelo ato principal (72). Entre os atos (68) e (69) vemos estabelecida uma relação de argumentação, marcada pelo conector **para que**. Nesses atos, José Serra explica que é o momento de deixar claro para o Brasil inteiro quais são realmente suas crenças, seus valores, seus objetivos e seus planos de governo.

Depois, entre os atos (70) e (71), evidenciamos uma relação de topicalização, que para Marinho (2003, p. 7) ocorre quando há um “deslocamento à esquerda”, ou seja, aparece sempre à esquerda do sujeito uma construção sintática³⁷ que quebra a estrutura lógica da

³⁶ Ao trabalhar com estruturas arbóreas, os pesquisadores se deparam com atos que, por se referirem a um mesmo assunto, são propostos em uma única intervenção. Neste sentido, a fim de simplificar a árvore, uma vez que o detalhamento não interfere na análise que propomos desse trecho do proferimento, encaixamos os atos 65, 66 e 67 dentro de uma mesma intervenção porque eles tratam de um mesmo assunto.

³⁷ Belford (2006) ressalta que essas estruturas/construções sintáticas, com o a passar do tempo, são chamadas de Construções de Tópico (CTs), segundo os conceitos da teoria linguística e nelas existe um sintagma nominal (SN) à esquerda da oração. De acordo com Belford (2006, p. 17), as CTs podem ser analisadas sob dois aspectos: “o sintático e o discursivo. Sintaticamente, as CTs são constituídas por um sintagma nominal (SN), acompanhadas de uma sentença comentário, diferenciando-se, assim, da estrutura sintática defendida pela tradição gramatical para a língua portuguesa, que é a de sujeito/predicado”. No que se refere ao aspecto discursivo, foco de nossa análise, o tópico (representado sintaticamente por um SN) “atrai para si a atenção do ouvinte, determinando o tema sobre o qual se faz um comentário, elaborado em sentença com sujeito e predicado”.

oração, que é a de sujeito/verbo/objeto, coloca em relevo a ideia que se considera mais importante, destacando-a do resto.

Essa construção sintática que pode ser retomada, ou não, representa um pequeno comentário, explicando alguma coisa. Assim, os conectores **quanto a, no que se refere a e com relação a**, entre outros, marcam esse tipo de relação. Nessa perspectiva, a relação de topicalização ocorre no discurso de José Serra, porém sem a presença de conectores. É possível evidenciar que o tema sobre o qual, o pré-candidato tece um comentário é o que diz respeito às suas crenças e aos seus valores, que para ele constituem a base de um Brasil melhor. Dessa maneira, notamos que o elemento inicial é retomado na sentença-comentário na forma do pronome **neles**. Evidenciamos, ainda, que a quebra da estrutura sintática da oração se dá quando o termo que sinaliza a topicalização acaba sem função sintática e é usado especificamente para ressaltar a ideia que se julga mais interessante, ficando dessa forma destacada na oração.

Podemos dizer que, com a presença dos conectores o enunciado do pré-candidato ficaria assim: **quanto às minhas crenças e valores, no que se refere às minhas crenças e valores, com relação às minhas crenças e valores**, é que também reafirmo.

Por último, no Ap (72), José Serra, com base no que foi topicalizado anteriormente, ou seja, em suas crenças e valores, reafirma o *slogan* de sua campanha: “o Brasil, meus amigos e amigas, pode mais”. Esse ato é o principal de uma Ip que compõe a Ip dessa grande intervenção e simboliza a esperança e a confiança no país. É interessante observar que este ato é o mais forte argumentativamente, pois ele representa a repetição do mote do discurso de José Serra junto a um vocativo emblemático.

3.7- A dimensão hierárquico-relacional e o valor educacional para José Serra

Outro trecho que escolhemos para propor uma estrutura hierárquica é a parte em que José Serra fala sobre a educação escolar, considerando-a base para a formação de qualquer país e como o melhor caminho para o sucesso e para a prosperidade. O referido trecho é uma complementação das informações contidas nos atos (184-194), nos quais o pré-candidato já havia salientado sobre o valor da educação, inclusive valorizando e reconhecendo a sua própria educação escolar, o que faz ao citar suas professoras do primário. Dessa maneira, José Serra abre o ato (195) dizendo que sempre lutou e luta pela educação dos brasileiros por priorizá-la e por ponderá-la intrínseca à constituição do caráter do cidadão e, assim, ele

continuará até o ato (208), pontuando tudo o que julga ser importante quando se trata de educação.

Nesse sentido, apresentamos o trecho do discurso em que José Serra expõe seu ponto de vista sobre a educação, composto pelos atos 195-208:

(195) Mas é por isso tudo que sempre lutei (196) e luto tanto pela educação de milhões de filhos do Brasil. (197) No país com que sonho para os meus netos, (198) o melhor caminho para o sucesso e a prosperidade será a matrícula numa boa escola, (199) e não a carteirinha de um partido político. (200) E estou convencido de uma coisa: (201) bons prédios, serviços adequados de merenda, transporte escolar, atividades esportivas e culturais, (202) tudo é muito importante (203) e deve ser aperfeiçoado. (204) Mas a condição fundamental e a melhora de aprendizado na sala de aula, propósito bem declarado pelo governo, (205) mas que praticamente não saiu do papel. (206) Serão necessários mais recursos. (207) Mas pensemos no custo para o Brasil de não ter essa nova Educação em que o filho do pobre frequente uma escola tão boa quanto a do filho do rico. (208) Esse é um compromisso.

Agora, passamos a apresentar a estrutura hierárquico-relacional desse trecho:

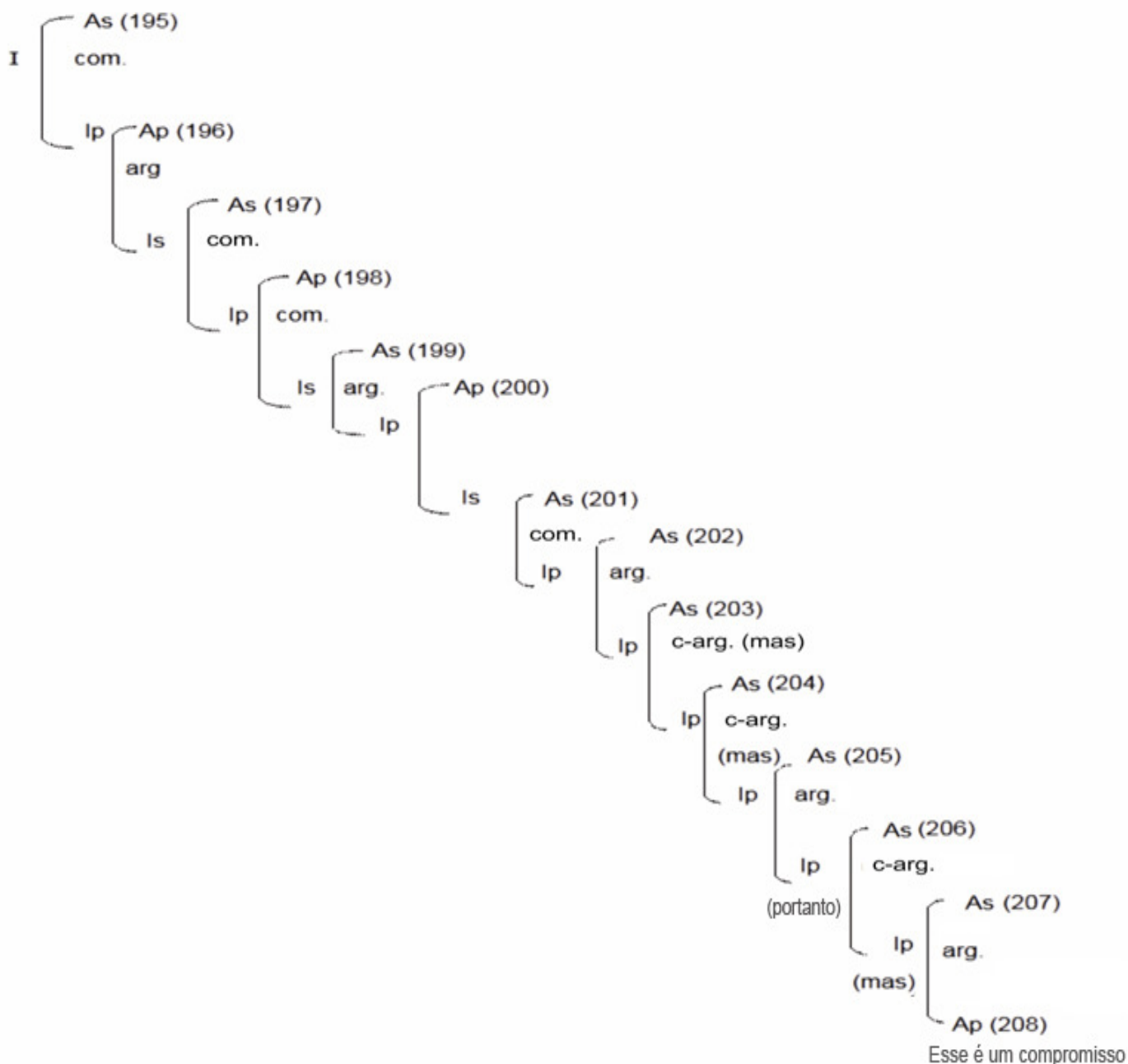


Figura 16: Microestrutura hierárquico-relacional do valor educacional para José Serra.

O início dessa intervenção ocorre a partir do As (195) sinalizado pelo conector “mas” que, nesse contexto, não indica uma adversidade, mas ganha o sentido de adição por conectar informações que se complementam, que não se excluem e que se somam às informações contidas nos atos 152 a 194.

Essa intervenção estabelece com o ato sucessor (196) uma relação de comentário. No ato 195, José Serra reafirma o que foi dito nos atos anteriores, ou seja, o valor de toda sua

estrutura familiar e toda sua herança educacional, pressupondo que ele considera a educação um fator de suma importância para o desenvolvimento do país e por isso, quer lutar pela mesma. No ato seguinte, que é o (196), ele explica o agente de sua luta, que é a “educação dos milhões de filhos do Brasil”.

Nos atos (197), (198) e (199), por meio de relações interativas de comentário e de argumento, o pré-candidato mostra que prioriza a educação e a enxerga como a base de constituição para todo cidadão. Nesses atos, José Serra idealiza um país onde “o sucesso e a prosperidade” se efetivará pela educação escolar, acima de qualquer partido político.

Em seguida, do ato (200) ao (203), José Serra reconhece a importância da estrutura física da escola e de todos os recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), como merenda e transporte escolar, bem como das atividades esportivas e culturais e considera que tudo isso pode ser melhorado. Entre os atos (200-203) e o As (204) temos uma relação interativa de contra-argumento, introduzida pelo conectivo **mas**. Ao usar esse conectivo, José Serra afirma que tudo o que citou anteriormente é importante, no entanto, o mais importante é melhorar a qualidade do ensino no contexto de sala de aula.

Nesse mesmo ato ele afirma que a melhora na qualidade de ensino é preocupação do atual governo, no entanto, o próximo ato, o As (205) estabelece uma relação de contra-argumento ao que foi dito no anterior. Ao usar o conectivo adversativo **mas**, José Serra faz uma crítica ao governo de Lula na sua proposta de melhorar a educação, uma vez que essa proposta, segundo ele, não saiu do papel, ou seja, não foi cumprida.

Nesse sentido, o ato (205) estabelecerá com o As (206) uma relação interativa de argumento, cujo significado pressupõe um conectivo elíptico, o **porque**, que reforça o motivo pelo qual a educação não alavancou como deveria, já que não se investiu os recursos necessários.

Na sequência, entre o As (206) e o As (207), há uma relação interativa de contra-argumento, iniciada pela conjunção **mas**, que reforça a urgência de uma “nova educação” em que não se tenha exclusão social. Em seguida, no Ap (208), José Serra fecha esse trecho assumindo o compromisso de criar o que chama de “nova educação” privilegiando as minorias sociais tanto quanto a elite social. A força persuasiva de suas palavras toca em um dos problemas fundamentais de política pública que é a educação inclusiva e não discriminatória. Essa força persuasiva é evidenciada pela estrutura hierárquica.

Assim, notamos como a estrutura hierárquica tem papel fundamental em qualquer discurso, pois ela nos permite, por meio das intervenções e das relações que elas estabelecem

entre si, uma visão detalhada de toda a organização do discurso. Isso nos permitiu realizar uma leitura global do discurso de José Serra que evidenciasse a combinação das informações hierárquico-relacionais e colocasse à vista todo o seu poder de persuasão e argumentação ativado nos constituintes discursivos, nas suas possíveis relações e em um grau de acessibilidade à memória discursiva.

Para dar prosseguimento às nossas análises, a partir de agora, desenvolveremos, no capítulo quatro, o estudo das formas de organização enunciativa e polifônica, que são oferecidas pelo MAM para tratar da presença e da função das vozes que estão inseridas no discurso do pré-candidato.

CAPÍTULO IV:

O discurso de pré-candidatura de José Serra: organização e funcionamento das vozes

Neste capítulo, procuraremos dissertar sobre a inserção e a função das vozes disseminadas ao longo do pronunciamento de José Serra, tomando como instrumental teórico e metodológico os conceitos utilizados pelo Modelo de Análise Modular. Para tratar tanto da enunciação da voz do próprio locutor, quanto da existência da voz do outro em um discurso, o MAM disponibiliza dois componentes específicos: a forma de organização enunciativa e a forma de organização polifônica.

Ao abordarmos o discurso do pré-candidato sob os aspectos da forma de organização enunciativa e da forma de organização polifônica, temos a intenção de evidenciar que os instrumentos de análise apresentados pelo MAM é que nos permitem tratar a autofonia e a polifonia como estratégias usadas por José Serra para persuadir e convencer seus eleitores.

Temos ainda, a intenção de mostrar como a autofonia e a polifonia põem em cena as vozes que perpassam o discurso do pré-candidato. Nesse sentido, entender como e por que o locutor insere em seu proferimento tanto a sua voz, quanto a voz do outro é também entender todo um processo interacional que envolve os participantes do discurso, tendo em vista que nele circulam várias vozes.

A própria voz de José Serra, empregada no passado ou no futuro, assim como a incursão da presença do “outro”, é estratégia discursiva utilizada por ele para reforçar seu poder persuasivo, a fim de convencer seus eleitores. No proferimento do pré-candidato, essa presença do “outro” não é assinalada somente pelas vozes alheias, mas é também sinalizada pela procura do “outro”, neste caso específico, seus alocutários, para quem ele elabora o seu discurso, conforme vimos nas análises referenciais, interacionais e hierárquico-relacional. É exatamente esse efeito persuasivo que tentamos mostrar e enfatizar em todas as análises propostas para o discurso, objeto de nossa pesquisa.

Entretanto, antes de passarmos às análises propriamente ditas do funcionamento das vozes situadas no discurso de José Serra, pretendemos apresentar algumas reflexões sobre a forma de organização enunciativa e analisar a forma de organização polifônica, apontando algumas questões que evidenciam o polifônico.

Assim, acreditamos que as duas formas de organização oferecidas pelo MAM nos ajudarão a entender as questões concernentes à enunciação e à polifonia no referido discurso.

4.1 - A forma de organização enunciativa: a presença das vozes

A forma de organização enunciativa é composta pela acoplagem de informações procedentes da ligação dos discursos com os níveis do enquadre interacional (**módulo interacional**), de ordem linguística, quando os discursos representados são marcados (**módulo lexical**) e das informações de origem situacional (**módulo referencial**), caso os discursos não venham marcados.

Nessa forma de organização, torna-se indispensável assinalar as variadas formas discursivas que constituem uma enunciação. Isso implica dizer que, para descrever a organização enunciativa, é necessário definir e distinguir o discurso **produzido** daquele que é **representado**, nos diferentes níveis de uma intervenção.

Na abordagem modular genebrina, o discurso **produzido** correspondente àquilo que o locutor diz/produz e ocupa o nível mais externo de uma interação. Já o discurso **representado**, corresponde ao que Bakhtin (2006) chamou de discurso citado, ou seja, é aquele em que o locutor diz o que alguém disse: é a voz (alheia) que ele reproduz em seu discurso e que ocupa o nível mais interno de uma interação.

Cumprе ressaltar que, por simbolizar a voz de outro, ou as várias vozes reproduzidas em um discurso, além da própria voz do locutor, o **discurso representado** é muito importante para nossa análise.

De acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 283-284), o **discurso representado** pode ser visto sob as seguintes formas:

- **Formulado:**
 - a) seja sob a forma de uma representação direta, eventualmente introduzida por um verbo de fala, dois pontos, travessão e/ou aspas;
 - b) seja sob a forma de representação indireta, caracterizada por uma modificação dos dêiticos e/ou eventualmente iniciada por um verbo de fala seguido de um complementador;
 - c) seja sob a forma de representação indireta livre, em que as fronteiras entre os dois discursos são diluídas.

- **Designado:** quando introduzido por um verbo, como por exemplo: suplicar, achar, pressupor, entre outros; ou quando introduzido por um sintagma nominal, geralmente uma nominalização indicadora de súplica, chamada, etc.

- **Implicitado:** a implicitação, em geral, é marcada por conectores que têm a função de estabelecer um encadeamento implícito com o discurso de um interlocutor, portanto não ocorre em intervenções monológicas. É própria do diálogo e é introduzida por conectivos interativos, tais como “bem”, “mas”, no início de réplica.

Para o MAM, os discursos representados determinam-se assim: **discurso representado formulado:** marcado por colchetes preenchidos [...]; **discurso representado designado:** marcado por colchetes vazios depois da expressão que o designa []; **discurso representado implicitado:** representado por colchetes vazios na frente do conector [].

Ainda, na visão do modelo, a acoplagem entre as informações enunciativas e as interacionais nos permite distinguir o discurso em: **polifônico** - quando representa o discurso de um terceiro, **autofônico** – quando representa o discurso do próprio locutor no passado ou no futuro, e **diafônico** – quando o locutor/escritor representa o discurso de seu interlocutor imediato ou de outra pessoa, conforme abordamos no primeiro capítulo³⁸.

No que tange à acoplagem entre as informações enunciativas e as referenciais, o discurso pode se classificar em **efetivo**, representando palavras formuladas e **potencial**, refletindo, de modo imaginário e previsível, um discurso que poderia ser produzido.

Ao propor uma análise do discurso de José Serra sob a perspectiva enunciativa, nossa meta é identificar as vozes que nele se encontram incluídas, no intuito de fazer valer os argumentos e a credibilidade do pré-candidato.

Após a apresentação da forma de organização enunciativa, passaremos à descrição da forma de organização polifônica, que é uma forma de organização complexa e cuja análise carece de informações oriundas do módulo interacional, da forma de organização enunciativa e da forma de organização relacional.

Nesse sentido, proceder à análise da polifonia no pronunciamento de José Serra consiste em identificar primeiramente as instâncias enunciativas cujas vozes são representadas dentro do nível mais interno da interação³⁹.

³⁸ Conferir páginas 29.

³⁹ Conferir quadros interacionais no capítulo três, páginas 73, 74 e 75.

4.2 - A forma de organização polifônica: o funcionamento das vozes

Para a abordagem modular do discurso, o componente polifônico está relacionado à inserção da voz de outro em um discurso, assim como ao ponto de vista e as atitudes adotadas pelo locutor frente ao seu próprio discurso. Diz respeito a outra subjetividade, diferente da subjetividade do locutor.

Na forma de organização polifônica estão inclusas todas as informações referentes às vozes que o locutor produz em seu discurso, além de estarem presentes informações concernentes ao eco das vozes alheias. A presença das vozes no discurso de José Serra permite fazer a distinção entre as vozes que são produzidas pelo locutor e as vozes que são representadas por ele.

No entanto, antes de efetuar as análises polifônicas em um discurso, como já dissemos, primeiramente é necessário fazer a descrição da organização enunciativa, que consiste em distinguir os discursos produzidos daqueles que são representados. Depois de realizar a descrição enunciativa, podemos investigar e refletir sobre a função dos discursos produzidos e representados no discurso que tomamos para analisar.

Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) julgam que o estudo da polifonia, sob o ponto de vista do MAM, é um processo complexo, pois o modelo considera também, além da retomada da voz alheia, o resultado da acoplagem das análises referentes às formas e às funções dos discursos produzidos e representados.

Desse modo, realizar a análise da polifonia no discurso de José Serra implica identificar e caracterizar as instâncias em que esse discurso foi produzido.

Sendo assim, podemos afirmar que o discurso de José Serra é perpassado por algumas vozes e, por isso, fizemos um recorte em nosso objeto de análise para exemplificar as vozes que enunciam algumas ações ocorridas durante a trajetória da campanha do pré-candidato.

Para proceder à análise enunciativa e polifônica do discurso de pronunciamento do pré-candidato José Serra em Brasília serão usadas as seguintes convenções de transcrição: **VS'** = Voz de Serra Locutor – **VSP'** = Voz de Serra Presidente **VSProf.'** = Voz de Serra Professor – **VSG'** = Voz de Serra Governador – **VPF'** = Voz do pai de família (Serra) - **VPB'** = Voz da população brasileira.

Neste sentido, procuraremos compreender como e por que o pré-candidato, José Serra, retoma a voz alheia ou a sua própria voz no passado ou no futuro para validar os seus argumentos e para tentar persuadir os seus eleitores.

A fim de buscar respaldos que sustentem nossa hipótese de pesquisa, passamos, agora, à análise enunciativa e polifônica do pronunciamento de José Serra, que nos confere a tarefa de discorrer e examinar como os discursos produzidos e representados ocorrem no discurso do pré-candidato e quais as suas funções.

4.3 - As vozes que introduzem a campanha e os objetivos de José Serra:

O discurso de José Serra, conforme já abordamos, caracteriza um momento histórico vivido pelo país. O início desse discurso é introduzido por vozes que têm a função de apresentar o candidato, apontar suas intenções, mostrar sua disposição e coragem em assumir a presidência, assim como destacar suas experiências tanto de vida quanto política.

Assim sendo, compreender a inserção e a função das vozes no discurso do pré-candidato, por meio das análises enunciativas e polifônicas é compreender e interpretar toda a situação política que está sendo realizada no tempo de agora, porém reverenciando e rememorando o passado.

Além disso, as marcas e a presença dos discursos produzidos e representados na parte do pronunciamento de José Serra que escolhemos para observar ajudam-nos a construir e a explicar a história e o percurso político do Brasil, conferindo a eles um sentido e ao mesmo tempo formando uma rede de significações necessárias à constituição da nacionalidade brasileira.

De acordo com essa acepção, percebemos por ocasião das análises hierárquico-relacionais, propostas no capítulo três, que toda essa parte que escolhemos como objeto de análise é estruturada a partir de um discurso produzido pelo pré-candidato na tentativa de revelar seus anseios, seus propósitos e lançar-se como o candidato ideal pautado em suas experiências e trajetória, tanto pessoal quanto política.

Assim, vejamos o trecho inicial do discurso de José Serra, no qual ele mostra, por meio de uma exposição, a importância em assumir a presidência:

VS' [(1) **Venho** hoje, (2) aqui, (3) **falar** do meu amor pelo Brasil; **VS'** (4) **falar** da minha vida; **VS'** (5) **falar** da minha experiência; **VS'** (6) **falar** da minha fé; **VS'** (7) **falar** das minhas esperanças no Brasil. **VS'** (8) E **mostrar** minha disposição de assumir esta caminhada. (9) Uma caminhada que vai ser longa e difícil (10), mas que com a ajuda de Deus e com a força do povo brasileiro será com certeza vitoriosa.

(11) Alguns dias atrás, **VS'** (12) terminei meu discurso de despedida do Governo de São Paulo **VS'** (13) **afirmando** minha convicção de que o Brasil pode mais. (14) Quatro palavras, em meio a muitas outras. (15) Mas

que ganharam destaque (16) porque traduzem de maneira simples e direta o sentimento de milhões de brasileiros: **VPB'** (17) **o de que o Brasil, de fato, pode mais.** (18) E é isto que está em jogo nesta hora crucial!]

Podemos observar, no trecho destacado, a presença de um **discurso produzido** por José Serra, que representa o seu pronunciamento em Brasília e ocupa o nível mais externo do quadro interacional⁴⁰. Tal discurso se dá, pelo emprego do verbo **vir**, usado na primeira pessoa do singular no presente do indicativo, pelo emprego do infinitivo na forma linguística **falar**, enfatizada várias vezes pelo pré-candidato e pelo emprego do infinitivo na forma linguística **mostrar**, introduzida nesse discurso pela conjunção **e**.

O uso de tal conjunção simboliza que as informações contidas no primeiro período do trecho, no qual está localizado o **discurso produzido** por José Serra, são adicionadas à informação contida no segundo período do referido trecho.

Cabe ressaltar que o emprego da forma verbal **mostrar**, na oração que compõe o segundo período, revela o objetivo do pré-candidato de fazer com que o público entenda que, além de falar de seus planos e de seus objetivos, ele também tem disposição em assumir a presidência. Essa disposição, no contexto do discurso de José Serra, pode ser entendida como a capacidade que o pré-candidato julga ter para ser o presidente do Brasil, uma vez, que ao longo de seu proferimento, ele expõe as experiências que obteve em outros cargos e as considera como fator primordial para colocar em prática todos os seus planos e as suas metas de governo.

Desse modo, interpretamos que o direcionamento de José Serra ao povo, na abertura de seu pronunciamento, por meio do verbo **mostrar** tem o intuito de evidenciar aos eleitores que, se eleito for, ele não quer ficar só no nível da teoria, ou seja, só no discurso “falado”, mas ele quer apresentar na prática como é a sua forma de agir e de governar, tendo em vista que é dotado de aptidões e de habilidades necessárias ao exercício do poder político.

Entendemos que os verbos **venho**, **falar** e **mostrar**, empregados no **discurso produzido** pelo pré-candidato revelam-nos o sujeito José Serra, que se instaura nesse discurso, a partir do uso da forma verbal **venho**, empregada em primeira pessoa. Esse sujeito está acompanhado da indicação de tempo **hoje** e do sinalizador de espaço **aqui**, que nos permitem dizer que José Serra é um sujeito significante que fala de algum lugar do discurso e

⁴⁰Neste trabalho, vou me deter à análise dos planos de enunciação correspondentes aos níveis de interação representados no quadro 8, por considerar que os discursos representados nos outros enquadres interacionais, também estão contemplados no referido quadro.

num determinado tempo na tentativa de construir sua identidade política, (re) afirmar seus valores e atribuir sentido a toda sua experiência humana.

Neste movimento de análise, entendemos também, que o tempo verbal expresso nas formas linguísticas **falar** e **mostrar**, usadas no infinitivo, só pode ser apreendido pelo contexto em que está incluso. Assim, concluímos que esse tempo verbal é o hoje e o agora da campanha eleitoral, na qual José Serra concorre como candidato à presidente pelo PSDB.

Podemos dizer que o tempo verbal apreendido nas formas linguísticas destacadas acima e no advérbio **hoje**, ao mesmo tempo em que está no presente e perpetua, tornando-se atual todas as vezes que tomamos posse do discurso do pré-candidato, pode também ser encontrado no passado, uma vez que remota ao dia dez de abril de 2010, momento exato, no qual José Serra profere seu discurso.

Desse modo, ao efetuar essas análises do proferimento do discurso de José Serra inferimos que o trecho inicial de tal discurso é imbuído das intenções persuasivas de José Serra, que revelam todo o seu anseio em disputar as eleições e fazem com que o pré-candidato se apresente ao público, expressando suas características e convicções pessoais. Essas intenções persuasivas são confirmadas depois pelo verbo **assumir**, também empregado no infinitivo e que indica a disposição e a coragem que o pré-candidato tem para o cargo de presidente da República.

Nesse **discurso produzido e autofônico**, ou seja, discurso feito na voz do próprio locutor, presente nesse primeiro trecho em análise, é introduzida, no gerúndio, a forma verbal **afirmando**, por meio da qual José Serra assegura com convicção sua fé no país.

Nesse sentido, compreendemos que o uso da forma verbal **afirmando** funciona como um chamamento que convida os interlocutores a entrarem em um clima de singularidade, de utopia, de ser melhor, de fazer mais e bonito, pois, ao afirmar sua convicção no potencial do Brasil, José Serra confirma a crença de que somos uma nação forte, que “não desiste nunca”.

Desse modo, há nesse nível externo de interação um poder de convencimento muito significativo, uma vez que o locutor/José Serra e seu público/eleitores estão envolvidos em um processo de comunicação, no qual as palavras do candidato podem/devem influenciar a escolha dos ouvintes/eleitores.

Sendo assim, o pré-candidato tenta persuadir os brasileiros de que o país pode ser e crescer muito mais. Ao mesmo tempo, José Serra procura fazer com que o imaginário do povo confirme a crença em si mesmo ao longo de seu percurso histórico.

Isto equivale a dizer, que o *slogan* utilizado pelo pré-candidato de que o “Brasil pode mais” é, além de um discurso de persuasão, um discurso de retomada de consciência, no qual os brasileiros precisam apenas suscitar e ratificar a fé que já possuem em si próprios. Por isso, a ideia de que o país “pode mais” não deve ser a convicção somente de José Serra, mas deve ser também a convicção de todos os eleitores brasileiros.

Destarte, o conceito de que a crença no país é uma convicção tanto de José Serra quanto da população brasileira fica legitimado no emprego da sentença “**de que o Brasil, de fato, pode mais**”, que exprime o sentimento dos milhões de brasileiros que acreditam no crescimento da nação e marca um **discurso representado formulado direto e polifônico**, por introduzir a voz alheia no discurso do locutor.

O que nos parece, neste contexto de análise, é que a voz inserida na expressão acima destacada, e que introduz um **discurso representado formulado direto e polifônico**, se diluí com a voz do próprio locutor, ou seja, a voz de José Serra é, ao mesmo tempo, a voz do povo.

Além disso, essa voz promove uma interação entre o locutor/José Serra e seus interlocutores/eleitores, no sentido de despertar a sensibilidade dos ouvintes e conquistar o seu voto. A interação que pode ocorrer entre o locutor e seus interlocutores se dá no nível interno do enquadre interacional referente ao proferimento do discurso de José Serra em Brasília.

Nesse nível interno da interação, busca-se uma interlocução que explicita por meio da voz do locutor as conquistas da população brasileira.

Assim, vejamos:

“VS’[(19) Nos últimos 25 anos, (20) o **povo brasileiro** alcançou muitas conquistas: **VPB**’ (21) **retornamos** a democracia, (22) **arrancamos** nas ruas o direito de votar para presidente, (23) **vivemos** hoje num país sem censura e com imprensa livre. (24) **Somos** um Estado de Direito Democrático. (25) **Fizemos** uma nova Constituição, (26) escrita por representantes do povo].”

O que observamos, no excerto acima, é que o uso da terceira pessoa do singular (ele) na construção linguística “povo brasileiro” dá entrada a um novo **discurso produzido**, no qual encontramos uma voz de autoridade que confere ao país o mérito pelas vitórias atingidas. Por meio desse discurso, José Serra coloca o povo brasileiro como agente de sua história, permitindo-nos entender que todas as conquistas alcançadas são resultado de um trabalho feito com o esforço de todos os brasileiros e não de um grupo ou de um partido específico.

Essa ideia é verificada, na sequência, pelo emprego da primeira pessoa do plural nos verbos: **retornar**, **arrancar** e **fazer**, que iniciam um **discurso representado formulado**

direto e polifônico, por nos apontar a presença da voz da população brasileira, confirmando o conceito de que as conquistas alcançadas são realmente frutos de um empenho coletivo dos brasileiros, que se tornam, assim, participantes e responsáveis pela construção de sua própria trajetória política.

Depois, os verbos **viver** e **ser**, também usados na primeira pessoa do plural, permitem enxergar, mais uma vez, a presença da voz da população brasileira dentro do mesmo **discurso representado formulado direto e polifônico** que, além de confirmar o conceito acima mencionado, ainda evidencia que as conquistas que desfrutamos hoje, tais como a liberdade de expressão e o estado democrático são heranças das conquistas que obtivemos no passado.

Vale destacar que o modo verbal empregado nos verbos anteriormente citados é o indicativo, porém o tempo oscila entre o passado e o presente, considerando o uso da locução adverbial de tempo **nos últimos 25 anos**, do verbo **alcançou** e do advérbio de tempo **hoje**. Assim, as vitórias do passado são contadas e reverenciadas no presente e marcam sempre, de forma relevante, os momentos vivenciados na construção da sociedade brasileira.

Destacamos também que, por se tratar de um discurso polifônico, novamente é inserida na voz do locutor outra voz que enuncia todos os acontecimentos ocorridos nos últimos 25 anos na história política do país.

Cumpramos ressaltar que o uso da primeira pessoa do plural, nos trechos que destacamos para análise no discurso de José Serra, e que introduz a voz alheia é uma estratégia utilizada por ele para delegar ao povo brasileiro a responsabilidade das conquistas alcançadas.

O que percebemos com a análise desse discurso é que a função dessa voz parece ser a de integrar a voz do locutor, reformulando-a e qualificando-a, a fim de tornar possível uma relação de proximidade entre José Serra e seu público que o permita se incluir na grande massa dos brasileiros e se fazer um dos participantes e responsáveis pelos méritos obtidos.

Segue outro trecho do discurso de José Serra que escolhemos para análise e que representa a continuidade da descrição das conquistas que o povo brasileiro alcançou:

“[**VS**] (27) Com plano o Real, (28) o Brasil transformou sua economia a favor do povo, (29) controlou a inflação, (30) melhorou a renda e a vida dos mais pobres, (31) inaugurou uma nova Era no Brasil. (32) **VPB** Também **conquistamos** a responsabilidade fiscal dos governos. (33) **Criamos** uma agricultura mais forte, uma indústria eficiente e um sistema financeiro sólido. (34) **Fizemos** o Sistema Único de Saúde, (35) **conseguimos** as crianças na escola, (36) **diminuímos** a miséria, (37) **ampliamos** o consumo e o crédito, (38) principalmente para os brasileiros mais pobres. (39) Tudo isso em 25 anos. (40) **VS** Não foram conquistas de um só homem ou de um só governo, muito menos de um só partido. (41) Todas são resultado de 25 anos de estabilidade democrática,

luta e trabalho. (42) E nós somos militantes dessa transformação, protagonistas mesmo, (43) contribuímos para essa história de progresso e de avanços do nosso país. (44) Nós podemos nos orgulhar disso]’.

Esse fragmento do discurso de José Serra enumera especificamente as conquistas relacionadas à implantação do Plano Real, no Brasil, e pode ser dividido em três partes, as quais apresentamos detalhadamente, a partir de agora:

A primeira parte desse fragmento, que segue do ato (27) ao ato (38), consiste na descrição das mudanças, assim como dos benefícios que o Brasil alcançou no setor econômico e, conseqüentemente, em outros setores com a instauração do Plano Real. Nessa primeira parte, podemos evidenciar duas vozes:

A primeira voz que evidenciamos na parte inicial do fragmento acima mencionado é encontrada, a partir do ato (27), segue até o (31), e marca um **discurso produzido**, que expressa a voz do próprio locutor, ou seja, a voz de José Serra. Nesses atos, a voz do pré-candidato afirma que o país transformou sua economia a favor do povo, controlou a inflação, melhorou a renda e a vida dos mais pobres e inaugurou uma nova era no país, ao adotar como Sistema Monetário Nacional, o Plano Real. Além disso, esses atos introduzem a descrição das mudanças e dos benefícios alcançados com a fixação da nova moeda.

Consideramos, neste contexto de análise, que o emprego do substantivo próprio Brasil, no referido discurso, tem um sentido metonímico, no qual José Serra emprega um termo no lugar de outro. Assim, compreendemos que o pré-candidato toma o todo pela parte e usa o nome Brasil, ao invés de usar a nomenclatura PSDB, que diz respeito à sigla do partido dos políticos que, idealizaram e implantaram o Plano Real⁴¹ e que é também o partido de José Serra.

Em outras palavras, percebemos que a intenção dessa escolha por parte do pré-candidato é dar força a sua argumentação de que o Brasil realmente sofreu transformações na área econômica, camuflando por tal escolha, o verdadeiro autor das mudanças, porém abrindo margem para que os ouvintes/eleitores brasileiros acionem sua memória discursiva para lembrar e interpretar que o principal executor do plano financeiro é o partido do PSDB.

⁴¹ O Plano Real foi criado em 1993, com o objetivo de estabilizar e reformar a economia brasileira. Sua elaboração se deu, pelo então, na época, Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso (PSDB) com a ajuda de um grupo de economistas, que queriam combater a inflação, ou pelo menos reduzi-la. O Plano teve início oficialmente em 27 de fevereiro de 1994 com a publicação da Medida Provisória, nº 434 no Diário Oficial da União. Tal Medida Provisória instituiu a Unidade Real de Valor (URV), estabeleceu regras de conversão e uso de valores monetários, iniciou a desindexação da economia e determinou o lançamento de uma nova moeda, o Real. O novo Plano mostrou-se nos meses e anos seguintes o plano de estabilização econômica mais eficaz da história, reduzindo a inflação, que era o objetivo principal, ampliando o poder de compra da população e remodelando os setores econômicos nacionais.

Neste sentido, notamos que essa é uma técnica utilizada por José Serra no intuito de persuadir os eleitores e levá-los à adesão de suas ideias, pois, ao fazer uso dessa técnica, José Serra tem a pretensão de que o público, ao identificar o PSDB como o alicerce fomentador da força de transformação da economia, bem como o responsável pelos benefícios trazidos por essa transformação, faça o reconhecimento tanto do poder e da competência do partido, quanto o reconhecimento do poder e da competência do pré-candidato por verificar a sua filiação no referido partido político. Esse fato serve tanto para validar e colocar em evidência a capacidade, a coragem e a inteligência de José Serra para exercer um trabalho que continuará mudando o país, caso seja eleito como presidente, assim como para apostar em sua credibilidade e honestidade pessoal.

Em seguida, a segunda voz presente nesse fragmento está localizada no nível interno do quadro interacional que representa o pronunciamento de José Serra em Brasília e é encontrada a partir do ato (32), seguindo até o ato (38). Por meio dessa voz, vemos evidenciado um **discurso representado formulado direto** e **polifônico** introduzido pelas formas verbais **conquistamos, criamos, fizemos, conseguimos, diminuimos e ampliamos**, empregadas na primeira pessoa do plural no pretérito perfeito do indicativo.

Essas formas verbais simbolizam uma voz alheia dizendo que, com a aplicação do Plano Real, além dos benefícios (transformação da economia a favor do povo, controle da inflação, melhora da renda e da vida dos mais pobres e inauguração de uma nova era no país) enumerados por José Serra no início do trecho, também foi conquistada a responsabilidade fiscal.

Concomitantemente, essa voz representa a continuidade da descrição de vantagens como a criação de uma agricultura mais forte, de uma indústria e de um sistema financeiro sólido, entre outras, obtidas com a implantação do novo sistema financeiro.

Em outras palavras, o que está expresso, por meio dessa voz é que o Plano Real, criado para gerar estabilidade e reformas na área econômica, ao transformar esse ramo de atividade, controlando a inflação, ampliando o poder de compra da população, e remodelando os setores econômicos nacionais, permitiu que outros setores, como a agricultura, a indústria, o comércio, a saúde e a educação, também sofressem mudanças positivas, uma vez que, são ligados, ou até mesmo dependentes da esfera econômica.

Vale destacar que essa voz alheia pode ser vista como a voz da população brasileira, e também a voz do PSDB, já que neste contexto de análise entendemos que esse partido é o responsável pela criação do Plano Real.

Depois, a segunda parte do fragmento ocorre do ato (39) ao ato (41). Nesses atos, o pré-candidato, por meio de um **discurso produzido** mostra que todas as conquistas do povo brasileiro foram alcançadas nos últimos 25 anos, quando o Brasil retornou ao regime da democracia, e deixa claro que essas conquistas não são méritos de um só homem ou de um só governo, muito menos de um só partido, mas todas são resultado da luta e do trabalho coletivo, feito com o apoio e a participação de todos.

Esse discurso do pré-candidato serve para afastar de si próprio ou de seu partido a responsabilidade única nas mudanças do país e deixa sugerido, mais uma vez que o povo brasileiro é o agente responsável pela sua história e pelas suas próprias mudanças.

Por fim, a terceira e última parte conclui o fragmento e simboliza o momento em que José Serra faz uma alusão direta ao seu partido, pois ao dizer: “(42) E nós somos militantes dessa transformação, protagonistas mesmo, (43) contribuímos para essa história de progresso e de avanços do nosso país. (44) Nós podemos nos orgulhar disso”, o pré-candidato está literalmente se referindo ao PSDB e colocando o partido como o fundador do Plano Real e, conseqüentemente, protagonista da transformação econômica sofrida pelo país.

O que evidenciamos nesses atos é que o pré-candidato volta a usar a primeira pessoa do plural para trazer ao seu discurso uma voz coletiva que o ajude a sustentar seus argumentos.

Outro fragmento que propomos analisar é o seguinte:

VS’/VPB’ (45) Mas, se **avancamos**, (46) também **devemos** admitir que ainda falta muito por fazer. (47) E se **considerarmos** os avanços em outros países e o potencial do Brasil, (48) uma conclusão é inevitável: (49) o Brasil pode ser muito mais do que é hoje.

O excerto acima introduz um **discurso produzido** pelo próprio candidato, mas, ao mesmo tempo, introduz também um **discurso representado formulado direto e polifônico**, no qual é inserida na voz de José Serra outra voz, neste contexto, identificada como a voz da população brasileira.

Esses discursos, concomitantemente **autofônico**, por simbolizar a voz do pré-candidato e **polifônico**, por simbolizar a voz da população brasileira são sinalizados pelo emprego dos verbos **avancar** e **dever** na primeira pessoa do plural no presente do indicativo e do verbo **considerar** na primeira pessoa do plural.

Desse modo, acreditamos, que por meio desses discursos, tanto a voz de José Serra quanto a voz da população brasileira têm a função de confirmar os avanços, bem como as

conquistas obtidas ao longo da história do país e de atentar para o fato de que, o Brasil pode crescer e se desenvolver ainda mais, principalmente levando-se em consideração todo o potencial de que a nação dispõe.

A análise que podemos propor para esse fragmento do discurso de José Serra, tomando como base essas vozes é que, ao sugerir mais avanços e ao exprimir que ainda há muito por se fazer, o pré-candidato está, na verdade, sugerindo que ele pode fazer pelo país esse “muito” que ainda falta e continuar alavancando as mudanças, caso seja eleito como presidente.

Em seguida, queremos propor a análise do seguinte trecho:

VS' (50) Mas para isso, temos de enfrentar os problemas nacionais (51) e resolvê-los, (52) sem ceder à demagogia, às bravatas ou à politicagem. (53) E esse é um bom momento para reafirmarmos nossos valores. (54) começando pelo apreço à Democracia Representativa, (55) que foi fundamental (56) para chegarmos aonde chegamos. (57) Devemos respeitá-la, (58) defendê-la, (59) fortalecê-la. (60) Jamais afrontá-la.

No fragmento acima, do ato (50) até o ato (60), a voz de José Serra, por meio de um discurso **autofônico** deixa claro que para o país continuar avançando faz-se importante encarar os problemas nacionais, resolvê-los com base na democracia e sem colocar em pauta os interesses pessoais. Além disso, esse discurso **autofônico**, que traz à baila a voz do pré-candidato mostra que acima de tudo é preciso reiterar todos os valores que carregamos enquanto nação, sobretudo a democracia e que, conseqüentemente, colaboram para o crescimento da pátria.

Depois, concluindo as vozes que introduzem a campanha e os objetivos de José Serra, teremos o trecho que segue do ato (61) até o ato (72) e que já analisamos no capítulo três⁴², tendo em vista, a necessidade da construção da estrutura hierárquico-relacional que dizia respeito aos argumentos de José Serra.

O referido trecho introduz um **discurso produzido** e **autofônico**, no qual o pré-candidato fala que Democracia e o Estado de Direito são valores importantes para o enfretamento, a resolução e o crescimento do país, porém não são únicos e esclarece que existem outros valores também importantes como a honestidade, a verdade, o caráter, a honra, a coragem, a coerência, o brio profissional e a perseverança. Ainda, nesse trecho, José Serra expõe, de forma clara e objetiva, que julga esses valores essenciais para se exercer a política e o poder, que acredita, age e quer continuar agindo, de acordo com eles.

⁴² Conferir páginas 98, 99 e 100.

Neste sentido, entendemos que o objetivo dessa escolha por parte do candidato é reforçar seus próprios valores e explicitar que quer governar pautado nesses valores.

Por fim, José Serra declara que são os seus valores e as suas crenças que lhe permitem apostar no desenvolvimento da nação.

A partir dessa declaração, o pré-candidato dá continuidade ao seu discurso expondo como deve governar um político que age observando todos os valores abordados e, conseqüentemente qual é a sua forma de governar seguindo princípios básicos e essenciais que visem ao bem comum.

Dessa maneira, apresentamos, a seguir, a voz que povoa o discurso de José Serra e que o ajuda a mostrar ao público as propostas, as intenções e as ações de seu governo.

4.4 - A voz que anuncia as propostas, as metas e as ações de um bom governante:

O próximo seguimento do discurso de José Serra introduz um discurso **produzido e autofônico**, no qual a única voz é a do pré-candidato ilustrando mais uma vez todo o seu intento em convencer seus eleitores de que possui os requisitos necessários que o tornam um candidato ideal e digno para assumir a presidência.

Embora não traga à baila a questão da polifonia, consideramos essa voz importante, por retratar todo o poder argumentativo e persuasivo de José Serra num instante em que é apresentado ao público os planos, as metas e as ações que devem ser seguidos por um governante que deseja obter a confiabilidade da população e gerar desenvolvimento para o país.

Desse modo, para exercer todo o seu poder de argumentação e persuasão, assim como para influenciar o público/eleitor a escolhê-lo como presidente, José Serra coloca em cena seus pontos de vista e conceitos, procurando se apropriar o tempo todo tanto de suas crenças, valores e princípios pessoais, quanto de exemplos, ora absorvidos de sua carreira política, ora absorvidos de suas experiências particulares de vida e que se fazem essenciais à prática da legislação.

A parte na qual está localizada a voz que enuncia as propostas, as metas e as ações de um bom governante contém alguns trechos, inclusive atos específicos, que já foram analisados em outros momentos desta dissertação nos capítulos dois e três.

Assim, tentaremos fazer uma análise concisa e objetiva que tenha especialmente a pretensão de delimitar a voz de José Serra, salientando que ela tem a função de exprimir o seu

desejo de convencer os eleitores de que ele é o candidato que melhor corresponde aos anseios do povo, traçando para tal estratégia, um plano de governo ideal que seduza os ouvintes, desperte sua sensibilidade e o seu interesse pelo tema, que é o de promover a melhoria do Brasil. Ao mesmo tempo, queremos, sobretudo, dar ênfase aos trechos e atos que ainda não foram analisados.

Sendo assim, o seguimento que escolhemos para análise, inicia-se no ato (73), culmina no ato (222) e é constituído por três momentos. A partir de agora, passamos a verificar esse seguimento:

O primeiro momento do seguimento em análise ocupa o nível mais externo do quadro interacional sete, que representa o pronunciamento de José Serra em Brasília e segue do ato (73) ao ato (124). Nesse primeiro momento, por meio de um **discurso autofônico**, o pré-candidato procura elencar as qualidades e os passos para todo e qualquer político exercer um bom governo e, simultaneamente, procura deixar claro a sua forma de governar, as ações que o guiam e os valores que o inspiram.

Assim, destacamos o trecho que dá início a esse momento:

VS'[(73) Governos, como as pessoas têm que ter alma. (74) E a alma que inspira **nossas** ações é a vontade de melhorar a vida das pessoas que dependem do estudo e do trabalho da saúde e da segurança. (75) Amparar os que estão desamparados. (76) Sabem quantas pessoas com alguma deficiência física existem no Brasil? (77) mais de 20 milhões (78) - a esmagadora maioria sem o conforto da acessibilidade aos equipamentos públicos e a um tratamento de reabilitação. (79) Os governos, como as pessoas, têm que ser solidários com todos e principalmente com aqueles que são mais vulneráveis.]

Na análise do excerto acima, percebemos que, como estratégia para seduzir seus eleitores, ao citar o que deve ter um governante, José Serra busca evidenciar os propósitos que o orientam enquanto político. Vale ressaltar que, para construir seu poder de argumentação e aumentar sua persuasão, o pré-candidato baseia suas intenções em necessidades básicas da população como estudo, trabalho, saúde e segurança.

Desse modo, entendemos que o uso de tal estratégia reforça o desejo de José Serra de querer trabalhar em nome do bem comum, promovendo ações que continuem alavancando o progresso do Brasil, que tenham como finalidade melhorar a vida de todos, principalmente daqueles que são desamparados, mais vulneráveis e desfavorecidos economicamente e que sirvam a todos sem excluir ninguém.

Assim sendo, percebemos que o uso do pronome possessivo **nossa**, pluralizado, é uma forma de que se vale o locutor para se referir tanto as suas próprias intenções, como as intenções de seu partido.

Percebemos, ainda, que na voz de José Serra é inserida, mais uma vez, a voz da população brasileira, deixando a entender que os anseios do pré-candidato são também os anseios do povo e que, sendo assim, os objetivos, os anseios e as intenções de José Serra se fundem e se tornam os mesmos objetivos, anseios e intenções da nação.

A palavra do outro aparece, conforme já abordamos anteriormente, sob diferentes formas (direta, indireta, indireta livre) e algumas vezes, até mesmo de maneira implícita, com significações diversas ou confirmando o sentido apresentado no discurso do enunciador.

Por isso, nesse sentido, consideramos que a **autofonia** e a **polifonia** são processos indissociáveis, intrínsecos e de suma importância na análise e na interpretação do proferimento do discurso de José Serra, pois é a junção da voz do pré-candidato (autofonia) com as outras vozes que ecoam em seu discurso (polifonia) que legitima, dá sustentabilidade e credibilidade aos seus argumentos.

Sendo assim, no discurso, objeto de análise, um processo não é mais ou menos importante que o outro, mas ambos são analisados juntos e tem a mesma relevância quando procuramos nesse discurso investigar e compreender a origem e o funcionamento discursivo/enunciativo das vozes que nele se fazem ouvir.

Desse modo, compreendemos que a **autofonia**, ou seja, a própria voz de José Serra confere autoridade ao discurso do pré-candidato porque José Serra já é um político conhecido e conceituado no cenário político brasileiro, tendo exercido outros cargos públicos. O que enfatizamos é que o pré-candidato pode não ter a simpatia e ganhar a adesão da maioria dos eleitores, porém esse fato não tira a sua popularidade.

Do mesmo modo, compreendemos que a **polifonia** também confere autoridade ao proferimento de José Serra porque as vozes que ele traz ao seu discurso, como por exemplo, a voz da população brasileira, ou as vozes que retomam o núcleo familiar, estudantil, político, etc, são vozes rememorativas, que confirmam os argumentos levantados por ele e autenticam o poder de seu pronunciamento.

O intuito do pré-candidato em apontar as ações de um bom governante e a estratégia de mostrar que suas intenções são pautadas em necessidades básicas da população e visam o bem de todos segue do ato (80) ao ato (124).

Cumprir dizer que, por ocasião da elaboração das estruturas hierárquicas, a sequência de atos que segue do ato (80) ao ato (91), já foi analisada no capítulo três⁴³. No entanto, gostaríamos de retomá-la do ponto de vista das formas de organização enunciativa e polifônica para dizer que nessa sequência, encontramos um **discurso produzido e autofônico** na voz de José Serra.

Nesse sentido, segue o trecho citado:

VS'[(80) Quem governa deve acreditar no planejamento de suas ações. (81) Cultivar a austeridade fiscal, (82) que significa fazer melhor e mais com os mesmos recursos. (83) Fazer mais do que repetir promessas. (84) O governo deve ouvir a voz dos trabalhadores e dos desamparados, das mulheres e das famílias, dos servidores públicos e dos profissionais de todas as áreas, dos jovens e dos idosos, dos pequenos e dos grandes empresários, do mercado financeiro, (85) mas também do mercado dos que produzem alimentos, matérias-primas, produtos industriais e serviços essenciais, (86) que são o fundamento do nosso desenvolvimento, a máquina de gerar empregos, consumo e riqueza. (87) o governo deve servir ao povo, (88) não a partidos e a corporações que não representam o interesse público. (89) Um governo deve sempre procurar unir a nação. **VSP'** (90) De mim, ninguém deve esperar que estimule disputas de pobres contra ricos, ou de ricos contra pobres. (91) Eu quero todos, lado a lado, na solidariedade necessária à construção de um país que seja realmente de todos.].

Vale ressaltar que nesse trecho, José Serra traça um plano de governo para todo aquele que quer governar visando o bem comum e promovendo a união entre todos os povos. Além disso, o pré-candidato procura deixar claro que a sua forma de governar é pautada no vínculo recíproco de todas as gentes do país, a fim de que se conceba uma nação em que todos sejam iguais.

A próxima sequência de atos que ilustra o objetivo de José Serra em pontuar as qualidades de um bom governante e ao mesmo tempo enaltecer suas próprias características vai do ato (92) ao ato (118).

Assim, segue a sequência acima mencionada:

VSP'[(92) Ninguém deve esperar que **joguemos** estados do Norte contra estados do Sul, cidades grandes contra cidades pequenas, o urbano contra o rural, a indústria contra os serviços, o comércio contra a agricultura, azuis contra vermelhos, amarelos contra verdes. (93) Pode ser engraçado no futebol. (94) Mas não é quando se fala de um país (95) E é deplorável (96) que haja gente que, em nome da política, tente dividir o nosso Brasil. (97) Não aceito o raciocínio do nós contra eles. (98) Não cabe na vida de uma Nação. (99) **Somos** todos irmãos na pátria. (100) **Lutamos** pela união dos brasileiros (101) e não pela sua divisão. (102) pode haver uma desavença aqui outra acolá, como em qualquer família. (103) Mas **vamos** trabalhar somando, (104) agregando.

⁴³ Conferir página 97.

(105) Nunca dividindo. (106) Nunca excluindo. (107) O Brasil tem grandes carências. (108) Não pode perder energia com disputas entre brasileiros. (109) Nunca será um país desenvolvido (110) se não promover um equilíbrio maior entre suas regiões. (111) Entre a nossa Amazônica, o Centro Oeste e o Sudeste. (112) Entre o Sul e o Nordeste. (113) Por isso, **conclamo**: (114) Vamos juntos. (115) O Brasil pode mais. (116) O desenvolvimento é uma escolha. (117) E **faremos** essa escolha (118) **Estamos** preparados para isso.]

O referido trecho tem início com um discurso que é **representado formulado direto e polifônico**, pois nele se faz ouvir, por meio, da primeira pessoa do plural empregada nos verbos **jogar, ser, lutar e ir**, outra voz, que neste contexto, pode ser identificada tanto como sendo a voz da população brasileira, quanto como sendo a voz do partido de José Serra.

Consideramos que o excerto proposto acima é irônico, pois nele José Serra faz uma crítica direta ao governo petista, sugerindo que esse estimulava a disputa de pobres contra ricos e dividia o país em nome da política.

Nesse sentido, por meio de um discurso que favorece essa união com o povo, o pré-candidato deseja mostrar que a sua forma de administrar não admite a exclusão de ninguém e que ele trabalha sempre somando e agregando, apesar das desavenças.

Em seguida, José Serra, por meio de um **discurso produzido autofônico**, usa o verbo **conclamar** na primeira pessoa do singular no intuito de convidar a nação brasileira a se unir a ele em favor do desenvolvimento que o país precisa.

Depois, o pré-candidato emprega o verbo **fazer**, na primeira pessoa do plural, no futuro do indicativo e o verbo **estar** na primeira pessoa do plural, no presente do indicativo, para inserir em seu discurso uma voz coletiva, voz essa que tem a função de reforçar que a mudança e a escolha que o país precisa não são feitas somente por uma pessoa, mas por toda gente e por todos aqueles que acreditam em um país democrático.

Acreditamos que, ao dizer que **faremos** a escolha pelo desenvolvimento porque **estamos** preparados para essa escolha, o pré-candidato está, na verdade, insinuando que ele é a melhor escolha e que está preparado para assumir a presidência do país. Assim, a voz da população brasileira é, concomitantemente, a voz de José Serra.

É importante ressaltar que José Serra usa os discursos presentes no trecho constituído pelos atos (92) a (118), não só para revelar seus objetivos, anteriormente citados, mas também para enfatizar o tema da união, destacando que essa é um fator primordial para a construção do país.

Em seguida, José Serra diz que não é sua proposta de governo dividir o país em esferas políticas ou considerar os adversários como inimigos e, para dar sustentação à sua hipótese, cita sua prática de governo e afirma que, durante toda sua militância política, nunca provocou divisões.

Assim, queremos comprovar nossa afirmação apresentando o conjunto de atos que revela esse intuito de José Serra:

VSP' (119) Ninguém deve esperar que **jogemos** o governo contra a oposição, (120) porque não o **faremos**. (121) jamais **rotularemos** os adversários como inimigos da pátria ou do povo. (122) Em meio século de militância política nunca fiz isso. (123) E não vou fazer. (124) Eu quero todos juntos, cada um com sua identidade, em nome do bem comum. (125) Na Constituinte fiz a emenda que permitiu criar o FAT, (126) financiar (127) e fortalecer o BNDES (128) e tirar do papel o seguro-desemprego – (129) que hoje beneficia 10 milhões de trabalhadores. (130) Todos os partidos e blocos a apoiaram. (131) No ministério da saúde do governo Fernando Henrique tomou a iniciativa de enviar ou refazer (132) e impulsionar seis projetos de lei e uma emenda constitucional – (133) a criação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária e da Agência Nacional de Saúde, a implantação dos genéricos, a proibição do fumo nos aviões e da propaganda de cigarros, a regulamentação dos planos de saúde, o combate à falsificação de remédios e a PEC 29, (134) que vinculou recursos à Saúde nas três esferas da federação – (135) todos, sem exceção, aprovados pelos parlamentares do governo e da oposição. (136) É assim (137) que eu trabalho: (138) somando (139) e unindo, (140) visando ao bem comum. (141) Os membros do Congresso, (142) que estão me ouvindo, (143) podem testemunhar: (144) suas emendas ao orçamento da Saúde eram acolhidas pela qualidade, (145) nunca devido à sua filiação partidária. (146) Se o povo assim decidir, (147) **vamos** governar com todas e com todos, sem discriminar ninguém. (148) Juntar pessoas em vez de separá-las; (149) convidá-las ao diálogo, em vez de segregá-las; (150) explicar os nossos propósitos, em vez de hostilizá-las. (151) **Vamos** valorizar o talento, a honestidade e o patriotismo em vez de indagar a filiação partidária.].

Desse modo, José Serra usa os verbos **jogar**, **fazer** e **rotular** na primeira pessoa do plural no futuro do indicativo e o verbo **ir** na primeira pessoa do plural no presente do indicativo para introduzir uma voz alheia, indicando, na verdade, a voz do próprio José Serra porque ele é quem fará todas as ações sugeridas.

Assim, a escolha do tempo e do modo verbal nos referidos verbos é uma técnica usada pelo pré-candidato, no intuito de dizer que ele não trabalhará sozinho em seu governo, fazendo pressupor que essa voz alheia sugerida nos verbos acima, além de fazer menção aos seus companheiros de partido, também faz menção a todos os brasileiros com os quais José Serra quer se unir nessa caminhada.

O que vemos evidenciado mais uma vez no discurso do pré-candidato é o uso da primeira pessoa do plural, que parece ser, uma estratégia utilizada por José Serra, ora para afastar de si uma responsabilidade única, ora para introduzir a voz de outro. A presença da primeira pessoa do plural, também introduz sempre um discurso **representado formulado direto e polifônico**, por abarcar na voz do pré-candidato a voz alheia.

Depois, o segundo momento dessa parte que tomamos para analisar é constituído pelo trecho que engloba o conjunto de atos que tem início no ato (125) e termina com o ato (151), conforme vimos acima.

Esse trecho retrata o instante em que José Serra elenca todas as obras que realizou em governos passados para validar sua competência e confirmar sua forma de trabalhar com responsabilidade e honestidade, sempre somando e unindo.

O que vemos no discurso contido nesse trecho é a voz do locutor mobilizando seu público e fazendo a ele um convite a elegê-lo, uma vez que seu governo dá voz a todos e em especial àqueles que são marginalizados e excluídos. Assim, retomemos alguns desses atos para certificar nossa asseveração:

VS'[(146) Se o povo assim decidir, (147) vamos governar com todas e com todos, sem discriminar ninguém.].

O conjunto de atos que vai do ato (125) ao ato (151) já foi analisado no capítulo dois⁴⁴, por ocasião da análise da construção da identidade de José Serra no discurso. No entanto, optamos em recuperá-lo do ponto de vista da forma de organização enunciativa e da forma de organização polifôncia, pois consideramos que esses atos são relevantes em nossa análise porque eles colocam mais uma vez em evidência a intenção argumentativa e persuasiva do pré-candidato em delegar ao povo brasileiro a responsabilidade das escolhas.

Por fim, no terceiro e último momento desse seguimento que estamos analisando, que vai do ato (152) ao ato (222), José Serra cita exemplos e experiências de sua vida pessoal, acrescidos de sua trajetória política para se fazer um candidato crível, confiável e digno de governar o país.

No trecho que se inicia no ato (152) e finaliza no ato (163), José Serra fala que sua história de vida e de suas convicções pessoais sempre estiveram ligadas a unidade do país e

⁴⁴ Conferir páginas 52 e 53.

do povo, deixando subtendido que a sua origem, os motivos e as experiências que o levaram a entrar na política corroboram para tal fato.

Depois, no trecho que segue do ato (165) ao ato (177), o pré-candidato diz que sua história pessoal está diretamente vinculada à valorização do trabalho, do esforço e da dedicação, evidenciado que esse valor ele aprendeu com seu pai, que se esmerava muito na profissão para garantir o sustento da família.

Nesse sentido, do ato (178) ao ato (183), José Serra reforça a ideia de que a imagem de seu pai lembra a figura do trabalhador e ressalta a homenagem que prestou aos trabalhadores colocando o nome deles no mural da construção de um Rodoanel que eles fizeram.

Por fim, no trecho que segue do ato (184) ao ato (194), o pré-candidato põe em pauta a questão da educação, lembrando sua infância estudantil e ressalta a importância da educação que recebeu tanto na escola pública quanto na escola da vida pública.

Segue a intervenção que ilustra nossa afirmação:

VS'[(152) minha história de vida e minhas convicções pessoais sempre estiveram comprometidas com a unidade do país e com a unidade do seu povo. (153) Sou filho de imigrantes, (154) morei (155) e cresci (156) num bairro de trabalhadores que vinham de todas as partes, da Europa, do Nordeste, do Sul. (157) Todos em busca de oportunidade e de esperança. (158) A liderança no movimento estudantil me fez conhecer (159) e conviver (160) com todo Brasil logo ao final da minha adolescência. (161) Aliás, na época, (162) aprendi mesmo a fazer política no Rio, em Minas, na Bahia e em Pernambuco, aos 21 anos de idade. (163) O longo exílio me levou sempre a enxergar (164) e refletir sobre o nosso país como um todo. (165) Minha história pessoal está diretamente vinculada à valorização do trabalho, à valorização do esforço, à valorização da dedicação. (166) Lembro-me do meu pai, um modesto comerciante de frutas no mercado municipal: (167) doze horas de jornada de trabalho nos dias úteis, dez horas no sábado, cinco horas aos domingos. (168) Só não trabalhava no dia 1 de Janeiro. (169) Férias? (170) Um luxo, (171) pois deixava de ganhar o dinheiro da nossa subsistência. (172) Um homem austero, severo, digno. (173) Seu exemplo me marcou na vida e na compreensão do que significa o amor familiar de um trabalhador: (174) ele carregava caixas de frutas (175) para que um dia eu pudesse carregar caixas de livros. (176) E eu me esforço para tornar digno o trabalho de todo homem e mulher, do ser humano como ele foi. (177) Porque vejo a imagem de meu pai em cada trabalhador. (178) Eu a vi outro dia, na inauguração do Rodoanel, (179) quando um dos operários fez questão de me mostrar com orgulho seu nome no mural que eu mandei fazer para exibir a identidade de todos os trabalhadores que fizeram aquela obra espetacular. (180) Por que o mural? (181) Por justo reconhecimento (182) e porque eu sabia que despertaria neles o orgulho de quem sabe exercer a profissão. (183) Um momento de revelação a si mesmo de que eles são os verdadeiros construtores nesta nação.(184) Eu vejo uma criança na escola o menino que eu fui, cheio de esperanças, com o peito cheio de crença no futuro. (185) Quando prefeito (186) e quando governador, (187) passei anos indo às escolas (188) para dar aula (de verdade) à criançada da quarta série. (189) Ia reencontrar-me comigo mesmo. (190) Porque tudo o que eu sou aprendi em duas escolas: a escola pública e a escola da vida

pública. (191) Aliás, e isto é um perigo dizer, (192) com frequência uso senhas de computadores baseadas no nome de minhas professoras no curso primário. (193) E toda vez que escrevo lembro da sua fisionomia, da sua voz, do seu esforço, e até das broncas, de um puxão de orelhas, (194) quando eu fazia alguma bagunça.].

O fragmento acima, que introduz um **discurso produzido e autofônico**, revela a intenção persuasiva do pré-candidato de colocar em pauta o valor familiar na vida de um cidadão, reiterando todo o discurso de José Serra em valorizar a todos e considerá-los como responsáveis pela construção da nação, assim como, nos permite entender, que a sua educação escolar foi complementada pela prática de vida e que ambas ajudaram a construir sua personalidade e seu jeito de ser.

Na sequência, do ato (195) ao ato (222), teremos um discurso de José Serra totalmente voltado para o reconhecimento e a valorização da educação. Esse fragmento pode ser dividido em duas partes:

A primeira parte está localizada desde o ato (195) até o ato (208)⁴⁵. Nessa parte, José Serra fala de sua preocupação e de sua luta pela educação. Para ele, a educação é o melhor caminho para o sucesso e para a prosperidade de qualquer cidadão e considera que o aprendizado na sala de aula é a condição fundamental para o crescimento humano.

Na segunda e última parte, que pode ser encontrada do ato (209) ao (222), o pré-candidato chama a atenção para o retrocesso sofrido pela educação nos últimos anos e compromete-se a turbinar o ensino técnico e profissional, gerando emprego para a juventude.

Analisemos esse fragmento, que evidencia um **discurso produzido e autofônico**:

VS'[(209) É preciso prestar atenção num retrocesso grave dos últimos anos: a estagnação da escolaridade entre os adolescentes. (210) Para essa faixa de idade, (211) embora não exclusivamente para ela, (212) vamos turbinar o ensino técnico e profissional, (213) aquele que vira emprego. (214) Emprego para a juventude, (215) que é castigada pela falta de oportunidades de subir na vida. (216) E vamos fazer de forma descentralizada, em parcerias com estados e municípios, (217) o que garante uma vinculação entre as escolas técnicas e os mercados locais, (218) onde os empregos são gerados. (219) Ensino de qualidade e custos moderados, (220) que nos permitirá multiplicar por dois ou três o número de alunos no país inteiro, num período de governo. (221) Sim, meus amigos e amigas, (222) o Brasil pode mais.].

O que vemos evidenciado nesse trecho é que a temática da educação abordada por José Serra apresenta-se também como uma estratégia de persuasão por parte do candidato,

⁴⁵ Conferir capítulo três, página 102 e 103.

pois, ligada a essa temática está também a do emprego que representa, em primeiro lugar, a dignidade do ser humano e, em segundo, o lugar de desenvolvimento do país.

Essa estratégia por parte de José Serra, em se colocar como agente propulsor da máquina de gerar empregos, revela sua intenção de sensibilizar, comover e convencer o público, tendo em vista, que o desemprego afeta uma grande parte da população e, conseqüentemente, exclui e deixa os cidadãos à margem da sociedade.

O que observamos com as análises das **formas de organização enunciativa e polifônica** no discurso de José Serra é que a presença das vozes inseridas no proferimento do pré-candidato, por meio de tomadas de vozes **polifônicas** e **autofônicas**, representam o seu olhar sobre a nação e mostram as expectativas e anseios dele em relação ao Brasil.

As análises nos confirmam que as vozes presentes nos discursos, tanto naqueles produzidos pelo pré-candidato, quanto naqueles representados, simbolizam o eco de outras vozes e são uma conclamação da brasilidade, por valorizarem e enaltecerem as características de formação da cultura do país e descreverem com precisão o momento histórico-político vivenciado pela nação nas campanhas eleitorais de 2010.

Podemos, então, dizer que as estratégias que evidenciam as vozes **polifônicas** e **autofônicas** de José Serra deram a ele uma sustentação política que o ajudaram tanto em sua necessidade de convencer seus eleitores, como na construção de um sujeito que tenta ser o presidente da nação, além de conferir-lhe poder e torná-lo mais crível, uma vez que o pré-candidato se apropria em seu discurso de fatos e experiências vividos em mandatos anteriores.

Assim sendo, depois das conclusões concernentes à abordagem das formas de organização enunciativas e polifônicas, apresentaremos as considerações finais, por se tratarem de conclusões que englobam informações de todas as análises apreendidas no contexto geral de nosso trabalho.

CONCLUSÕES

O principal objetivo desta dissertação foi identificar marcas discursivas utilizadas no pronunciamento de José Serra que nos pudessem elucidar como e por que as vozes que ele trouxe em seu discurso ecoaram de forma a legitimar sua candidatura.

Tendo em vista a complexidade desse pronunciamento, para a realização deste trabalho, buscamos respaldo nas orientações teórico-metodológicas defendidas pelo Modelo de Análise Modular, por compreendermos que o MAM se apresenta como um instrumental eficaz que nos permite um olhar também complexo sobre o discurso que escolhemos para análise.

Assim sendo, entendemos que o MAM, por ser esse instrumental teórico-metodológico ajudou-nos a identificar a autofonia e a polifonia como estratégias de marca da subjetividade na construção do discurso em estudo e nos permitiu entender a multiplicidade das atividades discursivas abrangidas no pronunciamento do pré-candidato, José Serra, bem como nos fez propor uma interpretação para o funcionamento de tais atividades que conferem ao referido discurso um caráter de documento histórico, uma vez que simbolizam toda a trajetória política vivenciada pelo país.

Desse modo, na tentativa de apurar a complexidade discursiva do pronunciamento de José Serra, a fim de comprovar nossa hipótese inicial de que as vozes veiculadas nesse pronunciamento são estratégias usadas pelo pré-candidato para convencer os eleitores a nomeá-lo como presidente do Brasil, assim como para construir a identidade de um político crível, íntegro e experiente, estruturamos nossas análises, a partir das informações das dimensões referencial, interacional e hierárquica e das formas de organização relacional, enunciativa e polifônica.

Nesse sentido, na intenção de apresentar as conclusões de nossa pesquisa, começamos pelo primeiro capítulo, no qual pudemos perceber que a polifonia estudada por vários pontos de vista propõe uma nova interpretação para os diversos discursos presentes na sociedade e que a partir dela é possível considerar uma pluralidade de leituras, ou seja, a interpretação de um discurso polifônico não pode e nem pretende ser única.

A polifonia presente no discurso, objeto de nossa análise, revelou a presença do outro para quem José Serra elaborou o seu proferimento. Trata-se de uma polifonia que aconteceu no nível da interação entre o pré-candidato e seus interlocutores, sejam eles eleitores/ouvintes, população brasileira, filiados do partido, público, mídia, entre outros, como pudemos perceber no capítulo três, na análise do quadro oito, que representa o enquadre interacional do discurso

de José Serra na internet. O que importa é que, nesse sentido, José Serra não representou a voz de seus interlocutores, mas deixou perceber que eles falaram em seu discurso, por meio de marcas discursivas, que sinalizaram sua presença.

Dessa maneira, descobrimos, por meio da veiculação de um discurso polifônico, no proferimento de José Serra que a presença do outro simbolizou uma voz alheia que ajudou na constituição do discurso do pré-candidato, conferindo a ele autoridade e confiabilidade. Assim também, sua própria voz no passado ou no futuro foi um recurso utilizado por ele para dar ao seu discurso o efeito de verdade.

Em seguida, no segundo capítulo, apresentamos o Modelo de Análise Modular, evidenciando sua origem, seus conceitos e sua organização, bem como traçamos um percurso de análise para o discurso de José Serra, levando em consideração a teoria e a metodologia de análise do modelo. Além disso, fizemos um passeio pelo discurso político, colocando em pauta seus fundamentos, mostramos a caracterização e os aspectos determinantes do discurso político-eleitoral, identificamos os argumentos utilizados por José Serra em seu proferimento e apuramos a construção de uma identidade tanto social, quanto de uma identidade discursiva no pronunciamento do pré-candidato.

Assim, descobrimos com o estudo desse capítulo, que desde a antiguidade o discurso político, sobretudo o eleitoral envolve conceitos, ações e práticas que determinam o comportamento de um candidato, influenciam a escolha dos eleitores, promovem a interação entre os participantes de uma dada situação comunicativa e são produzidos coletivamente.

Descobrimos, ainda, com esse capítulo, que os argumentos utilizados por José Serra, marcados por conectores que nos permitiram ver a relação existente entre esses argumentos, assim como a construção da identidade social e da identidade discursiva em seu pronunciamento, foram essenciais para que ele obtivesse um bom nível de aceitação por parte do público.

Depois, no terceiro capítulo, as informações dos módulos referencial, interacional e hierárquico e da forma de organização relacional foram muito importantes na elaboração de nossa pesquisa porque evidenciaram um momento político vivido pela nação e mostraram o discurso de José Serra como um documento elaborado, a partir de sua memória histórica, cultural e social, refletindo efeitos na (re)construção da identidade brasileira.

As informações apreendidas pela análise da dimensão referencial nos revelaram que na representação conceitual foram incorporados ao conceito discurso político de José Serra, outros conceitos, como os de produtor/locutor, expressividade/proferimento,

ouvinte/público/interlocutor e aceitação/não aceitação/eleição, que estão ligados, não a momentos históricos, mas especialmente a um momento histórico particular de formação da subjetividade brasileira e do processo eleitoral para presidente e corroboraram com a intenção do pré-candidato de convencer o seu público de que ele era o candidato ideal.

Essas informações nos revelaram, ainda, que a representação praxeológica do discurso político de José Serra possui dois grupos acionais: um diz respeito às ações praticadas no momento de proferimento do discurso e outro está relacionado ao jogo de adesão por parte do público. Enquanto o primeiro verifica a intenção do candidato em seduzir e convencer o seu público, o segundo mostra o reconhecimento do público ou a rejeição do discurso proferido.

Na análise referencial também é possível detectar o estabelecimento de atividades discursivas, tais como: aproximação pessoal, formulação de um diagnóstico, explicitação de argumentos, entre outras que são responsáveis pela construção da autoridade do pré-candidato.

Dessa forma, o pré-candidato estabelece um acordo de responsabilidade social entre ele e o público em geral e profere um discurso político que reflete uma situação social e política particular. Os discursos políticos geralmente retomam discursos que envolvem ou envolveram a organização da cultura nacional e instalam as condições de formação de outros discursos, instituindo sentidos que configuram um processo de identificação com a subjetividade nacional brasileira.

Ainda, no âmbito da análise referencial, verificamos que as estruturas praxeológicas no discurso analisado mostraram semelhança com a estrutura praxeológica de uma história expositivo-narrativa e foram responsáveis por nos mostrar que nas partes narrativas do discurso de José Serra existe um percurso acional típico efetuado pelo pré-candidato na busca de se tornar presidente do Brasil, propondo, para alcançar tal objetivo, uma temática que trata da exposição da vida particular, da valorização de características pessoais e do poder inerentes à formação da identidade brasileira. Em nosso ponto de vista essa estrutura refletiu a tentativa de chegar ao poder por meio da manipulação do povo.

A identificação dos processos praxeológicos possibilitou a constituição de dois quadros acionais, construídos com base em cinco parâmetros (modos de ação, finalidade, papéis praxeológicos, direção e o grau de engajamento e complexo motivacional) e que foram responsáveis em nos descrever com precisão elementos particularmente importantes nas relações discursivas interativas.

O primeiro quadro acional, cujos papéis são autor/José Serra e o público/eleitor, apresentou um complexo motivacional que comprova, por um lado a intenção do pré-candidato de legitimação do pacto de refazer uma história propondo diferentes e sedutores objetivos, assim como agradar e convencer e, por outro lado, sugere as possíveis reações do público, como as de selecionar, julgar ou contestar o discurso a ser proferido.

O segundo quadro acional, cujos papéis são autor/José Serra e o público/eleitor, mostra que o complexo motivacional do pré-candidato é o compromisso de expor características próprias e pessoais no momento de proferir o discurso, a fim de que nessas características se reconheça a formação da identidade nacional, na qual o próprio brasileiro se veja como parte de uma multiculturalidade, assim, o complexo motivacional por parte do público será o de ao ouvir o discurso aderir ou não a ele .

A proposição dos dois quadros acionais mostrou que há uma finalidade que terminará na refutação ou na legitimação do discurso proferido, quando o autor utiliza-se de estratégias e propõe caminhar junto com seus eleitores, ou quando os eleitores/ouvintes do discurso percebem que o pré-candidato não está falando a verdade, podendo, assim, fugir ao cumprimento das regras e invalidar o discurso.

A análise do módulo interacional explicitou a complexidade da interação estabelecida entre os participantes da situação comunicativa. Em nosso entendimento a construção dos enquadres interacionais, promovendo no mínimo dois níveis interacionais, demonstra a tentativa dos interactantes de perfazer o movimento do deslocamento na filiação da memória, instaurando outros discursos na organização interativa. Outra informação considerada importante em relação a este módulo é o fato de que no nível mais externo das interações temos a relação entre José Serra e seus interlocutores que, na prática, se subdivide em papéis com objetivos e atividades acionais distintos.

Ao criar ligações entre as informações do módulo referencial e as informações do módulo interacional, observarmos que os quadros representativos da interação do discurso político de José Serra apresentaram particularidades quanto à posição do locutor e a relação que é estabelecida com os seus interlocutores.

No primeiro quadro interacional, percebemos que existem dois níveis de interação e tanto o nível externo quanto o nível interno é marcado por duas posições que são ocupadas pelos interactantes. Esse fato revela a presença de um locutor em primeira pessoa nos dois níveis interacionais. No segundo quadro interacional, temos também dois níveis interacionais, sendo cada um deles marcado por duas posições, que dizem respeito ao lugar dos

participantes no momento do proferimento do discurso. Nos dois níveis, encontramos um locutor em primeira pessoa e só haverá reciprocidade por parte do público se considerarmos as mínimas manifestações como aplausos e vaias. O terceiro e último quadro interacional nos aponta seis níveis de interação e podemos afirmar que em cada nível José Serra e seus interlocutores ocupam apenas uma posição interativa.

O que destacamos nesse terceiro e último quadro interacional são as posições do organizador da página e do escritor responsável pela transcrição, porque essas posições nos revelam uma presença diferente da presença do locutor do discurso, que se preocupa em sustentar e firmar um diálogo com os interactantes, e uma presença diferente dos interlocutores que tem o compromisso de analisar o discurso de José Serra para aceitá-lo ou refutá-lo.

Assim, a posição do organizador da página e do escritor responsável pela transcrição do discurso do pré-candidato nos pareceu revelar a presença de pessoas que têm somente a responsabilidade de divulgar o discurso fundador, não tendo, portanto o compromisso de defendê-lo ou torná-lo crível/aceitável para alguém.

Podemos, enfim, dizer que a leitura da dimensão referencial possibilitou todas as leituras subsequentes.

O módulo hierárquico evidenciou-nos a organização do discurso de José Serra, por meio da segmentação dos atos e da identificação das intervenções, bem como a forma dessas partes se relacionarem. Observamos que as estruturas hierárquicas construídas, a partir de nossas leituras, mostraram que o discurso do pré-candidato se organiza como texto que possui uma estrutura expositivo-narrativa, formada por constituintes principais que se subordinam aos constituintes subsequentes. Essa leitura é feita de acordo com a própria estrutura expositivo-narrativa e a temática do discurso, revelando sua relação com o momento histórico de escolha do candidato ideal para presidir a nação.

Para um melhor estudo e entendimento do discurso de José Serra, acoplamos as informações do módulo hierárquico a forma de organização relacional, que é responsável por nos mostrar as relações existentes entre os constituintes de um texto.

Assim, as informações relativas ao referido módulo e a citada forma de organização nos permitiram construir as estruturas hierárquico-relacionais que nos ajudaram a dar sentido ao discurso de José Serra, assim como extrair diversas leituras para o mesmo.

Por fim, no quarto capítulo, as informações obtidas com a análise da forma de organização enunciativa e da forma de organização polifônica revelaram que o discurso

produzido, apresentado no nível mais externo dos enquadres interacionais, e o discurso representado, localizado no nível mais interno dos enquadres interacionais, são a ligação do discurso do pré-candidato com o mundo em que se encontra inserido.

No que se refere às tomadas polifônicas observadas no discurso de José Serra, podemos concluir que a voz de outros foi usada com a finalidade de tentar convencer o público a conhecer sua origem, sua cultura e sua história, o que lhe servia também como argumento para ganhar as eleições. Pudemos concluir, também que as vozes alheias simbolizaram o afastamento da voz do autor que muitas vezes se diluiu com a voz popular, gerando uma voz única que falou em nome de todos.

Essas informações evidenciaram que as tomadas autofônicas e polifônicas nos permitiram identificar e interpretar as vozes inseridas no discurso analisado e que contribuíram para o objetivo de José Serra de expor argumentos que convencessem o público a elegê-lo.

Desse modo, entendemos que todas as vozes trazidas por José Serra em seu discurso, inclusive sua própria voz, são vozes rememorativas, acionadas em seu proferimento para fazer valer seus argumentos e sua credibilidade.

O que concluímos com nossas análises é que o efeito argumentativo e persuasivo do pronunciamento de José Serra em Brasília gerou aceitação em uma parte de seu público, porém não foi suficiente para que ele ganhasse a campanha presidencial.

Destacamos que as informações que encontramos com nossas análises foram fruto da combinação dos módulos e das formas de organização que julgamos importantes e necessárias para atender especificamente nosso objetivo de pesquisa. No entanto, todos os módulos e todas as formas de organização, inclusive os que não foram abarcados em nossa dissertação, podem ser combinados sem nenhuma restrição, de acordo com o objetivo de análise do pesquisador.

Os resultados alcançados com a elaboração de nosso trabalho não esgotam o teor de todo o conteúdo relacionado ao MAM. Por isso, esperamos que esses resultados, assim como os resultados de todos os trabalhos desenvolvidos sobre o modelo possam constituir o ponto de partida para pesquisas futuras que tenham como objetivo analisar qualquer discurso sobre o ponto de vista do Modelo de Análise Modular.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BELFORD, Eliaine de Moraes. **Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolinguístico**. 2006. 91 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
- BERRENDONNER, Alain. “Connecteurs pragmatiques et anaphore”. **Cahiers de linguistique française** 5, 1983, p. 215-246.
- BERRENDONNER, Alain. Pour une macro-syntaxe. **Travaux de linguistique** 21, 1990. p. 25-36.
- BRUNETTI, Regina Célia Vago. **As estratégias discursivas do presidente Lula numa abordagem modular: histórias contadas a caminho da cova dos leões**. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Langage et discours: éléments de sémiolinguistique**. Paris: Hachette, 1983.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. et.al (Org.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso- FALE/UFMG, 2001. p. 23-37.
- CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**; coordenação da tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.). **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 309-326.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metaformoses do Discurso político**: derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006.

CUNHA, Gustavo Ximenes. **O sequenciamento de textos como estratégia discursiva**: uma abordagem modular. 2008. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, Belo Horizonte, 2008.

DUCROT, Oswald. et.al. **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.

DUCROT, Oswald. Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation. In: **Le dire et le dite**. Paris: Minuit, 1984. p.171-233.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. São Paulo: Pontes, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 5. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FILLIETTAZ, Laurent. **Actions, activités et discours**. 2000. Thèse (Doctorat ès linguistique) - Université de Genève, 2000.

GROBET, Anne. **L'identification des topiques dans les dialogues**. 2002. Thèse (Doctorat ès linguistique). Université de Genève, 2000.

GOFFMAN, Erving. **La mise en scène de la vie quotidienne**. Paris: Minuit, 1973.

_____. **Les rites d'interaction**. Paris: Minuit, 1974.

JOSÉ SERRA. Disponível em: <<http://www.joseserra.com.br>>. Acesso em: 18 de abril de 2011.

LANNA, Maria dos Anjos Lara e. **Ação, Experiência e Discurso**: a gestão da mudança na hipnoterapia. 2005. 378 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, Belo Horizonte, 2005.

_____. A dimensão configuracional do discurso: enquadres situacionais de um diálogo hipnoterápico. In: MARINHO, Janice Helena Chaves.; PIRES, Maria Sueli de Oliveira.; VILLELA, Ana Maria Nápoles. (Org.). **Análise do discurso**: ensaios sobre a complexidade discursiva. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas, São Paulo: Pontes/ Ed. da UNICAMP, 1997.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

_____. **Cenas da enunciação**. Coord. da trad.: Sírio Possenti e Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MARINHO, Janice Helena Chaves. **O funcionamento Discursivo do item onde:** uma abordagem modular. 2002. 305 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, Belo Horizonte, 2002.

_____. A determinação da unidade textual mínima. In: MARINHO, Janice Helena Chaves.; PIRES, Maria Sueli de Oliveira.; VILLELA, Ana Maria Nápoles. (Org.). **Análise do discurso:** ensaios sobre a complexidade discursiva. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007.

MENEZES, William Augusto. **Argumentação e discurso político eleitoral no Brasil:** mudança, conservação, tradição e utopia. (1994-1998). 185 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, Belo Horizonte, 2000.

OLIVEIRA, Maria Angélica. **Serra dispara contra governo em convenção que o oficializou candidato.** Disponível em: < > Acesso em: 18 de abril de 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. São Paulo: Editora da Unicamp, 1995.

PIKE, Kenneth Lee. **Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior.** La Haye: Mouton, 1967.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão:** Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 334.

ROULET, Eddy. Um modelo e um instrumento de análise sobre a organização do discurso. In: MARI, Hugo. et al. (Org.) **Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso.** Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso- FALE/UFMG, 1999. p. 139-166.

ROULET, Eddy.; FILLIETTAZ, Laurent.; GROBET, Anne (avec la collab. de Marcel Burger). **Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours.** Berne: Peter Lang, 2001.

ROULET, Eddy.; PIRES, Sueli. Uma visão modular da complexidade discursiva. In: MARI, Hugo. et al. (Org.) **Análise do discurso:** fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso- FALE/UFMG, 2001. p. 61-91.

RUFINO, Janaína de Assis. **As mulheres de Chico Buarque:** análise da complexidade discursiva de canções produzidas no período da ditadura militar. 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado em linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, Belo Horizonte, 2006.

RUFINO, Janaína de Assis. A Rita- Documento histórico de um tempo. In: MARINHO, Janice Helena Chaves.; PIRES, Maria Sueli de Oliveira.; VILLELA, Ana Maria Nápoles. (Org.). **Análise do discurso:** ensaios sobre a complexidade discursiva. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007.

SINCLAIR, John. COULTHARD, Malcolm. **Towards an analysis of discourse.** Oxford: University Press, 1975.

SOARES, Isabel Cristina. Teoria Modular: Além das divisões teórico-disciplinares. In: MARINHO, Janice Helena Chaves.; PIRES, Maria Sueli de Oliveira.; VILLELA, Ana Maria Nápoles. (Org.). **Análise do discurso**: ensaios sobre a complexidade discursiva. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007.

SOUZA, Eliane Aparecida de. **As dimensões discursivas do texto escrito**: análise de fatores interacionais, argumentativos e enunciativos constituintes de textos-resposta a questões de vestibular. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, Belo Horizonte, 2001.

TOMAZI, Micheline Mattedi.; CARMELINO, Ana Cristina. Slogan político: ethos e polifonia em questão. In: **Contextos linguísticos**. 4ª ed. Vitória, 2010. p. 111-130.

ANEXO

“O BRASIL PODE MAIS”

(1) Venho hoje, (2) aqui, (3) falar do meu amor pelo Brasil; (4) falar da minha vida; (5) falar da minha experiência; (6) falar da minha fé; (7) falar das minhas esperanças no Brasil. (8) E mostrar minha disposição de assumir esta caminhada. (9) Uma caminhada que vai ser longa e difícil (10) mas com que ajuda de Deus e com força do povo brasileiro será com certeza vitoriosa.

(11) Alguns dias atrás, (12) terminei meu discurso de despedida do Governo de São Paulo (13) afirmando minha convicção de que o Brasil pode mais. (14) Quatro palavras, em meio a muitas outras. (15) Mas que ganharam destaque (16) porque traduzem de maneira simples e direta o sentimento de milhões de brasileiros: (17) o de que o Brasil, de fato, pode mais. (18) E é isto que está em jogo nesta hora crucial!

(19) Nos Últimos 25 anos, (20) o povo brasileiro alcançou muitas conquistas: (21) retornamos a democracia, (22) arrancamos nas ruas o direito de votar para presidente, (23) vivemos hoje num país sem censura e com imprensa livre. (24) Somos um Estado de Direito Democrático. (25) Fizemos uma nova Constituição, (26) escrita por representantes do povo. (27) Com o plano Real, (28) o Brasil transformou sua economia a favor do povo, (29) controlou a inflação, (30) melhorou a renda e a vida dos mais pobres, (31) inaugurou uma nova Era no Brasil. (32) Também conquistamos a responsabilidade fiscal dos governos. (33) Criamos uma agricultura mais forte, uma indústria eficiente e um sistema financeiro sólido. (34) Fizemos o Sistema Único de Saúde, (35) conseguimos as crianças na escola, (36) diminuimos a miséria, (37) ampliamos o consumo e o crédito, (38) principalmente para os brasileiros mais pobres. (39) Tudo isso em 25 anos. (40) Não foram conquistas de um só homem ou de um só governo, muito menos de um só partido. (41) Todas são resultado de 25 anos de estabilidade democrática, luta e trabalho. (42) E nós somos militantes dessa transformação, protagonistas mesmo, (43) contribuimos para essa história de progresso e de avanços do nosso país. (44) Nós podemos nos orgulhar disso.

(45) Mas, se avançamos, (46) também devemos admitir que ainda falta muito por fazer. (47) E se considerarmos os avanços em outros países e o potencial do Brasil, (48) uma conclusão é inevitável: (49) o Brasil pode ser muito mais do que hoje.

(50) Mas para isso, temos de enfrentar os problemas nacionais (51) e resolvê-los, (52) sem ceder à demagogia, às bravatas ou à politicagem. (53) E esse é um bom momento para reafirmarmos nossos valores. (54) começando pelo apreço à Democracia Representativa, (55)

que foi fundamental (56) para chegarmos aonde chegamos. (57) Devemos respeitá-la, (58) defendê-la, (59) fortalecê-la. (60) Jamais afrontá-la.

(61) Democracia e Estado de Direito são valores universais, permanentes insubstituíveis e inegociáveis. (62) Mas não são únicos. (63) Honestidade, verdade, caráter, honra, coragem, coerência, brio profissional perseverança são essenciais ao exercício da política e do poder. (64) É nisso que eu acredito (65) e é assim (66) que eu ajo (67) e continuarei agindo. (68) Este é o momento de falar claro, (69) para que ninguém se engane sobre as minhas crenças e valores. (70) É com base neles (71) que também refirmo: (72) o Brasil, meus amigos e amigas, pode mais.

(73) Governos, como as pessoas têm que ter alma. (74) E a alma que inspira nossas ações é a vontade de melhorar a vida das pessoas que dependem do estudo e do trabalho da saúde e da segurança. (75) Amparar os que estão desamparados.

(76) Sabem quantas pessoas com alguma deficiência física existem no Brasil? (77) mais de 20 milhões (78) - a esmagadora maioria sem o conforto da acessibilidade aos equipamentos públicos e a um tratamento de reabilitação. (79) Os governos, como as pessoas, têm que ser solidários com todos e principalmente com aqueles que são mais vulneráveis.

(80) Quem governa deve acreditar no planejamento de suas ações. (81) Cultivar a austeridade fiscal, (82) que significa fazer melhor e mais com os mesmos recursos. (83) Fazer mais do que repetir promessas. (84) O governo deve ouvir a voz dos trabalhadores e dos desamparados, das mulheres e das famílias, dos servidores públicos e dos profissionais de todas as áreas, dos jovens e dos idosos, dos pequenos e dos grandes empresários, do mercado financeiro, (85) mas também do mercado dos que produzem alimentos, matérias-primas, produtos industriais e serviços essenciais, (86) que são o fundamento do nosso desenvolvimento, a máquina de gerar empregos, consumo e riqueza.

(87) o governo deve servir ao povo, (88) não a partidos e a corporações que não representam o interesse público. (89) Um governo deve sempre procurar unir a nação. (90) De mim, ninguém deve esperar que estimule disputas de pobres contra ricos, ou de ricos contra pobres. (91) Eu quero todos, lado a lado, na solidariedade necessária à construção de um país que seja realmente de todos.

(92) Ninguém deve esperar que joguemos estados do Norte contra estados do Sul, cidades grandes contra cidades pequenas, o urbano contra o rural, a indústria contra os serviços, o comércio contra a agricultura, azuis contra vermelhos, amarelos contra verdes.

(93) Pode ser engraçado no futebol. (94) Mas não é quando se fala de um país (95) E é deplorável (96) que haja gente que, em nome da política, tente dividir o nosso Brasil.

(97) Não aceito o raciocínio do nós contra eles. (98) Não cabe na vida de uma Nação. (99) Somos todos irmãos na pátria. (100) Lutamos pela união dos brasileiros (101) e não pela sua divisão. (102) pode haver uma desavença aqui outra acolá, como em qualquer família. (103) Mas vamos trabalhar somando, (104) agregando. (105) Nunca dividindo. (106) Nunca excluindo. (107) O Brasil tem grandes carências. (108) Não pode perder energia com disputas entre brasileiros. (109) Nunca será um país desenvolvido (110) se não promover um equilíbrio maior entre suas regiões. (111) Entre a nossa Amazônica, o Centro Oeste e o Sudeste. (112) Entre o Sul e o Nordeste. (113) Por isso, conclamo: (114) Vamos juntos. (115) O Brasil pode mais. (116) O desenvolvimento é uma escolha. (117) E faremos essa escolha (118) Estamos preparados para isso.

(119) Ninguém deve esperar que joguemos o governo contra a oposição, (120) porque não o faremos. (121) jamais rotularemos os adversários como inimigos da pátria ou do povo. (122) Em meio século de militância política nunca fiz isso. (123) E não vou fazer. (124) Eu quero todos juntos, cada um com sua identidade, em nome do bem comum.

(125) Na Constituinte fiz a emenda que permitiu criar o FAT, (126) financiar (127) e fortalecer o BNDES (128) e tirar do papel o seguro-desemprego – (129) que hoje beneficia 10 milhões de trabalhadores. (130) Todos os partidos e blocos a apoiaram. (131) No ministério da saúde do governo Fernando Henrique tomou a iniciativa de enviar ou refazer (132) e impulsionar seis projetos de lei e uma emenda constitucional – (133) a criação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária e da Agência Nacional de Saúde, a implantação dos genéricos, a proibição do fumo nos aviões e da propaganda de cigarros, a regulamentação dos planos de saúde, o combate à falsificação de remédios e a PEC 29, (134) que vinculou recursos à Saúde nas três esferas da federação – (135) todos, sem exceção, aprovados pelos parlamentares do governo e da oposição. (136) É assim (137) que eu trabalho: (138) somando (139) e unindo, (140) visando ao bem comum. (141) Os membros do Congresso, (142) que estão me ouvindo, (143) podem testemunhar: (144) suas emendas ao orçamento da Saúde eram acolhidas pela qualidade, (145) nunca devido à sua filiação partidária.

(146) Se o povo assim decidir, (147) vamos governar com todas e com todos, sem discriminar ninguém. (148) Juntar pessoas em vez de separá-las; (149) convidá-las ao diálogo, em vez de segregá-las; (150) explicar os nossos propósitos, em vez de hostilizá-las. (151)

Vamos valorizar o talento, a honestidade e o patriotismo em vez de indagar a filiação partidária.

(152) minha história de vida e minhas convicções pessoais sempre estiveram comprometidas com a unidade do país e com a unidade do seu povo. (153) Sou filho de imigrantes, (154) morei (155) e cresci (156) num bairro de trabalhadores que vinham de todas as partes, da Europa, do Nordeste, do Sul. (157) Todos em busca de oportunidade e de esperança.

(158) A liderança no movimento estudantil me fez conhecer (159) e conviver (160) com todo Brasil logo ao final da minha adolescência. (161) Aliás, na época, (162) aprendi mesmo a fazer política no Rio, em Minas, na Bahia e em Pernambuco, aos 21 anos de idade. (163) O longo exílio me levou sempre a enxergar (164) e refletir sobre o nosso país como um todo.

(165) Minha história pessoal está diretamente vinculada à valorização do trabalho, à valorização do esforço, à valorização da dedicação. (166) Lembro-me do meu pai, um modesto comerciante de frutas no mercado municipal: (167) doze horas de jornada de trabalho nos dias úteis, dez horas no sábado, cinco horas aos domingos. (168) Só não trabalhava no dia 1 de Janeiro. (169) Férias? (170) Um luxo, (171) pois deixava de ganhar o dinheiro da nossa subsistência. (172) Um homem austero, severo, digno. (173) Seu exemplo me marcou na vida e na compreensão do que significa o amor familiar de um trabalhador: (174) ele carregava caixas de frutas (175) para que um dia eu pudesse carregar caixas de livros.

(176) E eu me esforço para tornar digno o trabalho de todo homem e mulher, do ser humano como ele foi. (177) Porque vejo a imagem de meu pai em cada trabalhador. (178) Eu a vi outro dia, na inauguração do Rodoanel, (179) quando um dos operários fez questão de me mostrar com orgulho seu nome no mural que eu mandei fazer para exibir a identidade de todos os trabalhadores que fizeram aquela obra espetacular. (180) Por que o mural? (181) Por justo reconhecimento (182) e porque eu sabia que despertaria neles o orgulho de quem sabe exercer a profissão. (183) Um momento de revelação a si mesmo de que eles são os verdadeiros construtores nesta nação.

(184) Eu vejo uma criança na escola o menino que eu fui, cheio de esperanças, com o peito cheio de crença no futuro. (185) Quando prefeito (186) e quando governador, (187) passei anos indo às escolas (188) para dar aula (de verdade) à criançada da quarta série. (189) Ia reencontrar-me comigo mesmo. (190) Porque tudo o que eu sou aprendi em duas escolas: a

escola pública e a escola da vida pública. (191) Aliás, e isto é um perigo dizer, (192) com frequência uso senhas de computadores baseadas no nome de minhas professoras no curso primário. (193) E toda vez que escrevo lembro da sua fisionomia, da sua voz, do seu esforço, e até das broncas, de um puxão de orelhas, (194) quando eu fazia alguma bagunça.

(195) Mas é por isso tudo que sempre lutei (196) e luto tanto pela educação de milhões de filhos do Brasil. (197) No país com que sonho para os meus netos, (198) o melhor caminho para o sucesso e a prosperidade será a matrícula numa boa escola, (199) e não a carteirinha de um partido político. (200) E estou convencido de uma coisa: (201) bons prédios, serviços adequados de merenda, transporte escolar, atividades esportivas e culturais, (202) tudo é muito importante (203) e deve ser aperfeiçoado. (204) Mas a condição fundamental e a melhora de aprendizado na sala de aula, propósito bem declarado pelo governo, (205) mas que praticamente não saiu do papel. (206) Serão necessários mais recursos. (207) Mas pensemos no custo para o Brasil de não ter essa nova Educação em que o filho do pobre frequente uma escola tão boa quanto a do filho do rico. (208) Esse é um compromisso.

(209) É preciso prestar atenção num retrocesso grave dos últimos anos: a estagnação da escolaridade entre os adolescentes. (210) Para essa faixa de idade, (211) embora não exclusivamente para ela, (212) vamos turbinar o ensino técnico e profissional, (213) aquele que vira emprego. (214) Emprego para a juventude, (215) que é castigada pela falta de oportunidades de subir na vida. (216) E vamos fazer de forma descentralizada, em parcerias com estados e municípios, (217) o que garante uma vinculação entre as escolas técnicas e os mercados locais, (218) onde os empregos são gerados. (219) Ensino de qualidade e custos moderados, (220) que nos permitirá multiplicar por dois ou três o número de alunos no país inteiro, num período de governo. (221) Sim, meus amigos e amigas, (222) o Brasil pode mais.

(223) Podemos (224) e devemos fazer mais pela saúde de nosso povo. (225) O SUS foi um filho da constituinte que nós consolidamos no governo passado, (226) fortalecendo a integração entre união, Estados e Municípios; (227) carreando mais recursos para o setor; (228) reduzindo custos de medicamentos; (229) enfrentando com sucesso a barreira das patentes, no Brasil e na Organização Mundial do Comércio; (230) ampliando o sistema de atenção básica e o programa Saúde da família em todo Brasil; (231) prestigiando o setor filantrópico sério, com quem fizemos grandes parcerias, dos hospitais até a prevenção e promoção da Saúde, como a Pastoral da Criança; (232) fazendo a melhor campanha contra a AIDS do mundo em desenvolvimento; (233) organizando os mutirões; (234) fazendo mais vacinações; (235) ampliando a assistência às pessoas com deficiência; (236) cerceando o

abuso do incentivo ao cigarro e ao tabaco em geral. (237) E muitas outras coisas mais. (238) De fato, e mais pelo que aconteceu na primeira metade do governo, (239) a Saúde estagnou (240) ou avançou pouco. (241) Mas a Saúde pode avançar muito mais. (242) E nós sabemos como fazer isso acontecer.

(243) Saúde é vida, segurança também. (244) Por isso, o governo federal deve assumir mais responsabilidades face à gravidade da situação. (245) E não tirar o corpo fora (246) porque a Constituição atribui aos governos estaduais a competência principal nessa área. (247) Tenho visto gente criticar o Estado Mínimo, o Estado Omissivo. (248) Concordo. (249) Por isso mesmo, se tem área em que o Estado não tem o direito de ser mínimo, de se omitir, (250) é a segurança pública. (251) As bases do crime organizado estão no contrabando de armas e de drogas, (252) cujo combate efetivo cabe às autoridades federais. (253) Ou o governo federal assume de vez, na prática, a coordenação efetiva dos esforços nacionalmente, (254) ou o Brasil não tem como ganhar a guerra contra o crime (255) e proteger nossa juventude.

(256) Qual pai ou mãe de família não se sente ameaçado pela violência, pelo tráfico e pela difusão do uso das drogas? (257) As drogas são hoje uma praga nacional. (258) E aqui também o Governo tem de investir em clínicas e programas de recuperação para quem precisa (259) e não pode ser tolerante com traficantes da morte. (260) Mais ainda se o narcotráfico se esconde atrás da ideologia ou da política. (261) Os jovens são as grandes vítimas. (262) Por isso mesmo, ações preventivas, educativas, repressivas e de assistência precisam ser combinadas com a expansão da qualificação profissional e a oferta de empregos.

(263) Uma coisa que precisa acabar é a falsa oposição entre construir escolas e construir presídios. (264) Muitas vezes, essa é a conversa de quem não faz nem uma coisa nem outra. (265) É verdade que nossos jovens necessitam de boas escolas e de bons empregos, (266) mas, se o indivíduo comete um crime, (267) ele deve ser punido. (268) Existem propostas de impor penas mais duras aos criminosos. (269) Não sou contra, (270) mas talvez mais importante do que isso seja a garantia da punição. (271) O problema principal no Brasil não são as penas supostamente leves. (272) É a quase certeza da impunidade. (273) Um país só tem mais chance de conseguir a paz (274) quando existe a garantia de que a atitude criminosa não vai ficar sem castigo.

(275) Eu quero que meus netos cresçam num país em que as leis sejam aplicadas para todos. (276) Se o trabalhador precisa cumprir a lei, (277) o prefeito, o governador e o presidente da República também tem essa obrigação. (278) Em nosso país, (279) nenhum

brasileiro vai estar acima da lei, (280) por mais poderoso que seja. (281) Na Segurança e na Justiça, (282) o Brasil também pode mais.

(283) Lembro que os investimentos governamentais no Brasil, como proporção do PIB, ainda são dos mais baixos do mundo em desenvolvimento. (284) Isso compromete ou encarece a produção, as exportações e o comércio. (285) Há uma quase unanimidade a respeito das carências da infra-estrutura brasileira: (286) no geral, as estradas não estão boas, (287) faltam armazéns, (288) os aeroportos vivem à beira do caos, (289) os portos, por onde passam nossas exportações e importações, há muito deixaram de atender as necessidades. (290) Tem gente que vê essas carências apenas como um desconforto, um incômodo. (291) Mas essa é uma visão errada. (292) O PIB brasileiro poderia crescer bem mais (293) se a infra-estrutura fosse adequada, (294) se funcionasse de acordo com o tamanho do nosso país, da população e da economia.

(295) Um exemplo simples: (296) hoje, (297) custa mais caro transportar uma tonelada de soja do Mato Grosso ao porto de Paranaguá (298) do que levar a mesma soja do porto brasileiro até a China. (299) Um absurdo. (300) A consequência é menos dinheiro no bolso do produtor, (301) menos investimento e menos riqueza no interior do Brasil. (302) E, sobretudo menos empregos.

(303) Temos inflação baixa, mais crédito e reservas elevadas, (304) o que é bom (305) mas, para que o crescimento seja sustentado nos próximos anos, (306) não podemos ter uma combinação perversa de falta de infra-estrutura, inadequações da política macroeconômica, aumento da rigidez fiscal e vertiginoso crescimento do déficit do balanço de pagamentos. (307) Aliás, o valor de nossas exportações cresceu muito nesta década, (308) devido à melhora dos preços e da demanda por nossas matérias primas. (309) Mas vai ter de crescer mais. (310) Temos de romper pontos de estrangulamento (311) e atuar de forma mais agressiva na conquista de mercados. (312) Vejam que dado impressionante: (313) nos últimos anos, (314) mais de 100 acordos de livre comércio foram assinados em todo o mundo. (315) São um instrumento poderoso de abertura de mercados. (316) Pois o Brasil, junto com o MERCOSUL, assinou apenas um novo acordo (com Israel), (317) que ainda não entrou em vigência!

(318) Da mesma forma, precisamos tratar com mais seriedade a preservação do meio-ambiente e o desenvolvimento sustentável. (319) Repito aqui o que venho dizendo há anos: (320) é possível, sim, fazer o país crescer (321) e defender nosso meio ambiente, (322) preservar as florestas, a qualidade do ar, a contenção das emissões de gás carbônico. (323) É

dever urgente dar a todos os brasileiros saneamento básico, (324) que também é meio ambiente. (325) Água encanada de boa qualidade, esgoto coletado e tratado não são luxo. (326) São essenciais. (327) São Saúde. (328) São cidadania. (329) A economia verde é, ao contrário do que pensam alguns, uma possibilidade promissora para o Brasil. (330) Temos muito por fazer (326) e muito o que progredir, (331) e vamos fazê-lo.

(332) Também não são incompatíveis a proteção do meio ambiente e o dinamismo extraordinário de nossa agricultura, (333) que tem sido a galinha de ovos de ouro do desenvolvimento do país, (334) produzindo os alimentos para nosso povo, (335) salvando nossas contas externas, (336) contribuindo para segurar a inflação (337) e ainda gerar energia! (338) Estou convencido disso (339) e vamos provar o acerto dessa convicção na prática de governo. (340) Sabem por quê? (341) Porque sabemos como fazer (342) e porque o Brasil pode mais!

(343) O Brasil está cada vez maior e mais forte. (344) É uma voz ouvida com respeito e atenção. (345) Vamos usar essa força para defender a autodeterminação dos povos e os direitos humanos, sem vacilações. (346) Eu fui perseguido em dois golpes de estado, (347) tive dois exílios simultâneos, do Brasil e do Chile. (348) Sou sobrevivente do Estádio Nacional de Santiago, (349) onde muitos morreram. (350) Por algum motivo, Deus permitiu que eu saísse de lá com vida. (351) Para mim, direitos humanos não são negociáveis. (352) Não cultivemos ilusões: (353) democracias não têm gente encarcerada ou condenada à força (354) por pensar diferente de quem está no governo. (355) Democracias não têm operários morrendo por greve de fome (356) quando discordam do regime.

(357) Nossa presença no mundo exige que não descuidemos de nossas Forças Armadas e da defesa de nossas fronteiras. (358) O mundo contemporâneo é desafiador. (359), A existência de Forças Armadas treinadas, disciplinadas, respeitadoras da Constituição e das leis foi uma conquista da Nova República. (360) Precisamos mantê-las bem equipadas, (361) para que cumpram suas funções, na dissuasão de ameaças (362) sem ter de recorrer diretamente ao uso da força e na contribuição ao desenvolvimento tecnológico do país.

(363) Como falei no início, (364) esta será uma caminhada longa e difícil. (365) Mas manteremos nosso comportamento a favor do Brasil. (366) Às provocações, vamos responder com serenidade; (367) às falanges do ódio que insistem em dividir a nação vamos responder com nosso trabalho presente e nossa crença no futuro. (368) Vamos responder sempre dizendo a verdade. (369) Aliás, quanto mais mentiras os adversários disserem sobre nós, (370) mais verdades diremos sobre eles.

(371) O Brasil não tem dono. (372) O Brasil pertence aos brasileiros que trabalham; (373) aos brasileiros que estudam; (374) aos brasileiros que querem subir na vida; (375) aos brasileiros que acreditam no esforço; (376) aos brasileiros que não se deixam corromper; (377) aos brasileiros que não toleram os malfeitos; (378) aos brasileiros que não dispõem de uma "boquinha"; (379) aos brasileiros que exigem ética na vida pública (380) porque são decentes; (381) aos brasileiros que não contam com um partido ou com alguma maracutaia (382) para subir na vida.

(383) Este é o povo que devemos mobilizar para a nossa luta; (384) este é o povo que devemos convocar para a nossa caminhada; (385) este é o povo que quer, (386) porque assim deve ser, (387) conservar as suas conquistas, (388) mas que anseia mais. (389) Porque o Brasil, meus amigos e amigas, pode mais. (390) E, por isso, tem de estar unido. (391) O Brasil é um só.

(392) Pretendo apresentar ao Brasil minha história e minhas ideias. (393) Minha biografia. (394) Minhas crenças e meus valores. (395) Meu entusiasmo e minha confiança. (396) Minha experiência e minha vontade.

(397) Vou lhes contar uma coisa. (398) Desde cedo, (399) quando entrei na vida pública, (400) descobri qual era a motivação maior, a mola propulsora da atividade política. (401) Para mim, a motivação é o prazer. (402) A vida pública não é sacrifício como tantos a pintam, (403) mas sim um trabalho prazeroso. (404) Só que não é o mero prazer do desfrute. (405) É o prazer da frutificação. (406) Não é um sonho de consumo (407) É um sonho de produção e de criação. (408) Aprendi desde cedo que servir é bom, (409) nos faz felizes, (410) porque nos dá o sentido maior de nossas existências, (411) porque nos traz uma sensação de bem estar muito mais profunda do que quaisquer confortos ou vantagens propiciados pelas posições de Poder. (412) Aprendi que nada se compara à sensação de construir algo de bom e duradouro para a sociedade em que vivemos, (413) de descobrir soluções para os problemas reais das pessoas, (414) de fazer acontecer.

(415) O grande escritor mineiro Guimarães Rosa escreveu: (416) O correr da vida embrulha tudo. (417) A vida é assim: (418) esquenta (419) e esfria, (420) aperta (421) e daí afrouxa, (422) sossega (423) e depois desinquieta. (424) O que ela quer da gente é coragem.

(425) Concordo. (426) É da coragem que a vida quer que nós precisamos agora. (427) Coragem para fazer um projeto de País, com sonhos, convicções e com o apoio da maioria.

(428) Juntos, (429) vamos construir o Brasil que queremos, mais justo e mais generoso. (430) Eleição é uma escolha sobre o futuro. (431) Olhando pra frente, sem

picuinhas, sem mesquinhas, (432) eu me coloco diante do Brasil, hoje, com minha biografia, minha história política e com esperança no nosso futuro. (433) E determinado a fazer a minha parte (434) para construir um Brasil melhor. (435) Quero ser o presidente da união. (436) Vamos juntos, brasileiros e brasileiras, (437) porque o Brasil pode mais."